

Olhares e Memórias:
Representações históricas do Rio São Francisco e da paisagem urbana de Penedo/AL
Flávia Campos Cerullo

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM URBANISMO – PROURB

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**OLHARES E MEMÓRIAS:
REPRESENTAÇÕES HISTÓRICAS DO RIO SÃO FRANCISCO E DA PAISAGEM URBANA DE PENEDO - AL**

Flávia Campos Cerullo

RIO DE JANEIRO
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM URBANISMO – PROURB

Flávia Campos Cerullo

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**OLHARES E MEMÓRIAS:
REPRESENTAÇÕES HISTÓRICAS DO RIO SÃO FRANCISCO E DA PAISAGEM URBANA DE PENEDO - AL**

Orientadora: Prof. Dra. Lucia Maria Sá Antunes Costa

Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Urbanismo.

Rio de Janeiro
2009

C418

Cerullo, Flávia Campos,

Olhares e memórias: representações históricas do Rio São Francisco e da paisagem urbana de Penedo - AL/ Flávia Campos Cerullo. – Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2009.

133f. Il.; 30 cm.

Orientador: Lucia Maria Sá Antunes Costa.

Dissertação (Mestrado) – UFRJ/PROURB/Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, 2009.

Referências bibliográficas: p.128-133.

1. Paisagem. 2. Penedo (Maceió, AL). 3. Rios urbanos. 4. Iconografia. I. Costa, Lucia Maria Sá Antunes. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo. III. Título.

CDD 712

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM URBANISMO – PROURB

Flávia Campos Cerullo

**OLHARES E MEMÓRIAS:
REPRESENTAÇÕES HISTÓRICAS DO RIO SÃO FRANCISCO E DA PAISAGEM URBANA DE PENEDO - AL**

Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Urbanismo.

Aprovada em: ____/____/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Lucia Maria Sá Antunes Costa
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFRJ

Prof. Dra. Maria Angélica da Silva
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL

Prf. Dra. Ivete Mello Farah
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFRJ

Ao meu pai José Mauro Cerullo.

AGRADECIMENTOS

O mestrado nunca significou para mim apenas um título. Eu queria mesmo a vivência em outra cidade e os conhecimentos que iria adquirir em outra universidade. Porém, passar por esses três anos e terminar esta dissertação significou ainda muito mais. A dificuldade não estava nas disciplinas, na pesquisa, ou mesmo nos capítulos, estava em seguir em frente. A ausência do meu pai, sempre meu maior incentivador, me fez desacreditar em mim e continuar a vida sem ele foi e é o meu maior desafio. Por muito tempo duvidei que conseguiria e ele não estava para dizer que sim ou para me amparar se algo desse errado.

Enfim, o mais doloroso foi tomar seu lugar e dizer para mim mesma que eu iria conseguir. Difícil é, verdadeiramente, acreditar que posso continuar a buscar e a realizar meus sonhos.

Por esta conquista, agradeço a todos que estiveram comigo, que me ajudaram e foram muito importantes nesse longo caminho...

À minha mãe e à minha irmã, que conseguiram segurar metade do meu chão, onde eu me apoiei durante todo esse tempo. Metade do meu chão se foi, mas a que ficou me dá forças pra reconstruí-lo.

À Angélica, cujo carinho e dedicação me deixam mais uma vez sem palavras, por sempre buscar o melhor que eu posso oferecer tentando aprimorar o meu trabalho.

À Lucia, por sua compreensão, atenção e amabilidade, que com muita dificuldade conseguiu me orientar. Pelas ausências, minhas sinceras desculpas.

Aos meus amigos de turma, em especial ao Sergio, Aline, Luisa, e agregada Ana, que além de me ensinarem muito e me ajudarem no Rio de Janeiro, tornaram tudo muito mais divertido.

Ao Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, em nome da Bianca, que dividiu comigo os encantos e enigmas de Penedo, e da Roseline, um

exemplo e uma doce presença, pelas discussões e ensinamentos sobre tudo.

À minha família carioca, por me acolher com tanto carinho, em especial a Tina, Tio Ric, Anne e Felipe.

À minhas novas irmãs, Eugênia e Núbia, por tudo! Pelos momentos inesquecíveis, de tristeza, de alegria, de dúvida, de companheirismo.

Aos amigos alagoanos, Luizinho e Renan, pelas longas conversas e cobranças, e Alice, em resumo, pela presença, sempre!

E à Irainê, com quem eu aprendo a entender a minha mente, ouvir meu coração, por me fazer acreditar que eu conseguiria e que eu posso, enfim, seguir...

RESUMO

CERULLO, Flávia Campos. Olhares e Memórias: representações históricas do Rio São Francisco e da paisagem urbana de Penedo - AL. Rio de Janeiro, 2009. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

A relação entre rios e cidades é tratada nesta dissertação a partir do Rio São Francisco e sua ligação histórica com a cidade alagoana de Penedo, possivelmente a primeira povoação instalada às suas margens, podendo datar da primeira metade do século XVI. No centro das discussões ambientais pelas modificações feitas em seu curso, o Rio São Francisco foi um importante caminho na formação territorial brasileira. Enquanto Penedo, um dos primeiros núcleos urbanos de Alagoas, possui um significativo conjunto urbano colonial, com destaque para as igrejas e os sobrados, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Partindo dessas questões, investigam-se alguns períodos na história de Penedo indagando sobre o seu convívio com o Rio São Francisco, com atenção para a forma como essa relação foi percebida. Desde os primeiros momentos de formação do povoado pessoas

passaram por Penedo, seguiram o curso do Rio São Francisco e registraram suas impressões. Através desses olhares, que sob variados suportes gravaram sua percepção, será reconstruída a paisagem da cidade, banhada pelas águas do São Francisco. Verdadeiros “filtros culturais”, esses olhares vão desde os colonizadores estrangeiros, nos séculos XVI e XVII, até os autores alagoanos do século XX. Devido a sua importância histórica, Penedo pode ser considerada privilegiada em relação à quantidade de material produzido desde que era vila, em meados do século XVII. Sendo assim, as fontes de investigação são inúmeras e diversificadas e compõem-se de textos - relatórios administrativos, relatos de guerra, cartas, diários; e imagens - pinturas, gravuras, fotografias. Este trabalho se detém na interpretação e análise desse rico material apresentado ao longo dos capítulos, objetivando reconstruir a paisagem descobrindo as relações entre o rio e a cidade em momentos históricos de Penedo.

Palavras-chave: paisagem, rios urbanos, cidade colonial.

ABSTRACT

CERULLO, Flávia Campos. Olhares e Memórias: representações históricas do Rio São Francisco e da paisagem urbana de Penedo - AL. Rio de Janeiro, 2009. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

The relationship between rivers and cities is treated in this dissertation from the São Francisco River and its historic connection with the city of Penedo, in Alagoas, possibly the first settlement established on its banks, which may date from the first half of the sixteenth century. In the center of the environmental discussions caused by the changes made in its course, the São Francisco River was an important way in Brazilian territorial formation. While Penedo, one of the first urban areas of Alagoas, has a significant colonial urban group, with emphasis on the churches and houses with two or the first floor, tumbled by the Institute of National Historical and Artistic Heritage. Starting from these questions, some periods in the history of Penedo are investigated inquiring about its meeting with the São Francisco River, with attention to how this relationship was perceived. From the first moments of formation of the

village people went through Penedo, followed the course of the São Francisco River and recorded their impressions. Through these eyes, which under various supports recorded their perception, will be rebuilt the landscape of the city, bathed by the waters of the São Francisco. Real "cultural filters", these views go from the foreign settlers in the XVI and XVII centuries, until the authors from Alagoas of the twentieth century. Due to its historical importance, Penedo can be considered privileged with respect to the quantity of material produced since it was a village, in the middle of the seventeenth century. Thus, sources of research are many and varied and are made up of texts - administrative reports, reports of war, letters, diaries - and images - paintings, prints, photographs. This work detains itself in the interpretation and analysis of this rich material presented throughout the chapters, aiming to reconstruct the landscape discovering the relationship between the river and the city in some historical times of Penedo.

Keywords: landscape, urban rivers, colonial city.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: LOCALIZAÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO NO BRASIL. FONTE: CALDAS, JOSÉ E CARVALHO, MURILO. BAIXO SÃO FRANCISCO – THE LOWER SÃO FRANCISCO RIVER. RIO DE JANEIRO: DDESENHO, 1993.....	18
FIGURA 2: BAIXO SÃO FRANCISCO, DETALHE DO MAPA ANTERIOR. FONTE: CALDAS, JOSÉ E CARVALHO, MURILO. BAIXO SÃO FRANCISCO – THE LOWER SÃO FRANCISCO RIVER. RIO DE JANEIRO: DDESENHO, 1993.....	19
FIGURA 3: FOTOGRAFIA AÉREA DE PENEDO, 2000. FONTE: CODEVASF.....	19
FIGURA 4: VISTA DE PENEDO. FONTE: WWW.CANALPENEDO.COM.BR, ACESSADO EM MARÇO DE 2007.	19
FIGURA 6: PERFIL DE PENEDO, 2007. FONTE: FLÁVIA CERULLO.	30
FIGURA 7: REGIÃO SUL DA CAPITANIA DE PERNAMBUCO, COM DESTAQUE PARA O RIO SÃO FRANCISCO, LIMITE DO TERRITÓRIO. SÃO REPRESENTADOS E INDICADOS NA LEGENDA: PORTOS, CACHOEIRAS, SERRAS, ILHAS, CACHOEIRAS E SUMIDOURO, ALÉM DA FOZ E DE AFLUENTES DO RIO.	39
FIGURA 8: INTITULADO ESTADO DO BRASIL, INDICA AS CAPITANIAS HEREDITÁRIAS, TRIBOS INDÍGENAS, PORTOS E RIOS, COM UM GRANDE TRECHO DO SÃO FRANCISCO.....	40
FIGURA 9: CARTA DA COSTA QUE SE ESTENDE DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS ATÉ A BARRA DO RIO SÃO FRANCISCO, DO QUAL É APRESENTADA SUA FOZ E CACHOEIRA. ESTÃO PRESENTES TAMBÉM ALGUNS NÚCLEOS URBANOS, COMO A CIDADE DE SALVADOR E DE SÃO CRISTÓVÃO, NOMEADAS.....	40
FIGURA 10: CARTA COMPREENDIDA ENTRE O RIO GUARATUBA E A PONTA DOS PESCADORES, COM UM TRECHO DA CAPITANIA DE PERNAMBUCO. MOSTRA ESSENCIALMENTE PORTOS, RIOS E BARRAS DE ACESSO AO CONTINENTE. O RIO SÃO FRANCISCO ESTÁ BEM TÍMIDO À ESQUERDA NA IMAGEM.	41
FIGURA 11: REGIÃO SUL DA CAPITANIA DE PERNAMBUCO, COM A REPRESENTAÇÃO DAS MASSAS DE ÁGUA E PORTOS, COM DESTAQUE PARA RIO SÃO FRANCISCO.	41
FIGURA 13: PRAEFECTURA DE PERNAMBUCAE PARS MERIDIONALIS, GEORGE MARCGRAVE. FONTE: BARLÉU, GASPAR. <i>HISTÓRIA DOS FEITOS RECENTEMENTE PRATICADOS DURANTE OS OITO ANOS NO BRASIL, (1647)</i> . RIO DE JANEIRO: INSTITUTO DA BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO. CDROM.	55
FIGURA 14: SEM TÍTULO, 1637, FRANS POST. FONTE: REIS, NESTOR GOULART. IMAGENS DE VILAS E CIDADES DO BRASIL COLONIAL. SÃO PAULO: FAPESP, 2000.....	56

FIGURA 15: “CASTRUM MAURITY AD RIPAM FLUMINIS S. FRANCISCI”, 1647, FRANS POST. FONTE: HERKENHOFF, PAULO (ORG.) O BRASIL E OS HOLANDESES: 1630-1654. RIO DE JANEIRO: SEXTANTE ARTES, 1999.	57
FIGURA 16: “KAART VAN HET FORT T WELK GRAAF – MAURITS VAN NASSAUN ...”, 1666, J. VINGBOONS, FONTE: REIS, NESTOR GOULART. IMAGENS DE VILAS E CIDADES DO BRASIL COLONIAL. SÃO /PAULO: FAPESP, 2000.	58
FIGURA 17: “O RIO SÃO FRANCISCO”, 1638, FRANS POST. FONTE: REIS, NESTOR GOULART. IMAGEM DE VILAS E CIDADES DO BRASIL COLONIAL. SÃO PAULO: FAPESP, 2000.	60
FIGURA 18: “CASTRUM MAURITY AD RIPAM FLUMINI S. FRANCISCI”, 1647, FRANS POST. FONTE: O BRASIL E OS HOLANDESES: 1630 – 1654. (ORG.). HERKENHOFF, PAULO. RIO DE JANEIRO, SEXTANTE ARTE. 1999.	61
FIGURA 19: “MAURITIUS”, 1666, J. VINGBOONS. FONTE: REIS, NESTOR GOULART. IMAGEM DE VILAS E CIDADES DO BRASIL COLONIAL. SÃO PAULO: FAPESP, 2000.	63
FIGURA 20: PORTO EM RECORTES DAS FIGURAS 16, 17 E 18.	64
FIGURA 24: MAPA DE LOCALIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS. INFOGRÁFICO: FLÁVIA CERULLO.	100
FIGURA 25: AVENIDA FLORIANO PEIXOTO, 1907. FONTE: ACERVO IHGAL.	101
FIGURA 26: AVENIDA FLORIANO PEIXOTO, 1920. FONTE: ACERVO IHGAL.	101
FIGURA 27: AVENIDA FLORIANO PEIXOTO, 1912. FONTE: ACERVO IHGAL.	101
FIGURA 28: AVENIDA FLORIANO PEIXOTO, 1918. FONTE: ACERVO IHGAL.	101
FIGURA 29: AVENIDA FLORIANO PEIXOTO, 2007. FONTE: FLÁVIA CERULLO.	102
FIGURA 30: MAPA DE LOCALIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS. INFOGRÁFICO: FLÁVIA CERULLO.	102
FIGURA 31: RUA DÂMASO DO MONTE, 1920. FONTE: ACERVO IHGAL.	102
FIGURA 32: RUA DAMASO DO MONTE, 2007. FONTE: FLÁVIA CERULLO.	103
FIGURA 33: MAPA DE LOCALIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS. INFOGRÁFICO: FLÁVIA CERULLO.	103
FIGURA 34: AVENIDA DUQUE DE CAXIAS, 1912. FONTE: ACERVO IHGAL.	104
FIGURA 35: AVENIDA DUQUE DE CAXIAS, 1915. FONTE: ACERVO IHGAL.	104
FIGURA 36 AVENIDA DUQUE DE CAXIAS, 1915. FONTE: ACERVO IHGAL.	104
FIGURA 37: AVENIDA DUQUE DE CAXIAS, 2007. FONTE: FLÁVIA CERULLO.	104
FIGURA 38: SOBRADOS DA AVENIDA DUQUE DE CAXIAS AO FUNDO, 2007. FONTE: FLÁVIA CERULLO.	105
FIGURA 39: MAPA DE LOCALIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS. INFOGRÁFICO: FLÁVIA CERULLO.	105
FIGURA 40: CAIS, 1950. FONTE: ACERVO IHGAL.	106
FIGURA 41: CAIS EM VISITA DA FORÇA TAREFA DA MARINHA, 1960. FONTE: ACERVO IHGAL.	106
FIGURA 42: CAIS, 2007. FONTE: FLÁVIA CERULLO.	106
FIGURA 43: CAIS, 2007. FONTE: FLÁVIA CERULLO.	106
FIGURA 44: EMBARCAÇÕES NO CAIS DE PENEDO, 1920. FONTE: ACERVO IHGAL.	107
FIGURA 45: EMBARCAÇÕES NO CAIS DE PENEDO, 1920. FONTE: ACERVO IHGAL.	107
FIGURA 46: EMBARCAÇÃO NO RIO SÃO FRANCISCO, 1920. FONTE: ACERVO IHGAL.	108
FIGURA 47: EMBARCAÇÃO NO RIO SÃO FRANCISCO, 1918. FONTE: ACERVO IHGAL.	108
FIGURA 48: EMBARCAÇÃO NO RIO SÃO FRANCISCO, SEM DATA. FONTE: ARQUIVO CRISTINA SANCHEZ.	108
FIGURA 49: EMBARCAÇÕES NO RIO SÃO FRANCISCO, SEM DATA. FONTE: ARQUIVO CRISTINA SANCHEZ.	108
FIGURA 50: BARCOS ATRACADOS, 2007. FONTE: FLÁVIA CERULLO.	109
FIGURA 51: BARCOS NO CAIS DE PENEDO, 2007. FONTE: FLÁVIA CERULLO.	109
FIGURA 52: Balsa fazendo a travessia entre Penedo e Neópolis, 2007. FONTE: FLÁVIA CERULLO.	109
FIGURA 53: MAPA DE LOCALIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS. INFOGRÁFICO: FLÁVIA CERULLO.	110
FIGURA 54: INUNDAÇÃO, 1905. FONTE: ACERVO IHGAL.	111
FIGURA 55: AVENIDA FLORIANO PEIXOTO, 1906. FONTE: ACERVO IHGAL.	111
FIGURA 56: RUA DÂMASO DO MONTE, 1905. FONTE: ACERVO IHGAL.	111
FIGURA 57: IGREJA DE SÃO GONÇALO GARCIA, SEM DATA. FONTE: ARQUIVO CRISTINA SANCHEZ.	111
FIGURA 58: HOTEL DOS VIAJANTES, SEM DATA. FONTE: ARQUIVO CRISTINA SANCHEZ.	112
FIGURA 59: MAPA DE LOCALIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS. INFOGRÁFICO: FLÁVIA CERULLO.	113
FIGURA 60: ASSOCIAÇÃO COMERCIAL, SEM DATA. FONTE: ARQUIVO CRISTINA SANCHEZ.	113
FIGURA 61: HOTEL SÃO FRANCISCO, SEM DATA. FONTE: ARQUIVO CRISTINA SANCHEZ.	113
FIGURA 64: VISTA DE PENEDO, ROCHEIRA, 1920. FONTE: ACERVO IHGAL.	116
FIGURA 65: VISTA DE PENEDO, PERIFERIA, 1910. FONTE: ACERVO IHGAL.	116
FIGURA 66: VISTA DO CONVENTO SANTA MARIA DOS ANJOS, 1920. FONTE: ACERVO IHGAL.	117
FIGURA 67: VISTA DO CONVENTO SANTA MARIA DOS ANJOS, 2009. FONTE: ALICE JARDIM.	117
FIGURA 68: VISTA DE PENEDO, PERIFERIA, 1918. FONTE: ACERVO IHGAL.	118

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	182
CAPÍTULO 1: OLHARES DE DESCOBERTA	25
1.1 PENEDO E O RIO SÃO FRANCISCO	30
1.2 ESCRITOS PORTUGUESES	33
1.3 CARTOGRAFIA PORTUGUESA.....	37
1.4 SEGUINDO OS CAMINHOS DA DESCOBERTA.....	42
CAPÍTULO 2: OLHARES DE CONQUISTA	46
2.1 ESCRITOS HOLANDESES	48
2.2 ICONOGRAFIA HOLANDESA	53
2.3 DESVENDANDO AS MARCAS DA CONQUISTA	68
CAPÍTULO 3 : OLHARES DE FASCÍNIO	71
3.1 O RELATÓRIO HALFELD	75
3.2 O DIÁRIO DO IMPERADOR	79
3.3 OS RELATOS DE MÉDICOS VIAJANTES	80
3.4 CONTEMPLANDO A PAISAGEM EM PALAVRAS.....	85
CAPÍTULO 4: OLHARES DE NOSTALGIA.....	89
4.1 ESCRITOS ALAGOANOS.....	91
4.2 FOTOGRAFIAS	97
4.2.1 <i>Ruas e Avenidas</i>	100
4.2.2 <i>Embarcações</i>	107
4.2.3 <i>Enchentes</i>	109
4.2.4 <i>Arquitetura</i>	112
4.2.5 <i>Panorâmicas</i>	113
4.3 RESGATANDO AS CAMADAS DO TEMPO EM PENEDO	118
CONCLUSÃO	121
BIBLIOGRAFIA	128



Introdução

Alcançar um lugar ideal para permanência é o ponto de partida para nascer uma povoação. As pessoas naturalmente se instalam onde encontram meios para a sua sobrevivência. A relação do ser humano com o lugar inicia-se a partir da natureza, quando essa supre as suas necessidades, onde a água é um dos seus principais elementos, indispensável para a existência humana. Por isso, na escolha de um lugar para se fixar, a presença da água é fundamental. Não é por acaso que hoje continua sendo uma das principais preocupações da humanidade e a possibilidade de sua falta revela-se um dos grandes problemas para o futuro do planeta.

Além da funcionalidade, os aspectos simbólicos, ou seja, os significados da água para o ser humano, também levam os assentamentos para suas proximidades. Para muitas religiões, a água é considerada como sendo o

ponto de partida para o surgimento da vida, um símbolo do Gênese, do nascimento. Em algumas delas, os templos eram construídos na proximidade de uma fonte ou mesmo sobre ela. As religiões cristãs a consideram como símbolo do renascimento, razão pela qual é usada nas cerimônias de batismo. Também é freqüente sua ligação com a saúde física ou mental, com a fertilidade, com a abundância, com a purificação e com a renovação, reportando muitas vezes à origem.

Avançando para outro momento, Bachelard, em um ensaio sobre a imaginação da matéria, apresenta a sua visão de que a água é objeto de uma das maiores valorizações do pensamento humano: a valorização da pureza. O autor indaga: “Que seria da idéia de pureza sem a imagem de uma água límpida e cristalina, sem esse belo pleonasma que nos fala de uma água pura?” e conclui que a água acolhe todas as imagens da pureza.

¹ Segundo ele, esse sonho da purificação, sugerido pela água límpida, deve ser aproximado ao sonho da renovação, sugerido pela água fresca, já

¹ BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 15.

que o frescor é um adjetivo da água e componente de sua poesia. Dessa forma ele sugere: “Mergulha-se na água para renascer renovado”. ²

O mesmo autor diz ser toda paisagem uma experiência onírica. Considerada como uma construção cultural, a paisagem urbana é permeada por todos os valores e significados de seus elementos, inclusive a água. A partir da vivência das pessoas impregnada dessa carga simbólica, cria-se uma relação de intimidade com a paisagem, assim como propõe Bachelard que seu leitor reconheça um tipo de intimidade na água.

A discussão sobre o efeito causado pelas águas no ser humano atravessa os tempos e acompanha as transformações do mundo. Nas cidades, que muitas vezes buscaram se formar adjacentes a esse elemento natural, a relação é mutante. Mar, lagoa ou rio atraíram em alguns momentos e repeliram em outros o tecido urbano. Períodos e valores culturais distintos levam a cidade a se aproximar e se afastar da água ao longo da

² Ibid., p. 151.

história. Hoje, existe um poder de atração que vai além do aspecto funcional, reforçado pelas belas paisagens que as massas de água proporcionam, pelos cenários que criam na maioria dos casos, principalmente quando recebem um tratamento adequado e mantêm um ambiente saudável.

É fato que as águas causam algum tipo de efeito sobre as pessoas e as cidades, exercendo influência na sua formação e desenvolvimento enquanto elemento natural componente do sítio urbano. No processo de produção territorial podem ter induzido, muitas vezes, a definição do traçado urbano, além de, ao longo do tempo, ter alternado funções como transporte, lazer, comércio, entre outras.

Entre as diversas formas de massas de água os rios respondem a muitas das questões referentes às necessidades humanas, pois também é alimento e comunicação. Os rios são caminhos e às suas margens se formam as mais variadas formas de aglomeração humana.

Essa relação entre os rios e os núcleos habitados é historicamente estudada, sendo comum que se apresentem, principalmente, razões funcionais e racionalistas. De que forma o ser humano se liga ao rio? Como eles convivem? Quais são os movimentos da cidade que se constroem às margens desse elemento natural? Como eles interagem ao longo do tempo? Interessa saber como a história de um interfere na do outro? O rio é um caminho fluido, contínuo, e a cidade mutante com sua história que é construída a cada dia. São chamados “rios urbanos”, o que pode dizer que talvez a presença da cidade seja tão forte sobre eles que chegam a caracterizá-los.

Hoje, quando a maior parte se encontra ambientalmente degradada e marginalizada, em uma época onde está sendo amplamente discutida a questão ambiental, há um movimento de valorização e recuperação dos rios urbanos e suas paisagens. Mas nem sempre foi assim, nem sempre os rios foram notados da mesma forma. Se hoje são apreciadas suas riquezas ambientais e paisagísticas, querendo sempre voltar-se para ele, muitas

vezes quis se afastar, pois sua presença se fazia um incômodo, trazendo diversos problemas.

Grande parte da literatura argumenta sobre a importância dos rios na formação das cidades pela questão funcional, com a sua presença e estrutura sendo consideradas determinantes na formação e crescimento urbanos. Porém, pode acontecer uma conjunção de fatores que definem a construção da paisagem sendo o rio apenas um deles, talvez se tornando coadjuvante em alguns momentos.

A importância dos rios no surgimento e desenvolvimento das cidades é historicamente averiguada, sendo um assunto abordado por estudiosos de diversas áreas de conhecimento. Em caráter geral, no urbanismo, Mumford considera o rio como:

“[...] componente mais dinâmico da cidade, sem o qual ela não poderia ter continuado a aumentar em tamanho, alcance e produtividade: trata-se do primeiro meio eficiente de transporte em massa, as vias aquáticas. Não foi por acaso que o primeiro crescimento das cidades teve lugar em vales

de rios; e o aparecimento da cidade é contemporâneo dos aperfeiçoamentos da navegação, desde o feixe flutuante de juncos ou de troncos até o barco impelido por remos ou velas”.³

Segundo as conclusões do autor, esse elemento natural ativo na cidade, além de garantir algumas de suas funções básicas como produção e transporte, seria, por isso, responsável pelo seu crescimento.

De forma mais precisa, Mann apresenta um dos primeiros estudos que expõem as relações entre rios e cidades, trabalhando a partir de quinze exemplos onde destaca os rios como elementos estruturadores do sítio urbano. O estudo aborda os valores ambientais e as problemáticas que envolvem as áreas que margeiam os rios dentro da malha urbana, ressaltando sua importância como corredor biológico, e seu potencial econômico e urbanístico para uso das cidades. Para Mann “Os rios urbanos constituem-se, muitas vezes, na própria razão de ser das cidades, exercendo um papel fundamental nas formas de implantação e

³ MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 84.

estruturação das paisagens urbanas”.⁴ O autor destaca, principalmente, o aspecto histórico e ambiental dos rios, deixando de lado a importância desses corredores naturais para a formação cultural dos habitantes das cidades, usuários das margens fluviais. Entre os exemplos tratados pelo autor destacam-se o Rio Sena, em Paris, o Rio Tamisa, em Londres, e o Rio Arno, em Florença, como exemplos significativos da valorização das águas no meio urbano e do direcionamento do desenho das cidades a partir deles.

No Brasil, os estudos sobre o tema também avançam. Dissertações e teses têm os rios urbanos como objetos de estudo em diversos campos, demonstrando a interdisciplinaridade do tema. Observa-se, então, que o interesse pelas águas urbanas é vasto e as discussões propostas são direcionadas para âmbitos diversos, como o ambiental, o ecológico ou paisagístico cultural.

⁴ MANN, Roy. **Rivers in the City**. Nova Iorque: Praeger Publishers, 1973.

Recente publicação, *“Rios e paisagens urbanas em cidades brasileiras”*⁵ traz à discussão um conjunto de pesquisas sobre rios urbanos, sob diferentes perspectivas. Observando as cidades e seus rios como ponto de partida, busca contribuir para a valorização dos recursos hídricos em ambientes urbanos procurando compreender os processos que levaram às atuais paisagens fluviais. Pretendendo ampliar o entendimento sobre os valores e significados dos rios urbanos no Brasil, tem como foco as cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, João Pessoa, Blumenau, Ribeirão Preto e Belém.

Entre os exemplos, no Recife, marcado por águas, o Rio Capibaribe é o maior e mais importante elemento natural, que marca a paisagem da cidade. Das suas águas derivam a formação da cidade como povoado portuário e o seu crescimento a partir dos engenhos de açúcar. Importante nos aspectos físico, econômico e social, o Capibaribe

⁵ COSTA, Lucia Maria Sá Antunes (org) **Rios e Paisagem Urbana em Cidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley Editora / Editora PROURB, 2006.

direcionou o crescimento urbano, que aconteceu ao longo de suas margens.⁶

A fundação de Belém, no início do século XVII, configurou-se como um ato político devido à posição estratégica que possibilitaria o controle sobre o rio Amazonas. A sua ligação com o mar proporcionava comunicação entre o núcleo urbano e a metrópole, enquanto que a comunicação com o interior seria feita através da ligação com o rio. Apesar das alterações na forma urbana e surgimento de novas funções, as ligações com o rio e o mar permaneceram e se consolidaram na imagem da cidade.⁷

Comparado a outras massas de água, os rios, por sua estrutura física, podem direcionar o crescimento da cidade, possuindo influência direta no desenho urbano, pois “sob o aspecto físico, e da forma urbana, os rios são geralmente como espinhas dorsais das cidades por onde passam. Eles

⁶ MELO, Vera Mayrinck. **Um recorte da paisagem do rio Capibaribe: seus significados e representações**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2003. Ver também CERULLO, Flávia Campos. *As águas do Capibaribe e os movimentos da paisagem urbana do Recife*. Trabalho Final de Graduação. Universidade Federal de Alagoas, 2006.

⁷ DUARTE, Cristóvão Fernandes. **Belém, cidade das águas grandes**. In: COSTA, Lucia Maria Sá Antunes (org). Op. cit..

estruturam linearmente o tecido urbano que lhe é adjacente, tornando-se muitas vezes eixos de desenvolvimento do desenho da cidade”.⁸

Tendo influência ou não na estruturação do traçado urbano, os rios desenvolvem uma íntima relação com as pessoas que habitam suas margens. Entender esse processo é compreender o rio urbano como paisagem, que significa “dar a ele um valor ambiental e cultural que avança na idéia de uma peça de saneamento e drenagem. É reconhecer que o rio urbano e cidade são paisagens mutantes e com destinos entrelaçados”.⁹

A partir dessa perspectiva, investiga-se, nesta dissertação, um rio e uma cidade para entender as relações que se estabeleceram entre eles. Na verdade a principal questão é como essas relações foram construindo a

⁸ COSTA, L. M. **Águas urbanas: os rios e a construção da paisagem**. In: VI ENEPEA - Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura, 2003, Recife. VI ENEPEA - Construção da Paisagem Brasileira. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, CD-ROM, 2003.

⁹ COSTA, Lucia Maria Sá Antunes (org). Op. cit, p. 12.

paisagem, de Penedo e do Rio São Francisco, através dos diversos olhos que os observaram na história.

O Rio São Francisco teve um importante papel para a formação da rede urbana brasileira, representando sempre um importante elemento de referência e localização no território. Não por acaso ficou conhecido, entre outros nomes, como “rio da integração nacional” e “rio da unidade nacional”. Abundante em águas, o Brasil começou a ser povoado a partir do litoral e aos poucos foi se desvendando sua formação hídrica. A partir da exploração das margens do São Francisco o interior do Brasil foi sendo descoberto, através das entradas e bandeiras, e ocupado, com fazendas, engenhos e missões religiosas. Dessa forma não é difícil pensar que várias cidades surgiram às suas margens.

Seu curso possui 3.161 km. Passa pelos estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas, formando um imenso vale, dividido em quatro sub-regiões que compõem a região São-franciscana: Alto São Francisco; Médio São Francisco; Submédio São Francisco; e Baixo São

Francisco, onde se insere a cidade de Penedo. Suas águas e seu nome estão presentes na área da bacia hidrográfica, onde vivem hoje 13 milhões de habitantes, aproximadamente 10% da população brasileira.¹⁰ Com as gradativas mudanças devido a ações humanas ao longo da história em seu curso, além de drásticas transformações em questão, o São Francisco está, atualmente, no centro das discussões ecológicas e ambientais brasileiras.

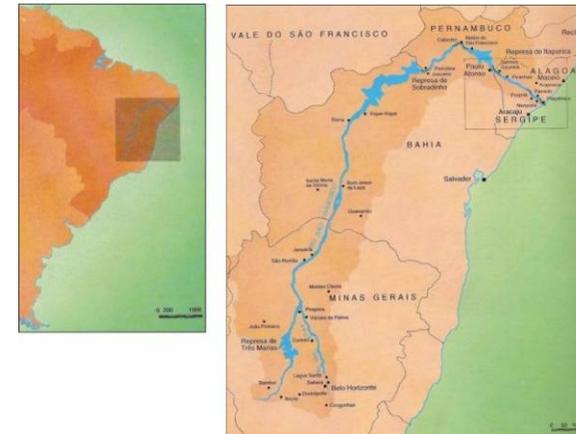


Figura 1: Localização do Rio São Francisco no Brasil. Fonte: CALDAS, José e CARVALHO, Murilo. Baixo São Francisco – The Lower São Francisco River. Rio de Janeiro: DDesenho, 1993.

¹⁰ BRASIL, Vanessa Maria. **Margens e veredas do São Francisco: As vozes do rio.** Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de História Social, Departamento de História – IFCS, 1999.



Figura 2: Baixo São Francisco, detalhe do mapa anterior. Fonte: CALDAS, José e CARVALHO, Murilo. Baixo São Francisco – The Lower São Francisco River. Rio de Janeiro: DDesenho, 1993.

Penedo é, possivelmente, a mais antiga povoação às margens do São Francisco, podendo datar do século XVI. Elevada à vila no século XVII, sua conexão com as águas foi expressa no nome: Penedo do São Francisco. É uma das cidades mais antigas do estado de Alagoas, possuindo, hoje, cerca de 50 mil habitantes e um centro histórico de significativa importância reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Em 1941 foi tombado o conjunto do Convento e Igreja Santa Maria dos Anjos, em 1964, as Igrejas de São Gonçalo Garcia e Nossa Senhora da Corrente e em 1996, o conjunto arquitetônico, paisagístico e urbanístico da cidade. O tombamento do sítio histórico foi justificado por esse conservar esse notável conjunto de arquitetura religiosa além da arquitetura civil, com destaque para os sobrados.



Figura 3: Fotografia aérea de Penedo, 2000. Fonte: CODEVASF.



Figura 4: Vista de Penedo. Fonte: www.canalpenedo.com.br, acessado em março de 2007.



Figura 5: Fotografias de Penedo, 2007. Fonte: Flávia Cerullo.

Esta dissertação pretende pensar em alguns períodos na história da cidade indagando sobre o seu convívio com o Rio São Francisco e como essa relação era percebida através de diversos olhares, desde estrangeiros a alagoanos. Devido a sua importância histórica, Penedo pode ser considerada privilegiada em relação à quantidade de material de estudos desde que era vila, em meados do século XVII. As fontes de investigação são inúmeras e diversificadas. Interpretar e analisar parte desse rico material é o trabalho que será apresentado ao longo dos

capítulos, objetivando construir a paisagem descobrindo as relações entre o rio e a cidade em momentos históricos de Penedo.

As fontes analisadas possuem caráter textual e imagético, ambas com a mesma importância enquanto dados de pesquisa. Os textos compõem-se de relatórios administrativos, narrativas de viagens e artigos de revista, enquanto que as imagens são mapas, pinturas, gravuras e fotografias. Cada tipo de material atua como a forma de representação e registro

utilizado no período histórico em questão, sendo, por isso, elaborados por diferentes intenções, política, reconhecimento de território, estratégia de conquista, registro da paisagem. Dessa forma, aumentando o leque de fontes na pesquisa científica, pretende-se ampliar o acesso à história de Penedo e seu rio.

O uso da iconografia na pesquisa histórica não é novo. Ao contrário, é um recurso bastante antigo e de utilização freqüente. Mas, no geral, a imagem desempenhava um caráter apenas complementar ao texto, funcionando como ilustração, raramente ocupando um lugar central como objeto de estudo. A iconografia gerada pelas artes plásticas e pelas artes gráficas, apresenta amplas possibilidades como fonte documental capaz de captar e interpretar a realidade.¹¹

Sob diferentes linguagens, pois são resultantes de cargas culturais pessoais e nacionalidades distintas, tanto os textos quanto as imagens são

¹¹ ALEGRE, Maria Sylvia Porto. **Reflexões sobre iconografia etnográfica: por uma hermenêutica visual**. In: FELDMAN-BIANCO, Bela e LEITE, Miriam L. Moreira (orgs.). Os desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas, SP: Papirus, 1998.

carregados de subjetividades e simbologias, abertos a diferentes tipos de interpretações, pois “entre a imagem e a realidade que representa, existe uma série de mediações que fazem com que, ao contrário do que se pensa habitualmente, a imagem não seja restituição, mas reconstrução – sempre uma alteração voluntária ou involuntária da realidade, que é preciso aprender a sentir e ver”.¹²

Durante a pesquisa foi feita uma busca bibliográfica e iconográfica em arquivos e bibliotecas de Alagoas e do Rio de Janeiro. Além disso, tanto o acervo quanto os trabalhos realizados pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem foram de extrema importância no desenvolvimento da dissertação, onde foi acessada grande parte do material dos séculos XVI e XVII.¹³

¹² LEITE, Miriam L. Moreira. **Texto visual e texto verbal**. In: FELDMAN-BIANCO, Bela e LEITE, Miriam L. Moreira (orgs.). Op. cit., p. 40.

¹³ O Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, do qual a autora faz parte desde 2003, está sediado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas e trabalha o urbanismo colonial principalmente a partir do material produzido pelos portugueses e holandeses nos séculos XVI e XVII.

Na busca de referências de Penedo e do Rio São Francisco, ao longo da pesquisa foram sendo percebidas as várias visões que se tinham e as várias formas de representação. Na Fundação Casa do Penedo foram acessados textos de viajantes do século XIX, enquanto que no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas puderam ser encontradas as fotografias do século XX, além dos textos que compunham as revistas que circulavam no mesmo século.

Com base nesse material almejou-se contribuir para a reconstrução do percurso da cidade e sua relação com o rio. Para isso foram analisadas visões sobre o seu traçado urbano, seus monumentos, fazendo um contraponto entre os elementos naturais e edificados, que compõem a paisagem urbana. A intenção do trabalho é redescobrir a relação entre Penedo e o Rio São Francisco através dos olhos das pessoas que a perceberam e registraram suas impressões.

Divididos em períodos históricos, o material foi agrupado e está apresentado em 4 capítulos. Cada capítulo se estrutura em 3 partes; na

primeira são apresentadas as fontes textuais, na segunda, as imagéticas e na terceira, a síntese resultante da comparação das duas primeiras. A síntese apresenta uma leitura mais sistematizada e uma visão geral do momento em questão.

O capítulo 1 trata de Penedo em sua origem. Discute como se inicia a povoação no período colonial e qual o papel do rio nesse processo, observando desde a chegada dos portugueses, como foi a descoberta do São Francisco e a sua necessidade de iniciar um povoado às suas margens. Apresenta-se Penedo e o Rio São Francisco, a partir de uma revisão bibliográfica sobre suas trajetórias. Ao longo dessa busca bibliográfica investigam-se seus primeiros momentos, o encontro dos colonizadores com esse corredor natural e a forma como se aproveitaram de seus recursos, tentando entender que visão se tinha do rio e o que se buscava nele no momento em que se instituía um núcleo habitado pela primeira vez às suas margens. As intenções dos portugueses de se estabelecerem

no sítio de Penedo são analisadas a partir de material produzido por eles nos primeiros séculos de colonização.

No capítulo 2 refletimos sobre outro período peculiar da história do Brasil, a ocupação do nordeste pela Companhia das Índias Ocidentais, em meados do século XVII. Durante esse período, os holandeses tornaram Penedo um dos pontos estratégicos de seu domínio, chegando a construir uma grande fortificação no local. Esse momento de conquista será estudado a partir da ampla produção flamenga produzida pela comitiva de Maurício de Nassau, composta por mapas, vistas e relatos de viagem e outros.

No capítulo 3 analisamos os produtos resultantes da abertura oficial e definitiva do Brasil aos olhos estrangeiros, a partir da liberação dos portos. Vindos para cumprir uma missão, trabalho, em expedições científicas e artísticas, ou apenas para satisfazer sua curiosidade, esses estrangeiros chegaram e registraram suas impressões. A intenção dos novos visitantes era totalmente diferente da dos portugueses e

holandeses mencionados anteriormente, por isso resultaram em outro tipo de obra. Em um momento em que o São Francisco já era reconhecido como um caminho fundamental para a integração do país, ligando o Nordeste e o Sudeste, indaga-se o que foi percebido e produzido sobre o rio e sobre Penedo, em acelerada ascensão econômica e crescimento urbano. Nessa investigação alguns relatos são bastante importantes, como o diário do imperador D. Pedro II, que passou pela cidade e se hospedou a beira do rio, e relatório do engenheiro Halfeld, que seguiu todo o curso do São Francisco e descreveu cada légua, sendo o mais completo naquele momento.

No capítulo 4 apresentamos a paisagem de Penedo no século XX que está em arquivos alagoanos. Em um século de grandes transformações, de contrastes, de ascensão e decadência, crescimento e estagnação, é possível perceber o que permaneceu e o que mudou nesses momentos históricos de Penedo e do São Francisco a partir das lentes fotográficas e da visão dos autores locais divulgada, por exemplo, pelas publicações do

Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. A partir das fontes analisadas anteriormente pode-se, nesse momento, identificar permanências materiais e imateriais na paisagem. O que permaneceu na memória coletiva das relações identificadas entre o rio e a cidade na história de

Penedo e o que pode ser visto nas fotografias são informações importantes para entender e reconstruir a cidade no final do século XX, que culminou no tombamento do seu sítio histórico como patrimônio nacional.

Capítulo 1

Olhares de descoberta

O início do povoamento efetivo do Brasil aconteceu quando os portugueses decidiram tomar posse da parte que lhe cabia do território. Para Jacqueline Hermann isso só teria acontecido com a criação do regime de capitanias hereditárias por D. João III, em 1532, implantado a partir de 1534,¹⁴ representando uma sistemática ocupação a partir da costa litorânea. As capitanias eram, inicialmente, 15 faixas horizontais que se estendiam da costa marítima até os limites definidos pelo Tratado de Tordesilhas, que seria uma linha vertical imaginária dividindo o Novo Mundo em dois limites de exploração comercial: um espanhol e outro português.

Hermann considera que a decisão de dar início à ocupação do Brasil conjugou uma estratégia que objetivava garantir as rotas para as Índias e,

¹⁴ HERMANN, Jacqueline. **Cenário do encontro de povos: a construção do território**. In: Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro: IBGE, 2000, p. 21.

de forma mais imediata, expulsar os franceses assediadores a costa desde o início do século XVI, levando Portugal a um verdadeiro esforço de conquista, tanto em face das ambições dos países europeus rivais como da resistência nativa aqui encontrada.¹⁵

O sistema de capitanias hereditárias adotado por Portugal tentava estabelecer mecanismos de efetivo controle sobre o litoral atlântico de suas terras americanas. Um sistema, segundo Nestor Goulart, de administração indireta e descentralizada, em nível regional e local, que transferia aos donatários e colonos, em princípio, as responsabilidades, inclusive as correspondentes à instalação da rede urbana, ficando para a Coroa apenas os encargos de fiscalização. Dessa forma, a maioria dos núcleos urbanos instalados nos dois primeiros séculos de colonização foi pelo esforço e interesse dos colonos e donatários.¹⁶

¹⁵ Ibid., p. 21.

¹⁶ REIS FILHO, Nestor Goulart. **Contribuição ao Estudo da Evolução Urbana do Brasil (1500/1720)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1968, p. 19, 21.

Com o fracasso da maioria das capitanias, que, inclusive sucumbiram a assaltos indígenas e ataques estrangeiros, o sistema foi considerado ineficiente na questão de ocupação e colonização do Brasil. Porém, foi através dele que os primeiros núcleos de ocupação e colonização portuguesa do Brasil foram estabelecidos, a exemplo de São Vicente, concedida a Martim Afonso de Sousa, em 1532, e de Pernambuco, base da economia açucareira então iniciada, concedida a Duarte Coelho, em 1534.¹⁷ Em 1548, haviam sido fundadas no litoral brasileiro 16 vilas e povoados, que já exportavam mercadorias para a metrópole.¹⁸

Na fundação dessas vilas e povoados, a intenção dos colonizadores era encontrar localidades que possibilitassem a subsistência e que proporcionassem a segurança do território contra ataques e invasões de outras nações que também vinham em busca das riquezas do Novo Mundo. Ocupar o território brasileiro representava, além de garantir sua posse, explorar definitivamente os seus recursos.

¹⁷ HERMANN, Jacqueline. Op. cit., p. 23.

¹⁸ SIMONSEN apud REIS FILHO, Nestor Goulart. Op. cit., p.21.

Outro objetivo dos colonizadores era facilitar a comunicação, com a metrópole e entre as vilas, o transporte de pessoas e mercadorias, promovendo o comércio. Esses desejos, aliados a necessidade de segurança, tornava a escolha do sítio determinante para as primeiras ocupações do território brasileiro, onde os aspectos naturais da região e sua localização eram parâmetros importantes.

A importância do sítio, em termos gerais, não é uma discussão apenas das cidades coloniais brasileiras. Esse tema vem sendo discutido na arquitetura e urbanismo desde muito tempo. Segundo Rossi, “a escolha do lugar tanto para uma construção como para uma cidade tinha um valor preeminente no mundo clássico: a “situação”, o sítio, era governado pelo “genius loci”, pela divindade local, uma divindade de tipo intermediário que presidia tudo o que ocorria naquele lugar.” Em sua análise sobre a forma da cidade, ele introduz o conceito de área-estudo, considerando existir uma inter-relação entre qualquer elemento urbano e a cidade em que eles se manifestam. Para o autor, a área-estudo é o entorno mínimo,

podendo ser definida como método de trabalho e, de forma mais complexa, como elemento qualitativo da cidade e interessa enquanto elemento característico e frequentemente decisivo da forma da cidade.¹⁹

Para Lynch, a topografia, que é o cenário natural preexistente, talvez já não seja um fator tão importante, como era no passado, pois a densidade, a amplitude e a tecnologia complexa da metrópole moderna tendem a obscurecer esse fato. A área urbana contemporânea tem características feitas pelo homem e problemas que extrapolam a especificidade do lugar. Em nossos dias, a natureza específica de um lugar pode ser vista como resultado das ações e dos desejos humanos e da estrutura geológica original. No entanto, ele ainda considera que o clima, a flora e a superfície gerais da região, montanhas e principais sistemas fluviais ainda importantes, assim como a topografia, enquanto reforço dos elementos

¹⁹ ROSSI, A. **A Arquitetura da Cidade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001, p. 147.

urbanos, por exemplo: colinas de forte presença visual podem definir regiões; e rios e orlas marítimas configuram fortes limites.²⁰

No Brasil, os autores que tratam do urbanismo colonial apesar de divergirem quanto aos motivos e circunstâncias que levaram a forma das vilas e cidades, concordam com a importância do sítio, e seus elementos naturais para a formação do traçado urbano. Nesta dissertação vamos apenas entrar na discussão que é consensual entre os estudiosos, ampliando no que se refere a formação histórica alagoana. Ou seja, pretende-se demonstrar a importância do sítio na formação das vilas coloniais, a partir da explanação do exemplo da antiga vila de Penedo, localizada na Capitania de Pernambuco, destacando da sua geografia o Rio São Francisco. Para Nestor Goulart, entre os aspectos a considerar na escolha do local estavam a natureza do solo, o relevo, a presença de fontes d'água para o consumo e de cursos ou massas de água.

²⁰ LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 122, 123.

A tendência geral desses núcleos mais antigos foi a ocupação dos sítios mais elevados, facilitando a aplicação de um sistema defensivo e controle das vias de comunicação, caminhos, vias marítimas ou fluviais. Além disso, a localização escolhida segundo esses fatores estratégicos previa a facilidade de acesso, comunicação com a Metrópole, escoamento dos produtos de exportação que constituíam a base econômica da vida colonial, ou obtenção de produtos manufaturados. Mesmo em São Paulo, os núcleos mais antigos dispunham-se ao longo dos rios maiores e junto às trilhas que as mantinham ligados ao litoral.²¹

Segundo Aroldo de Azevedo: “No Brasil colonial, raro era o núcleo urbano que não se achava associado a um curso d'água, grande, médio ou pequeno.” Mencionando como causas dessa preferência: o fornecimento de água para o uso doméstico, a facilidade de obtenção de alimento através da pesca, as vantagens oferecidas no que se refere aos contatos regionais e, no caso específico das áreas de mineração, a presença de ouro e de pedras preciosas no cascalho dos leitos fluviais. O autor é

²¹ REIS FILHO, Nestor Goulart. Op. cit., p. 124, 126, 127.

enfático ao dizer que “às margens do Rio São Francisco aparecem típicos exemplos de aglomerados fluviais, que têm sua vida presidida pelo rio e a ele estão ligados”.²² Além da influência na localização para a formação inicial das povoações, os autores mencionados consideram que esse diálogo que existe entre natureza e arquitetura interfere na construção da paisagem urbana em vários outros aspectos.

Sergio Buarque de Holanda afirma a dominância dos elementos da natureza sobre a forma dos núcleos coloniais. Em seu discurso, fica evidente o entendimento de que as vilas e cidades assumiam um posicionamento orgânico moldado à lógica do sítio natural. Segundo o autor, a cidade que os portugueses construíram na América, “não chega a contradizer o quadro da natureza, e sua silhueta confunde-se com a linha da paisagem”.²³ No sentido inverso, Nestor Goulart afirma que o urbanismo português na colônia é obra da razão, expressa através da

²² AZEVEDO, Aroldo. **Vilas e cidades do Brasil colonial. Ensaio de uma geografia urbana – retrospectiva**. São Paulo: USP, 1956, p. 71.

²³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 18. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1984.

forma do desenho ortogonal sobre a natureza, o relevo, que para ele “irá influir sobre a aparência do conjunto e dos edifícios, e sobre o traçado”²⁴

Para Paulo Santos, essa ligação íntima do desenho urbano português com a natureza trouxe espontaneidade e imprevisibilidade que não estão presentes nas cidades com traçados regulares de colonização espanhola.

²⁵ Em Penedo, a forma como a natureza foi utilizada na construção da paisagem edificada, levando o traçado urbano a seguir sua lógica, adaptando-se às suas nuances, pode ser observado no perfil da cidade visto do Rio São Francisco.

²⁴ REIS, Nestor Goulart. Op. cit., p. 124

²⁵ SANTOS, Paulo F. **Formação de Cidades no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.



Figura 6: Perfil de Penedo, 2007. Fonte: Flávia Cerullo.

1.1 Penedo e o Rio São Francisco

Penedo é uma das mais antigas povoações às margens do Rio São Francisco, cuja localização segue os princípios de formação de vilas e povoados do Brasil colonial discutido anteriormente: junto a um curso d'água, próximo a sua foz e em sítio elevado. Essa situação maximiza a possibilidade de elementos naturais de proteção, obtenção de recursos de subsistência e comunicação com outras vilas e com a metrópole.

A povoação pode datar do início do século XVI quando o donatário da Capitania de Pernambuco, Duarte Coelho chegou ao local. Sobre esse assunto há divergência de datas entre os historiadores, sendo elas bastante variáveis. Ernani Méro lança a hipótese A partir dessas informações, o autor conclui que “a fundação do Penedo vem das primeiras décadas do século XVI, tornando-se oficial com a instalação da Feitoria por Duarte Coelho de Albuquerque em 1560, no local denominado de rocheira, onde já deveriam existir algumas moradas”. considera “aceitável que o primeiro donatário tenha penetrado o rio São Francisco e chegado ao local denominado “penedo”, onde já existia, com certeza, um início de agrupamento humano”, pois “conforme anotações existentes em uma carta, datada de 27 de abril de 1542, Duarte Coelho Pereira fala dos preparos de sua viagem de exploração da região sanfranciscana”.²⁶

²⁶ MÉRO, Ernani. **História do Penedo**. Arapiraca: Gráfica Maciel/Publicação da Prefeitura Municipal de Penedo, 1974, p. 24, 25.

Para Francisco Sales: “Duarte Coelho Pereira, então donatário da Capitania de Pernambuco, no ano da graça de 1535, venceu a barra e ancorou no cais natural, onde hoje se encontra o cais modesto da Rua do Banheiro. Duarte Coelho deixou aqui todo o necessário para a primeira povoação”.²⁷

Já Pe. Medeiros Neto afirma que Duarte Coelho, em primeira excursão exploratória ao rio São Francisco em 1555, “alcançou Penedo, como ponto terminal da sua excursão. Levado, de certo, pela magnífica posição do terreno, “primeira eminência encontrada, na margem esquerda do rio”, resolveu estabelecer, aí, esta primordial povoação do Baixo São Francisco, e quiçá de todo ele”. Assim como Mero, ele menciona a chegada do filho de Duarte Coelho em 1560, em uma segunda excursão. No entanto, para ele, nessa altura a povoação já estava constituída.²⁸

²⁷ SALES, Francisco A. **Arruando para o Forte**. Recife: Bagaço, 2003, p. 68.

²⁸ NETO, Pe. Medeiros. **História do São Francisco**. Maceió: Casa Ramalho Editora, 1941, p. 31, 32.

A fundação da feitoria no local, em 1560, parece ser consensual. Esse estabelecimento era um armazém da administração e teria sido instalado por Duarte Coelho de Albuquerque, herdeiro de Duarte Coelho Pereira, quando então donatário da Capitania de Pernambuco. Uma feitoria era costumeiramente construída no litoral da Colônia, para vigilância do gentio, a qual teria sido a origem da atual cidade de Penedo e o início da colonização sanfranciscana.²⁹

Quanto ao rio, é unânime a datação de sua descoberta em 4 de outubro de 1501, no dia de São Francisco, quando Américo Vespúcio e sua expedição encontram a sua foz, já no ano de 1502, o Rio São Francisco é conhecido e marcado em uma carta geográfica de Alberto Cantino e apontado como “fonte de riquezas com suas minas de ouro e prata.”³⁰

Anteriormente era conhecido pelos indígenas como Pará, que significa rio grande. Alguns autores, no entanto, costumavam falar que os índios chamavam o rio de Opara. Sales comenta esse engano que, segundo ele,

²⁹ MÉRO, Ernani. Op. cit., p. 25.

³⁰ Ibid, p. 22.

coube a Teodoro Sampaio corrigi-lo em seu livro *O tupi na Geografia Nacional*: “Opara – Erronia de alguns cronistas ao tratarem do rio São Francisco, como se Opara fosse o nome indígena desse rio. A verdade é que tais cronistas apenas quiseram dizer o Pará, o que vale outro tanto, o rio”.³¹

Quanto ao novo nome dado rio, há também uma lenda que da nau se avistou um frade franciscano. Foi dada a ordem de se resgatar o religioso, mas, quando na praia chegaram os marujos, não existia ninguém. O mistério foi entendido como um sinal e, por isso, segundo a história, nomeou-se o rio de São Francisco.³² Porém sabe-se que era de costume das expedições européias nomear os lugares com nomes de santos homenageados nos dias das descobertas. O rio, cuja foz foi encontrada em 4 de outubro, passa, então, a ser chamado pelo nome de São Francisco, já que esse era o dia consagrado ao santo de Assis.

Um grande rio e uma rocha que se elevava a sua margem, nessa situação surgiu Penedo. Na formação do povoado como ele se relacionou com o rio? Como foi o encontro dos colonizadores com esse corredor natural e como se aproveitaram de seus recursos? Que funções foram atribuídas desde o começo da ocupação? As cidades são paisagens mutantes, elas mudam com o passar dos séculos e quando há interferências de culturas diferentes. Nesse caso era um novo momento histórico, de novas descobertas, uma nova cultura a ser conhecida e a ser formada.

A fim de entender que visão se tinha do rio e o que se buscava nele no momento em que aqueles europeus ocupavam suas margens, vamos recorrer a registros textuais e iconográficos dessa expansão ultramarina. Estes constituem relatórios e relatos que descrevem, dentre outros aspectos, os lugares povoados, e mapas encomendados pelo Reino de Portugal, que intencionava conhecer o território que pretendia ocupar.

³¹ SALES, Francisco A. *Op. cit.*, p. 33.

³² SALES, Francisco A. *Op. cit.*, p. 32.

1.2 Escritos portugueses

As fontes primárias analisadas neste capítulo são do século XVI e do começo do século XVII, antes da invasão holandesa, período peculiar que será tratado posteriormente. Trata-se de relatórios e diários com experiências na nova terra, escritas espontâneas ou encomendadas. Os escritos contêm informações sobre estratégias, situação econômica, eventos do cotidiano e também costumes locais.³³

Os documentos tratados a seguir são ditos administrativos, porém apresentam também descrições da paisagem observada pelos viajantes. São eles: *História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos de Brasil* de Pero Magalhães de Gândavo (1576); *Tratado descriptivo do Brasil* de Gabriel Soares de Sousa (1587); e *Livro que dá rezão ao Estado do Brasil* de Diogo de Campos Moreno (1616). Essas obras podem ser consideradas como os primeiros esforços de sistematização de informes relativos aos resultados da implantação da

³³ Material acessado no acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem,.

Colônia, inaugurado por Gândavo. Gabriel Soares elabora um relato minucioso sobre as terras do Brasil, embora na sua maior parte se reportando à cidade de Salvador. E o relatório acerca das “coisas do Reino” de Moreno é acompanhado por uma série de mapas legendados, produzindo uma espécie de narrativa cartográfica.³⁴

No texto de Gândavo³⁵ há a preocupação em indicar e localizar os rios mais importantes. O Rio São Francisco aparece com certo destaque em relação aos demais citados também pela sua caracterização:

“Há dois rios caudais até a Bahia de Todos os Santos; um se chama de São Francisco, está em dez graus e meio, o qual entra no mar com tanta fúria que vinte léguas pelo mesmo mar correm suas águas. Outro Rio está em onze graus e dois terços que se chama o Rio

³⁴ OLIVEIRA, Roseline. **Paisagem em palavras: a urbe pernambucana na visão dos viajantes nos séculos XVI e XVII.** In: 3 Seminário de Paisagismo Sul-Americano Paisagens Culturais múltiplos espaços, temporalidades e cotidianos, 2008, Rio de Janeiro.

³⁵ Pero de Magalhães de Gândavo era natural de Braga e filho de pai flamengo. Não se sabe as datas de seu nascimento e morte. Esteve no Brasil antes de 1569 e, ao voltar, foi funcionário na Torre do Tombo. Modesto e obscuro, Gândavo foi o primeiro a escrever uma história do Brasil. Ver VICENTE, Carolina Pereira. *Dois diálogos no Renascimento Português: João de Barros e Gândavo.* Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: 2008. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/VicenteCP.pdf>>. Acesso em: 2 mar. 2009.

Real, também é muito Grande e correm muito suas águas pelo mar”.³⁶

A intenção de Gabriel Soares de Sousa, ao fazer um levantamento das “grandezas” da colônia, era chamar a atenção para a necessidade de explorá-las.³⁷ O Rio São Francisco está presente no relato, mencionando a necessidade de se fazer uma povoação próxima à foz para segurança dos navios. Essa pode ser a área hoje ocupada pelo antigo núcleo da cidade de Penedo:

“Está capas este rio [São Francisco] para se perto da barra d’elle fazer uma povoação valente de uma banda, e da outra para segurança dos navios da costa, e dos que o tempo alli faz chegar, onde se perdem muitas vezes, e podem os moradores, que n’elle vivem, fazer grandes fazendas e engenhos até a cachoeira, em derredor da qual ha muito páo-

brasil, que com pouco trabalho póde carregar”.³⁸

O relatório de Diogo de Campos Moreno³⁹ surgiu em função de uma ordem dada pelo Rei Filipe II de Portugal a D. Diogo de Menezes, governador geral do Brasil (de 1608 a 1612) para que organizasse um “Livro do Estado”, apresentando informações detalhadas e dados estatísticos, econômicos, militares e geográficos sobre as capitanias brasileiras.⁴⁰ No trecho referente à Capitania de Pernambuco há dados sobre o Rio São Francisco, como a capacidade e facilidade de navegação, suas barreiras, foz, característica de suas águas e foz, como no trecho a seguir:

³⁸ SOUZA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587. Comentários de Francisco Adolpho de Varnhagem**. 3ª. Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938, p.38.

³⁹ Diogo de Campos Moreno nasceu em 1566, em Tanger ou nos Açores, começando a servir como soldado na Flandres e passando em 1602 ao Brasil, onde permaneceu até a sua morte, em 1617. Aqui desempenhou importante ação militar, exercendo funções de inspetor das fortalezas e artilharia, bem como envolvendo-se diretamente em algumas campanhas, como a da reconquista do Maranhão aos franceses, em 1614, da qual deixou relato pormenorizado. Ver BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. *Desenho e Designio: o Brasil dos engenheiros militares (1500-1822)*. Tese de doutoramento. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2003.

⁴⁰ MOURA FILHA, Maria Berthilde. *O Livro que dá “Rezão ao Estado do Brasil” e o povoamento do território brasileiro nos séculos XVI e XVII*. Revista da Faculdade de Letras. Ciências e técnicas do Patrimônio. Porto, 2003. I Série vol. 2, pp. 591-613. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2933.pdf>>. Acesso em 2 mar. 2009.

³⁶ GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. **Tratado da terra e história do Brasil (1576)**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1995.

³⁷ GIMENEZ, José Carlos. **A presença do imaginário medieval no Brasil colonial: descrições dos viajantes**. Acta Scientiarum, Maringá, 2001. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/2796/1901>>. Acesso em: 2 mar. 2009.

“Da banda do norte deste rio começa a capitania de Pernambuco; todo em si é navegável da barra até as cachoeiras; (...) Todo este rio é navegável e mui capaz de grandes embarcações, porém sua barra é de alfaques ou bancos de areia, que se mudam os mais dos anos, fazendo-a mais fácil uns que outros; sempre caravelões grandes entram com toda maré; tem nesta barra, e em todo rio, grande força as aguagens que descem de cima, e são de modo que há tempos em que a quatro léguas ao mar pode-se beber água doce, e na boca da barra, de ordinário, a mais de uma légua ao mar, há grandes ribanceiras da água, que as vezes impedem o curso e suspendem a um navio, ainda que vá a todo pano; da barra para dentro é mui formoso e mui seguro, e em todo tempo que dura a viração do mar, que nunca de dia falta, navega-se esse rio para cima com facilidade; porém tanto que acalma o vento é necessário lançar âncora, porque a corrente da água com presteza incrível os torna a trazer para baixo, sem vela nem remo”.⁴¹

Em outra parte são apresentados novos aspectos do rio, como seus afluentes e fauna:

“Neste grande rio entram outros rios muitos, dos quais a mor parte seca no verão, e no tempo que as aguagens descem de cima, sai

este rio da madre e alaga de uma parte e da outra, pelos vale, mais de duas léguas de terras, e recolhido à mãe, deixa grandes lagoas, com tanto peixe que é cousa incrível, ao qual acode grande cópia de aves e de animais silvestres, e tantos porcos e bichos do mato que se fazem deles todo os anos grandes chacinas, e nas lagoas grandes pescarias, de maneira que é um dos sítios de si mais abastados que tem a costa do Brasil, e todo está despovoado, salvo nos pontos ditos”.⁴²

Outros viajantes que vieram para o Brasil no século XVI já haviam deixado seus registros, a exemplo de Hans Staden e dos padres jesuítas Manuel da Nóbrega, Fernão Cardim, José de Anchieta, Ruy Pereira, entre outros. Esses textos também foram estudados para complementar esta pesquisa, em busca de possíveis referências ao Rio São Francisco.

Em carta que escreveu do Brasil para os Padres e Irmãos da Companhia em Portugal, em 1561, o padre Ruy Pereira espanta-se com o curso d'água: “Do sitio desta capitania e frescura da terra, ferrosura de três

⁴¹ MORENO, Diogo de Campos. *Livro que dá razão ao estado do Brasil, 1612*, p. 167.

⁴² Ibid., p.167.

braços de um grande rio que tem, por cada um dos quaes navegam caravellões etc...”.⁴³

Outro jesuíta, Fernão Cardim, comentou sobre os rios da província, características das suas águas e suas funções. Dentre eles poderia estar o São Francisco, pois ele menciona o tamanho e a barra, informações que são frequentemente destacadas em seus relatos:

“Os rios caudales de que esta província he regada são inumeráveis, e alguns mui grandes, e mui formosas barras, não fallando em as ribeiras, ribeiros e fontes de que toda terra he muito abundante, e são as águas de ordinário mui formosas, claras, e salutíferas, e abundantes de infinidade de peixes de varias espécies, dos quaes há muitos de notável grandura e de muito preço, e mui salutíferos, e dão-se aos doentes por medicina”.⁴⁴ (grifo nosso)

Hans Staden também se admira com as dimensões do rio e fala sobre a paisagem que encontrou na margem onde pernoitou:

“Supusemos que devia ser a embocadura de um rio, ao qual chamam São Francisco, e que pertence à mesma província. Quanto mais penetrávamos, mais as águas se alargavam. De quando em quando procurávamos divisar alguma fumaça, mas nada descobríamos. Pareceu-nos então ver em frente da floresta, num vale, algumas choças. Seguimos para lá. Eram velhas choças, sem ninguém dentro. Navegamos então além, até ao escurecer, e dirigimo-nos a uma pequena ilha, para aí pernoitar, pois pareceu-nos isto mais seguro. Quando chegamos, já era noite. Não achamos prudente porisso desembarcar e aí acampar. Só depois dalguns dos nossos terem rodeado a ilha, não avistando ninguém, descemos, fizemos fogo, abatemos uma palmeira e comemos o palmito”.⁴⁵

Já o brasileiro Frei Vicente do Salvador⁴⁶, em História do Brasil 1500-1627, produziu uma obra importante e pioneira que trata dos primeiros momentos da colonização do Brasil, sendo, por isso, incluído nesta análise. Seu texto contém dados sobre diversos aspectos do rio São

⁴³ NAVARRO, Azpilcueta e outros. **Cartas Avulsas, 1550-1568. Cartas Jesuíticas**, v.2. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p. 310.

⁴⁴ CARDIM, Fernão. **Tratados da terra e gente do Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980, p. 54, 55.

⁴⁵ STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974, p. 59.

⁴⁶ Frei Vicente do Salvador nasceu na cidade de Salvador e ingressou na Ordem Franciscana, em 1599, tendo servido na Paraíba, Pernambuco e Bahia, antes de ir para Portugal onde pesquisou dados para a sua História do Brasil. Nessa obra relata a história da sua terra desde o descobrimento até a expulsão dos holandeses. Seu nome real era Vicente Rodrigues Palha, nasceu em 1564 e morreu entre 1636 e 1639. Sua obra História do Brasil ficou inédita durante dois séculos e meio e só foi publicada em 1889 por Capistrano de Abreu, que a encontrou na seção de códices da Biblioteca Nacional.

Francisco, como sua capacidade para navegação, que era uma informação importante para o momento já que o transporte fluvial era bastante utilizado, além de mencionar a quantidade de peixes para o abastecimento alimentício, necessário para a sobrevivência.

“Está este rio em altura de dez graus e uma quarta; na boca da barra tem duas léguas de largo; entre a maré por ele outras duas somente e daí pêra cima é água doce, donde há tão grandes pescarias que em quatro dias carregam de peixe quantos caravelões lá vão e, se querem navegam por ele até vinte léguas, ainda que sejam de cinqüenta toneladas de porte”.⁴⁷ (grifo nosso)

Detendo-se na questão da navegação, o autor procura informar sobre uma cachoeira que impede a navegação (provavelmente se trata da Cachoeira de Paulo Afonso), porém destaca a quietude das águas em seu trecho navegável que facilita o transporte. Já nesse momento percebe-se a capacidade para navegar barcos grandes, ainda que os índios utilizassem canoas.

⁴⁷ SALVADOR, Frei Vicente do. **História do Brasil 1500-1627**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1982, p. 113.

“No inverno não traz tanta água nem corre como no verão e no cabo de ditas vinte léguas faz uma cachoeira por onde a água se despenha e impede a navegação; porém daí por diante se pode navegar, em barcos que lá se armarem, até um sumidouro, onde este rio vem dez ou doze léguas por baixo da terra. E também é navegável daí para cima oitenta ou noventa léguas, podendo navegar barcos, ainda mui grandes, pela quietação com que corre o rio quase sem sentir-se, e os índios Amapurás navegam por ele em canoas”.⁴⁸

1.3 Cartografia portuguesa

Como uma forma de conhecer e controlar os novos territórios conquistados foram produzidos mapas, que tinham também a intenção de divulgar as informações representadas. Para Beatriz Bueno, os mapas foram instrumentos eficientes de uma ação política.⁴⁹ No século XVI, os portugueses já se destacavam nessa área e desenvolveram-se ainda mais posteriormente.

⁴⁸ Ibid, p. 113.

⁴⁹ BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. Op. cit..

Os mapas elaborados eram responsáveis pela transmissão das informações geográficas e pela difusão das descobertas territoriais. Para isso, os ibéricos investiam na formação de engenheiros militares e agrimensores destinados a realizar cartografia minuciosa, oficial e sigilosa das terras conquistadas a leste e a oeste do globo terrestre, bem como a proceder à construção de fortalezas, cidades e obras públicas de infraestrutura urbana. Os mapas portugueses são, na sua maioria, exemplares manuscritos, realizados por agentes da Coroa. Os cosmógrafos ou “engenheiros com sólida formação geométrica e habilitados no desenho geográfico, foram os profissionais capacitados para levar a cabo o processo de desenho e “produção” do território do Reino e Estados do Ultramar.” A cartografia assinada pelos portugueses era assunto de Estado, destinada a viabilizar seus desígnios estratégicos de conquista, ocupação e colonização das novas terras descobertas no ultramar.⁵⁰

Dentre a produção iconográfica portuguesa, as obras da família Albernaz se destacam através de três gerações: Luís Teixeira (1564 a 1613), o seu

filho João Teixeira Albernaz I, (o Velho, 1602-1666) e o filho deste, João Teixeira Albernaz II (o Moço, 1627-1675), todos cosmógrafos oficiais do Reino de Portugal e autores de importantes atlas. Entre eles foram estudados nesta dissertação: Descrição de todo o marítimo da terra de S. Cruz chamado vulgarmente, o Brasil, feito por João Teixeira no ano de 1640; Estado do Brasil Coligido das mais sertãs noticias q pode aiuntar dõ leronimo de Atayde, por João Teixeira Albernaz, em 1631; além dos mapas que integram a obra de Diogo de Campos Moreno, Livro que dá rezão ao Estado do Brasil.

Entre outras intenções, observa-se a preocupação artística na obra da família Albernaz. Durante o processo de revisão desse conjunto cartográfico foi percebida certa regularidade na composição dos mapas e na representação dos elementos que os compõem. Dentro do caráter simbólico e subjetivo da imagem está presente o imaginário dos autores, na forma de reprodução gráfica, além de exigências de quem lhes fazia a encomenda na escolha do recorte e dos dados a serem desenhados.

⁵⁰ BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. Op. cit, p. 443.

Nesse conjunto cartográfico buscou-se a presença do Rio São Francisco, primordialmente. Porém, outros elementos naturais, como vegetação e relevo, e áreas povoadas através de marcas edificadas, também foram procuradas na tentativa de reconhecer a paisagem representada pela iconografia.

A partir deste ponto, esta dissertação toma como base os importantes estudos da cartografia do Recife, realizados por José Antônio Gonçalves de Mello e José Luís da Mota Menezes, sendo esses pioneiros na investigação iconográfica.⁵¹ Não iremos esquecer também da contribuição de Nestor Goulart ao reunir amplo material imagético da vilas e cidade do Brasil colonial.⁵²

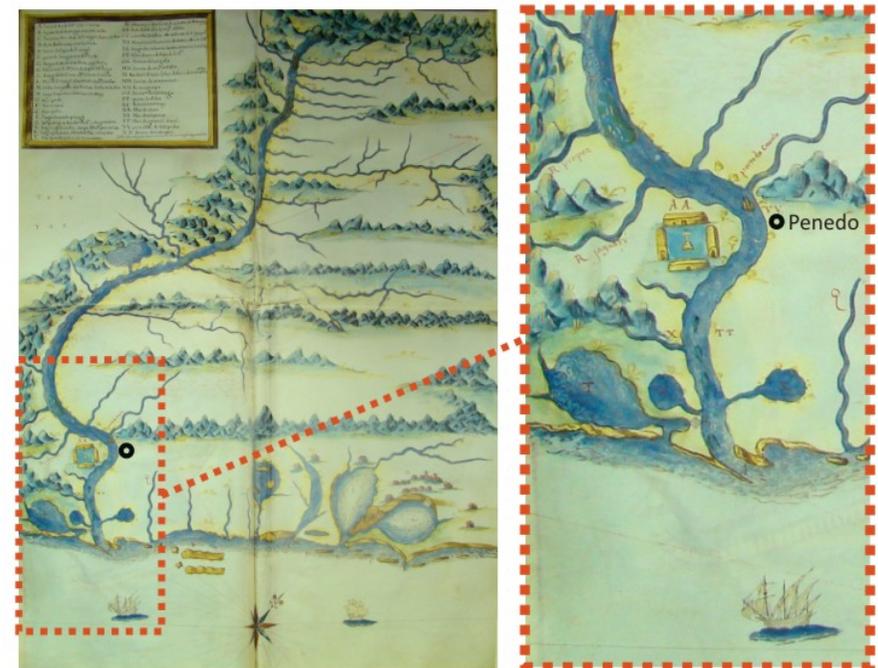


Figura 7: região sul da capitania de Pernambuco, com destaque para o Rio São Francisco, limite do território. São representados e indicados na legenda: portos, cachoeiras, serras, ilhas, cachoeiras e sumidouro, além da foz e de afluentes do rio.

Autor: Luís Teixeira Albernaz Fonte: MORENO, Diogo de Campos. Livro que dá razão ao estado do Brasil, 1616. Lisboa: Edições João Sa da Costa, 1999. Infográfico: Flavia Cerullo.

⁵¹ Ver MELLO, José Antônio Gonçalves de. **A cartografia holandesa do Recife**. Recife: Massangana, 1987. e MENEZES, José Luís da Mota. Atlas histórico e cartográfico do Recife. Recife: Massangana, 1988.

⁵² REIS FILHO, Nestor Goulart. **Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Fapesp, 2000.

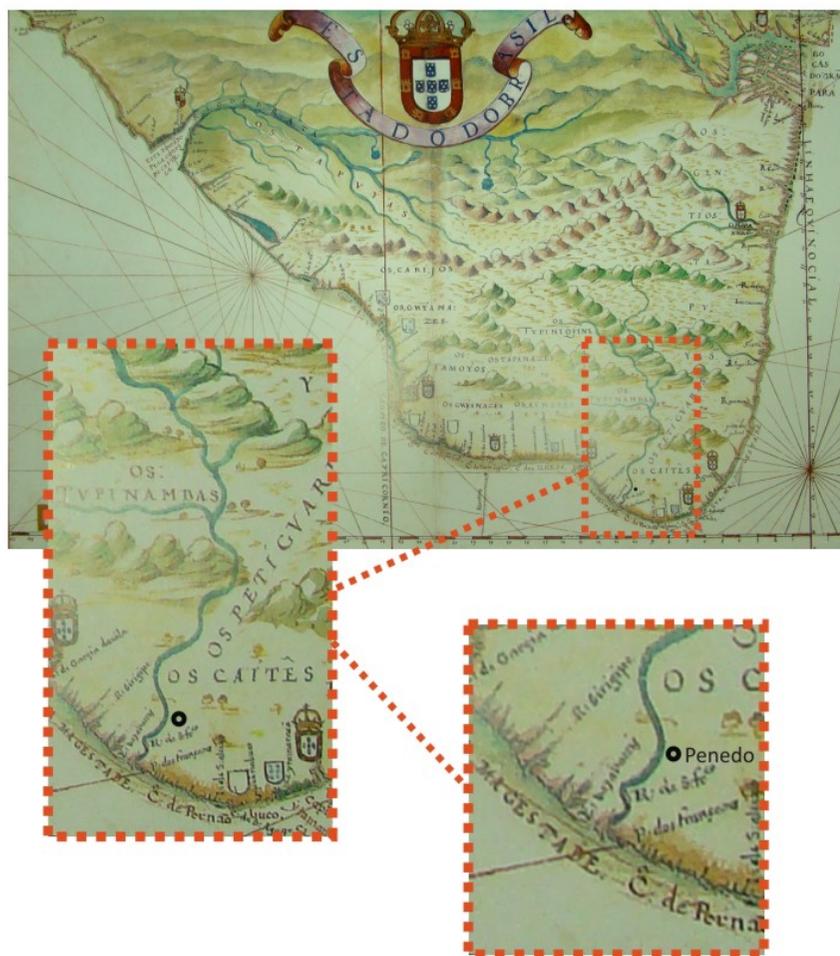


Figura 8: Intitulado Estado do Brasil, indica as capitânicas hereditárias, tribos indígenas, portos e rios, com um grande trecho do São Francisco.

Autor: João Teixeira Albernaz. Fonte: Estado do Brasil coligido das mais sertãs noticias q pode aiuntar dõ Ieronimo de Atayde, por João Teixeira Albernaz, cosmographo de Sua Magde, anno 1631. Infográfico: Flávia Cerullo.

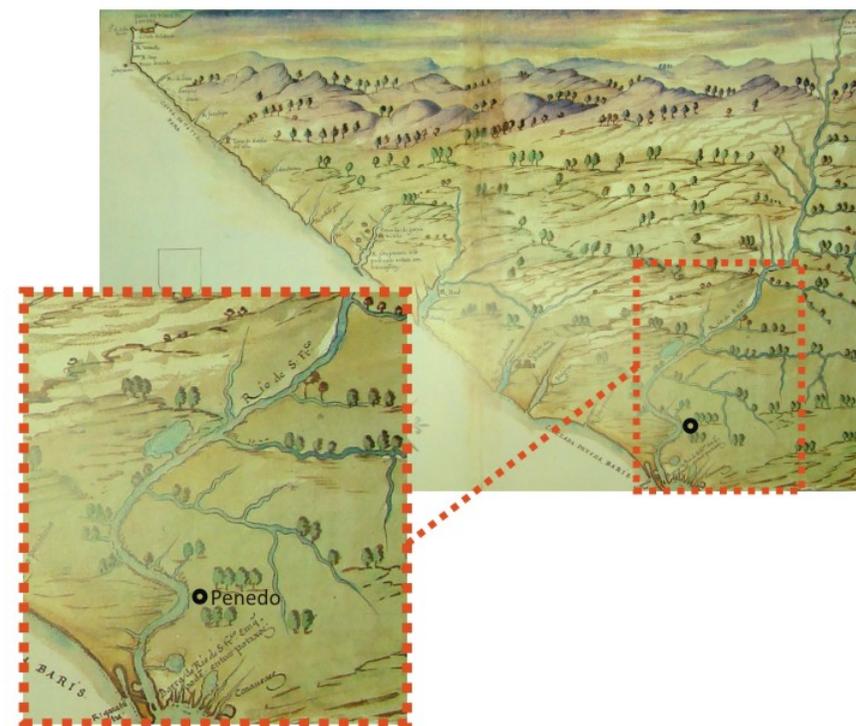


Figura 9: Carta da costa que se estende da Bahia de Todos os Santos até a Barra do Rio São Francisco, do qual é apresentada sua foz e cachoeira. Estão presentes também alguns núcleos urbanos, como a cidade de Salvador e de São Cristóvão, nomeadas.

Autor: João Teixeira Albernaz. Fonte: Estado do Brasil Coligido das mais sertãs noticias q pode aiuntar dõ Ieronimo de Atayde, por João Teixeira Albernaz, cosmographo de Sua Magde, anno 1631. Infográfico: Flávia Cerullo.

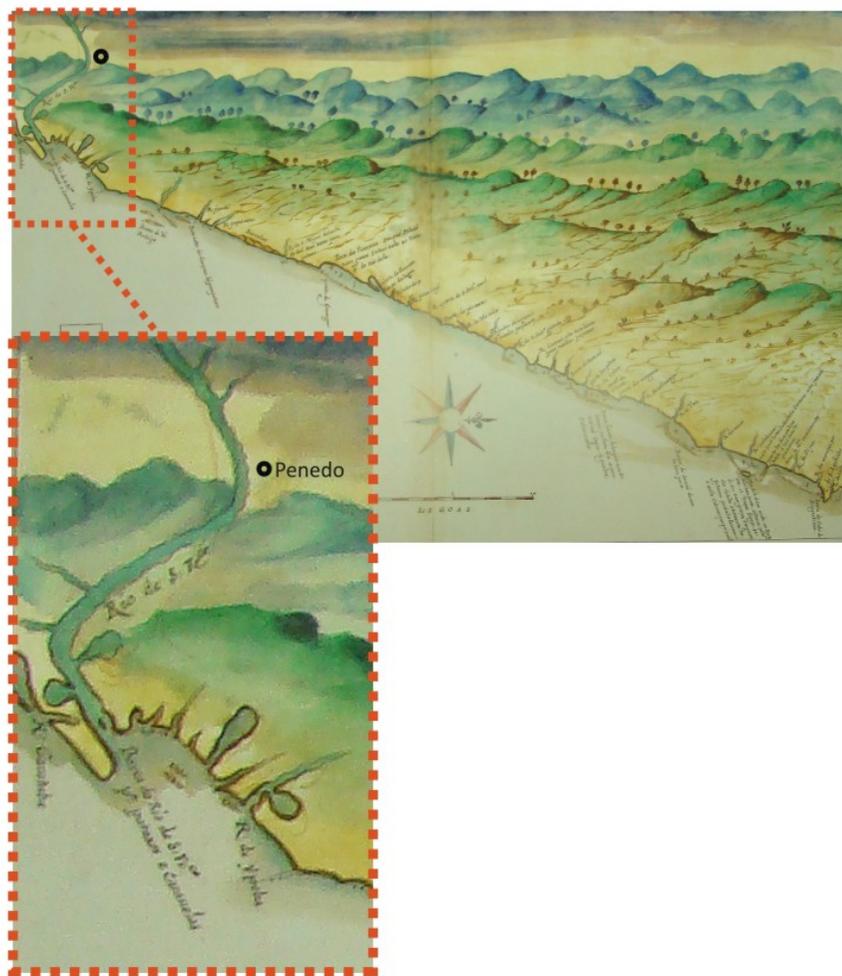


Figura 10: Carta compreendida entre o Rio Guaratuba e a Ponta dos Pescadores, com um trecho da capitania de Pernambuco. Mostra essencialmente portos, rios e barras de acesso ao continente. O Rio São Francisco está bem tímido à esquerda na imagem.

Autor: João Teixeira Albernaz. Fonte: Estado do Brasil Coligido das mais sertãs noticias q pode aiuntar dõ Ieronimo de Atayde, por João Teixeira Albernaz, cosmographo de Sua Mage, anno 1631. Infográfico: Flávia Cerullo.

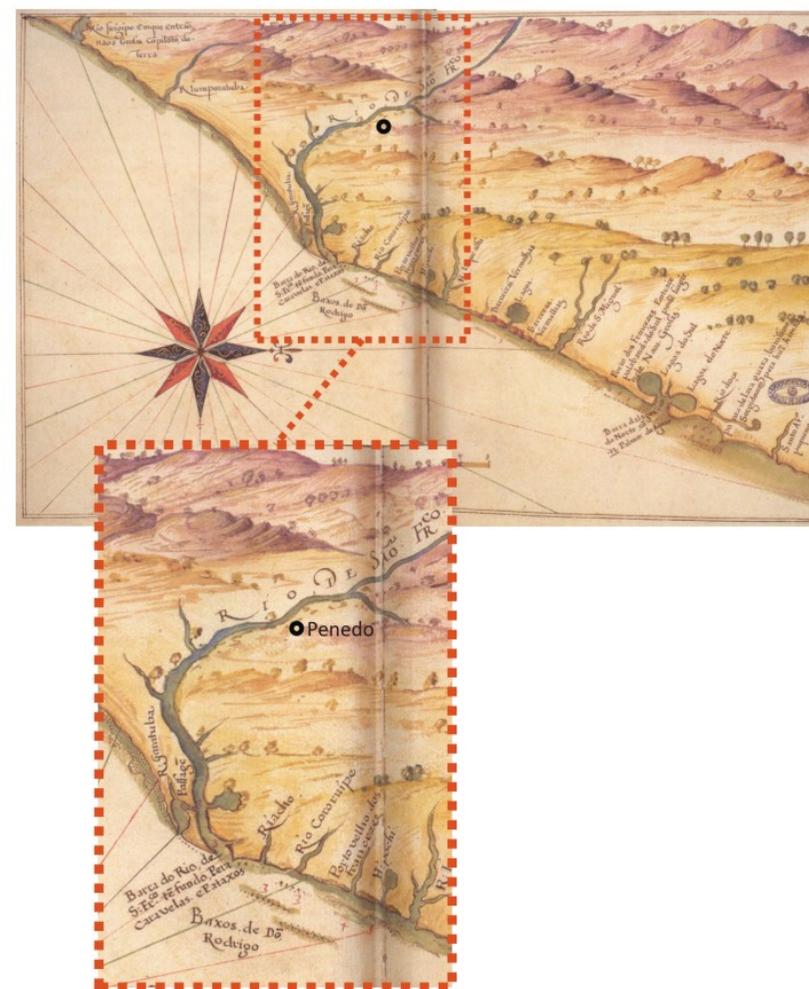


Figura 11: Região sul da capitania de Pernambuco, com a representação das massas de água e portos, com destaque para Rio São Francisco.

Autor: João Teixeira Albernaz. Fonte: Descrição de todo o marítimo da terra de S. Cruz, chamado vulgarmente, o Brazil. Feito por João Teixeira cosmógrafo de Sua Magestade. Anno de 1640. Infográfico: Flávia Cerullo.

Em suas dimensões políticas e técnicas, a cartografia da família Albernaz apresenta um padrão nas representações. Há uma regularidade nos elementos que compõem as obras, os quais seriam os de maior importância para o conhecimento do Reino na ocupação da colônia. Nos mapas estão reproduzidas partes do território brasileiro, em escala macro, com destaque para seus elementos naturais, relevo e, principalmente, massas de água. Os rios estão presentes em grande quantidade, nomeados, demonstrando interesse por suas barras de acesso no oceano e portos. Em todas as imagens, o Rio São Francisco está nomeado ou indicado na legenda apenas no mapa do *Livro que dá razão ao estado do Brasil*. Sua relevância nos mapas pode ser aferida por proporções em termos de dimensão e importância enquanto elemento de fronteira entre capitânicas, sendo nessa fase portuguesa.

1.4 Seguindo os caminhos da descoberta

A partir do cruzamento das fontes, percebe-se que, entre o rio e a vila, a literatura mais antiga se detém a falar do São Francisco, pois, no século XVI e início do XVII, possivelmente existia em Penedo apenas o início de uma povoação. Também os mapas mostrados anteriormente não trazem representações de Penedo, apenas do rio. Referências sobre o que acontecia em suas margens, destacando a presença dos índios, as condições da terra e suas riquezas são encontradas apenas nas obras comentadas que tratam do período.

Sua presença, aliada ao relevo e topografia do sítio, atendia às funções consideradas necessárias aos colonizadores para a localização do povoado, que precisaria de fontes de água para o consumo, facilidade de caminhos de acesso interno e externo, além de segurança. Considerando as relações que os espaços edificados estabelecem com o sítio – relevo, vegetação, massas d'água – coube verificar como essas relações ocorreram na formação de Penedo. Dentre os elementos paisagísticos

componentes dos sítios escolhidos para a implantação urbana, a presença do rio e o terreno alto parecem ter sido os mais influentes. O penedo e o São Francisco conformavam também uma espécie de empecilho geográfico funcionando também como proteção.

Essa necessidade de proteção era justificada por ataques de outras nações ao local, dos quais existem referências mais antigas do que da povoação. Já em 1522 uma expedição francesa atingira o litoral alagoano na região de Penedo, pois os franceses enviavam constantemente navios às terras brasileiras em busca do pau-brasil. Nesse ano, “Os piratas franceses, fugindo ao policiamento das expedições guarda-costas, subiram o rio São Francisco e localizaram-se no local – Penedo -, distante sete léguas da foz. Esta região farta de pau-brasil, local tranqüilo, longe dos olhos do patrulhamento, oferecia condições para o trabalho fácil de derruba e embarque da mercadoria, de pronta entrega ao comércio europeu”.⁵³

⁵³ MÉRO, Ernani. Op. cit., p. 20.

Nos primeiros momentos, o povoado se compunha de um casario insipiente a beira do rio, nas proximidades do porto, onde possivelmente atracou Duarte Coelho. Segundo Sales, “O Penedo de então era um povoado perdido no vão da história, com 300 fogos, cerca de 600 habitantes espalhados por fazendas raquíticas, um povo formado por muitos descendentes dos franceses trazidos pela ambição do pau-brasil. No entanto, por sua condição de fronteira e de beira-rio, tinha fundamental importância militar”.⁵⁴

A partir do cais onde possivelmente atracou Duarte Coelho, formou-se uma das ruas mais antigas, a Rua do Banheiro, que ganhou esse nome por dar acesso ao local onde as pessoas banhavam-se no rio. Segundo Sales, “era um bando de respeito, com horários distintos para homens e mulheres, mas tão pitoresco que foi decantado em crônicas antigas”.⁵⁵

O Rio São Francisco, que no período colonial servia de fronteira entre capitanias, pode ser reconhecido a partir das fontes primárias. As

⁵⁴ SALES, Francisco. Op. cit., p. 25.

⁵⁵ SALES, Francisco A. Op. cit., p. 70.

primeiras visões do rio São Francisco destacam seu caráter totalmente funcional e operativo, afinal limitava a capitania de Pernambuco ao sul, estando entre os dois importantes núcleos de Olinda e Salvador.

As informações textuais tratam dos aspectos relativos à função de transporte, dimensões e capacidade para navegação, como nos relatos de Ruy Pereira, Hans Staden, Diogo de Campos Moreno e Frei Vicente do Salvador. Os dois últimos, assim como Gabriel Soares de Sousa, também mencionam a cachoeira que bloqueia o curso, impedindo passagem dos navios. Gabriel Soares remete à necessidade de uma povoação perto da foz para segurança dos navios.

Outros temas tratados são a fauna por Frei Vicente do Salvador e Diogo de Campos Moreno, e os afluentes do São Francisco por Moreno. Hans Staden também se admira com as dimensões do rio e fala um pouco sobre a paisagem que encontrou nas margens.

Características das águas são abordadas por Gândavo, espantando-se com a fúria com que entra no mar, e por isso diz correrem por vinte léguas

além. Diogo de Campos Moreno também faz referência à força das águas na barra e em todo rio, enquanto Frei Vicente do Salvador destaca “a quietação com que corre o rio quase sem sentir-se”.

Observações mais subjetivas estão presentes nos textos de Diogo de Campos Moreno, para o qual o rio “da barra para dentro é mui formoso e mui seguro” e de Ruy Pereira que admira a “fermosura de três braços de um grande rio que tem, por cada um dos quaes navegam caravellões”.⁵⁶

⁵⁶ NAVARRO, Azpilcueta Navarro e outros. Op. cit., p. 310.

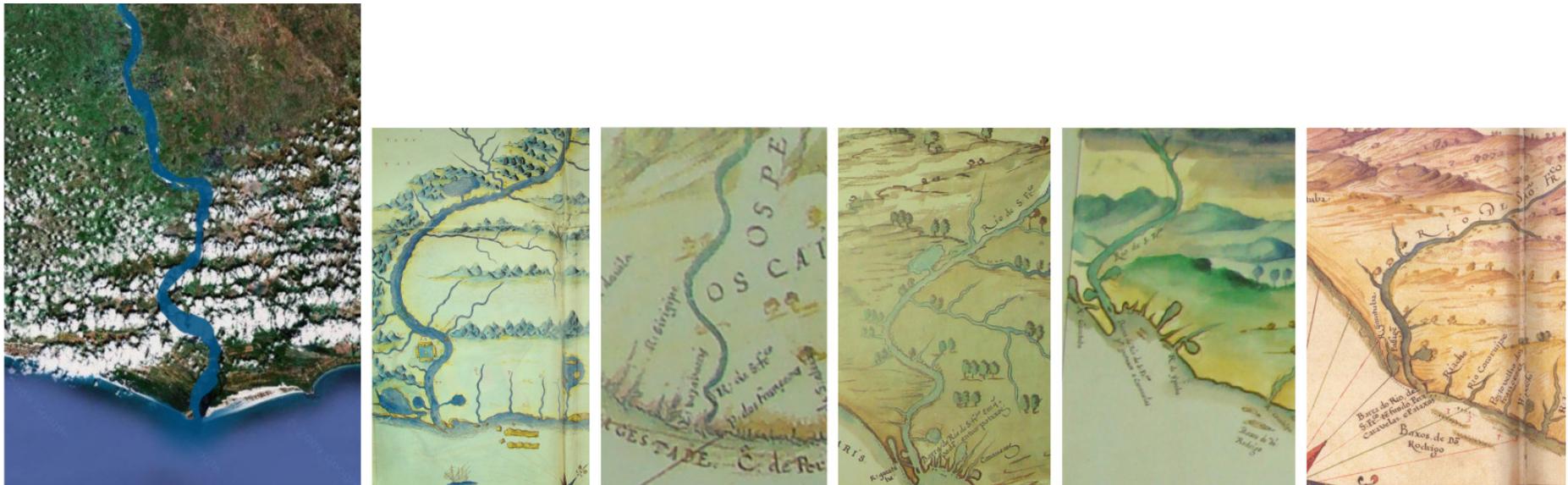


Figura 12: Trechos do Rio São Francisco até a foz no Oceano Atlântico recortados do Google Earth (2009) e dos mapas de Luís e João Teixeira Albernaz (figuras 6, 7, 8, 9 e 10). Infográfico: Flávia Cerullo.

As proporções do rio é o que mais chama atenção na iconografia, pois, mesmo com a escala macro representada, o São Francisco se destaca entre os outros cursos d'água, por extensão e largura. Apresenta-se sempre nomeado, com ênfase para a barra no oceano, importante ponto de acesso para os colonizadores.

Na figura acima, pode-se observar o curso do rio desenhado por Luís e João Teixeira Albernaz, comparando-o com o traçado atual na foto de

satélite. O delineamento das curvas possui algumas diferenças, que são reforçadas pelo escala e tipo de representação, já que alguns possuem uma leve inclinação de perspectiva. No entanto, há o reconhecimento de certa semelhança nos recortes, mostrando o conhecimento do curso do São Francisco pelos portugueses e o grau de fidedignidade de sua cartografia.

Capítulo 2

Olhares de conquista

No século XVII os holandeses ocuparam o nordeste do Brasil, sob o comando da Companhia das Índias Ocidentais que estava interessada, assim como outras nações no período, no açúcar que era produzido nos engenhos brasileiros. A Capitania de Pernambuco era a principal produtora, o que levou ao interesse maior dos flamengos. Em sua estratégia, buscaram caminhos de escoamento do açúcar e locais para defendê-los. Estabeleceram-se em alguns pontos estratégicos e iniciaram uma guerra pelo produto brasileiro. Recife foi ocupada e escolhida como sede de seu governo, onde havia o porto de grande capacidade e uma geografia semelhante a dos Países Baixos.

Para administrar o governo holandês, foi enviado pela Companhia das Índias Ocidentais - WIC, em 1637, o Conde João Maurício de Nassau ⁵⁷.

⁵⁷ Nascido em 17 de junho de 1604 em Dilemburgo na Alemanha, Maurício de Nassau recebeu uma educação digna dos nobres. Com a burguesia assumindo o lugar da nobreza,



Após a conquista de Pernambuco pelo General Lonck, em 1630, Nassau se destaca em várias campanhas militares ganhando prestígio e reconhecimento. Aliadas aos serviços prestados por sua família ao Governo das Províncias Unidas, suas conquistas militares o levaram a ser escolhido, em 1636, para governador dos centros produtores de açúcar em Pernambuco. Além da atribuição política, ele era encarregado da administração da produção açucareira e do comando das tropas militares. Porém, devido a sua personalidade, reflexo de sua criação humanista na Europa, não se contentava apenas com as funções para as quais fora encarregado.

dominando a política e a economia, e todas as mudanças que estavam acontecendo na Europa nesse período, a aristocracia, em decadência, passa a investir na educação dos filhos para prepará-los para assumir as novas funções públicas, e foi isso que a família de Nassau fez. Maurício passou os primeiros anos em Siegen, viveu na Basiléia, em Genebra e dos doze aos quinze anos estudou no Collegium Mauritianum, em Kassel. Mais tarde foi para a corte de seu padrinho, em Haia, onde freqüentava um círculo de intelectuais, filósofos, cientistas e artistas, os quais se tornaram referências para sua vida. Passou por outras cidades da Alemanha e da Holanda, numa época onde Amsterdã era o mais importante e influente centro de desenvolvimento científico, humanístico e artístico. Ao passar por todos esses lugares, ao longo do tempo, desenvolveu em sua mente os ideais humanistas e calvinistas que se difundiam na Europa, formando sua personalidade criadora, inovadora e desenvolvimentista. Ver GALINDO, Marcos. *“O Brasil e o Sonho”*. In.: Eu, Maurício – *Os espelhos de Nassau*. Catálogo da exposição. Recife: Instituto Cultural Bandepe, 2004: p. 48 a 57.

Ao vir para o Brasil, Maurício de Nassau trouxe consigo não só os conhecimentos adquiridos ao longo de uma vida dedicada aos estudos, mas também se fez acompanhar de uma comitiva composta por médicos, cartógrafos, geógrafos, pintores e naturalistas para investigar e registrar as características da nova terra, fauna e flora desconhecidas, os costumes dos nativos, como também os seus feitos nela. Como administrador, ele queria mais do que exercer a função para a qual foi destinado, queria fazer história e assim se mostrou um príncipe seguidor dos princípios humanistas e impulsionador das artes. Durante sua permanência e de sua comitiva foi produzida uma grande quantidade de obras de interesse estético e científico. De volta à Holanda, a Gaspar Barléus foi encomendado o relato da passagem e estada do conde no Brasil⁵⁸. Além de seus feitos, ao naturalista Georg Marcgrave e ao médico Guilherme Piso coube a descrição da fauna e a flora locais na História Natural do Brasil e, por último, o registro das paisagens, dos costumes e da população ficou a cargo dos artistas Frans Post e Albert Eckhout.

⁵⁸ A publicação intitulou-se: *“História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil (1584-1648)”*.

Os sete anos de permanência de Nassau no Brasil deixaram sua marca na história e nos documentos, escritos e iconográficos, de extrema importância para o conhecimento desse momento único da história brasileira. A presença holandesa marca um período de grande produção artística e científica no Brasil, com atenção visual à paisagem nordestina. Os cartógrafos e pintores, trazidos por Nassau em sua comitiva, representaram pioneiramente o território conquistado nos trópicos que fascinava os estrangeiros.

Como parte do território da Capitania de Pernambuco, a vila de Penedo, às margens do Rio São Francisco, também foi ocupada e registrada pelos flamengos em conteúdos textuais e imagéticos. Esse material ⁵⁹ será analisado a seguir e segundo o olhar holandês, pretende-se reconstruir a paisagem seiscentista de Penedo e sua conexão com o São Francisco.

⁵⁹ Acessado no acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

2.1 Escritos holandeses

A produção textual holandesa no Brasil é composta por relatos pessoais ou relatórios encomendados. Os relatórios foram produzidos pelos funcionários do governo holandês e apresentam informações de interesse da WIC, principalmente sobre o açúcar, através dos engenhos de Pernambuco. A intenção era informar o governo do que acontecia nas povoações e como andavam os negócios. Esses relatos são mais técnicos, com dados dos engenhos e números da economia açucareira. Outros textos relatam impressões pessoais, são mais livres e falam do cotidiano das tropas e dos habitantes, das paisagens. Um terceiro tipo de relato produzido pelos holandeses traz informações da guerra, descrições das batalhas, estratégias e dados das tropas, armamentos e munições.

Na construção deste capítulo foram utilizados os relatórios de Adriaen Verdonck (1630), Adrian Van Der Dussen (1639 e 1640), Joan de Laet (1636) e Johannes van Walbeeck e Henrique de Moucheron (1643); os diários de Cuthbert Pudsey (1640), Joan de Blaer (1645) e as próprias

cartas de Nassau (1646). Além dos textos de Frei Manuel Calado, O Valoroso Lucideno e o triunfo da liberdade (1648), e a narrativa de Gaspar Barléus. Nessa revisão foi de extrema importância a antologia produzida por José Antonio Gonsalves de Mello, intitulada “Fontes para a história do Brasil Holandês”.

Buscando um contraponto à visão holandesa, foi utilizado também o texto de Francisco de Brito Freire, Nova Lusitânia de 1675, representando uma visão portuguesa do “Brasil Holandês”.

Os documentos trazem também referências a aspectos urbanos da Capitania, elementos naturais, acessos e áreas habitadas. Apresentam descrições das vilas, das pessoas, do cotidiano, pretendendo um mapeamento do território, principalmente de suas conquistas. Dentre elas destaca-se Penedo.

Em 1637, a vila foi invadida pelos holandeses, conforme projeto para a ocupação definitiva de todo o nordeste brasileiro pelos flamengos. Sua localização era estratégica: à margem do São Francisco, no limite sul da

Capitania de Pernambuco. Essa situação deixava a vila em um importante ponto na rota de transporte em direção à Capitania da Bahia, no trajeto entre Olinda e Salvador. Por isso sua ocupação era importante para a estratégia militar holandesa. Nesse momento, a zona sanfranciscana já havia progredido e o quarto donatário de Pernambuco, em sua viagem a Alagoas, havia elevado o povoado à condição de Vila, com o nome de Vila do São Francisco, em 12 de abril de 1636.⁶⁰

Constatando a sua importância, os flamengos comemoram a conquista e reconhecem que a Vila e o São Francisco precisariam de mais proteção para conter os inimigos. Sobre a conquista e essa necessidade de proteção, com a construção de fortes junto a Penedo sobre o rio São Francisco, fala o próprio Maurício de Nassau, destacando a dimensão e a força desse curso hídrico:

“Julgo cumprir o meu dever levando ao nosso conhecimento como Deus Omnipotente expulsou duma vez desta terra para além do rio de S. Francisco os nossos inimigos.

⁶⁰ MÉRO, Ernani. Op. cit., p. 26.

Considerarei necessaria á conservação do paiz a construcção de alguns fortes sobre este rio, a saber na foz do mesmo e tambem junto á cidadezinha de Penedo, onde o inimigo atravessou-o, situada cerca de seis milhas do mar. Este rio tem largura igual á do Maas antes do porto de Delft e tal correnteza que se não pode dizer. Espero com o auxilio de Deus, conter o inimigo nestas fronteiras”.⁶¹

Mauricio de Nassau mandou construir um forte, denominado Maurício, que serviria como essa proteção através da defesa do limite sul da Capitania. Nassau permaneceu oito meses em Penedo e somente saiu porque contraiu uma doença e, por ordens médicas, teve de seguir para o Recife, deixando pronto o Forte Maurício.⁶² O forte serviria de base militar para garantir a posse das terras à margem do Rio São Francisco e o controle do acesso a Salvador. Suas proporções imponentes possivelmente destoavam de um local ocupado por uma vila ainda

incipiente como a de Penedo, mas correspondia à escala dos conflitos que aconteciam na região.⁶³

Gaspar Barléus produziu o mais completo relato da experiência holandesa no Brasil. É uma obra pioneira sobre as ocupações urbanas e atividades agrícolas, flora, fauna e habitantes. Contém ainda questões administrativas e relatos a guerra. Entre descrições de fatos cotidianos, cenário físico de povoados e as batalhas travadas pelos holandeses durante a primeira metade do século XVII, oferece informações para o conhecimento do contexto do Brasil Holandês. Sobre Penedo, Barléus destacou a construção do forte:

“Em chegando Maurício a Penedo, vilazinha às margens do São Francisco, a seis léguas do mar, julgou idôneo para fazer progressos no território inimigo. Mandou construir ali um forte que lhe tem o nome e outro junto à barra do rio”.⁶⁴

⁶¹ NASSAU, João Maurício de. *Cartas Nassovianas. Correspondência do conde João Maurício de Nassau. Governador do Brazil Hollandez, com os estados dos Geraes (1637 – 1646)*. In: RODRIGUES, José Honório. Índice Anotado da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Pernambucano. Recife, 1961, p. 26.

⁶² SALES, Francisco A. Op. cit., p. 25.

⁶³ REIS FILHO, Op. cit.

⁶⁴ BARLÉU, Gaspar. *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil (1584-1648)*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974, p. 43.

Ainda sobre o forte, Barléus descreve sua situação no terreno de Penedo, seu formato e peças de artilharia; relaciona a geografia do seu entorno e ao Rio São Francisco:

“O forte Maurício presidia a passagem do rio São Francisco, e está construído num morro alto e inclinado, a 5 ou 6 léguas do Oceano, na margem do norte. Dá acesso apenas de um lado. Poderoso pelos seus cinco bastiões e sete peças de metal, domina a planície circundante, submersa, durante os meses estivos, nas águas estagnantes”.⁶⁵

Outros relatos deixados pelos holandeses apresentam o forte e os conflitos que aconteciam na região de Penedo. O forte Maurício era descrito em detalhes, sua localização, dimensões, entorno e ainda suas peças de artilharia. O comportamento das águas do rio em diferentes épocas do ano modificava a relação dele com o forte, na medida em que interferia no cotidiano da vila. Assim como a fortificação holandesa, espantava aos estrangeiros as características do sítio de Penedo, a rocha sobre a qual a vila se assenta e o São Francisco.

⁶⁵ Ibid., p. 144.

“Começando do sul, temos, em primeiro lugar, o forte Maurício, que foi levantado pelos nossos em Penedo, do lado setentrional do Rio São Francisco, afastado do mar cerca de seis milhas. Tem cinco pontas, e está assentado sobre uma rocha escarpada que se eleva a 80 pés de altura sobre o rio. De um lado é tão escarpado que se faz inacessível, e do outro lado, onde de algum modo o inimigo poderia chegar, é defendido por três baluartes. Na sua vizinhança a terra é baixa, excetuando um monte, a qual durante todo o verão se cobre de água, que se eleva à altura de um homem. O forte tem altas muralhas e fossos fundos, mas secos, como Vossas Senhorias poderão ver nos mapas que S. Excia., já enviou ou há-de enviar ainda, e é de grande defesa”.⁶⁶ (grifo nosso)

Reconhecendo a importância de Penedo, então Vila do São Francisco, devido, principalmente, a sua localização estratégica, os portugueses também relataram a estratégia holandesa através da construção do forte. No texto de Freire é reconhecida a importância do forte, inclusive por seu nome, denominando-o “forte real”.

⁶⁶ J. Maurice Conte de Nassau, M. Van Ceullen, Adrien Van Der Dussen VAN DER DUSSEN, Adriaen; J. Maurice Conte de Nassau, M. Van Ceullen. **Breve discurso sobre o estado das quatro capitanias conquistadas, de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande, situadas na parte setentrional do Brasil (1638)**. In: MELLO, José Antônio Gonçalves de. *Fontes para o Brasil Holandês – a economia açucareira*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1981, p. 114.

“Considerada a situação, conveniência e importância da Vila de São Francisco, em que alojava o Nassau, para nos impedir as entradas e se aproveitar de copiosíssimos gado que havia na campanha, levantou junto ao rio um forte real. Em benefício de sua fama e esplendor do seu nome, lhe fez chamar Maurício: guarnecendo-o com sete peças de bronze e mil e seiscentos soldados, á ordem do General Segismundo”.⁶⁷

Sobre a vila, o autor destaca sua localização e relação com os elementos naturais, o rio e o mar:

“(…) a Vila de São Francisco; chamada assim de um notável rio deste nome que por junto dela, estendendo mais oito léguas de curso e a foz em duas da abra, se vai meter no mar, com porto capaz de pequenos navios, quase dez graus e meio para o Sul”.⁶⁸ (grifo nosso)

Quanto ao São Francisco já se buscavam informações bem mais técnicas, já que ele se tornara importante na guerra. Foram escritas descrições mais completas e englobando maior número de características como a fauna, seus afluentes e seu comportamento durante o ano. Os relatos falam muito das dimensões do rio e sua função mais importante

continuava sendo a navegação. Tinham ciência de uma maior extensão do mesmo, a ponto de já falarem com mais propriedade da cachoeira e outras ribanceiras que impediam a navegação em algumas partes, sobre a foz e a formação de bancos de areia. Havia um conhecimento maior dos afluentes e seus comportamentos, das ilhas, além da riqueza da fauna na região do São Francisco. Apesar de a nascente ser desconhecida, assim como o interior do Brasil, já se faziam algumas suposições baseadas em seu comportamento durante alguns períodos do ano.

“São Francisco, o qual se bem que um grande rio, sofre grande pressão do mar, o que acarretou a formação na sua barra de um banco de areia seco. È rio de muita água, extenso e largo, contando diversas e férteis ilhas, tanto grande como pequenas onde pasta muito gado. A sua nascente e a região de onde provém são desconhecidas. No inverno, quando mais chove naquelas regiões, é que o rio conta com menos água, mas no verão, quanto há seca, as águas crescem e inundam todas as terras baixas. O que parece indicar que a sua nascente está muito ao Sul, em altos montes gelados, cuja neve

⁶⁷ FREIRE, Francisco de Brito. **Nova Lusitânia – história das guerras brasílicas**. São Paulo: Beca Editora, 2004, p. 245.

⁶⁸ Ibid., p. 244.

derretendo-se com o calor do verão, causa a enchente do rio”.⁶⁹ (grifo nosso)

Verdonck apresenta o rio como limite do território de Pernambuco e fala um pouco do cotidiano da região, como e de que vivem seus moradores:

“Em primeiro lugar a jurisdição de Pernambuco estende-se até o rio de S. Francisco, cerca de 40 milhas para o sul; nesta região os poucos habitantes, quase todos pastores, vivem unicamente de bois e vacas, para a criação dos quais a terra se presta muito havendo ali grande quantidade destes animais; fazem também ali bastante farinha, pescam muito peixe e colhem fumo; encontra-se igualmente algum pau-brasil, mas pouco açúcar e todas estas mercadorias são trazidas anualmente d’uma vez para Pernambuco; á beira mar tem-se achado frequentemente muito âmbar”.⁷⁰

⁶⁹ VAN DER DUSSEN, Adrian. *Relatório sobre as capitânicas conquistadas no Brasil pelos holandeses - suas condições econômicas e sociais (1639)*. Rio de Janeiro: Edições Instituto do Açúcar e do Alcool, 1947, p. 26.

⁷⁰ VERDONCK, Adriano. *Descrição das captanias de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande*. Memória apresentado ao conselho político do Brasil por Adriano Verdonck, em 20 de maio de 1630, p. 35.

2.2 Iconografia holandesa

As primeiras relações urbanas entre Penedo e o Rio São Francisco também foram representadas pela iconografia holandesa do século XVII.

A partir de mapas e vistas pode-se fazer conjecturas sobre a influência do rio na formação do traçado urbano e da paisagem edificada. Nesse estudo levam-se em consideração as características da arte e cartografia holandesas que tornam o material uma importante fonte de conhecimento da paisagem colonial das cidades nordestinas.

A riqueza de detalhes e a precisão referentes à arte e a cartografia holandesa do período, desenvolvida estreitamente associada ao cálculo astronômico e às novas descobertas tecnológicas, conferem uma possibilidade de acesso aos aspectos do cotidiano e da vida colonial. Essas características tornam o material uma importante ferramenta na pesquisa histórica e científica, que vem sendo cada vez mais experimentado e amplamente divulgado, resultado de um conhecimento produzido em um momento marcado por uma revolução, através de conquistas

tecnológicas em desenvolvimento nos Países Baixos. As obras produzidas no Brasil são frutos desse comportamento que levou a um compromisso de artistas e cientistas com a fidelidade ao mundo visto.

As intervenções holandesas no território brasileiro podem ser observadas nos mapas e vistas produzidos pelos artistas flamengos, que exerciam funções militares e de reconhecimento da área. Em suas obras os elementos naturais eram retratados com destaque, como aspectos do sítio urbano, a fauna e a flora locais, além dos nativos na sua vida cotidiana.

A produção imagética também apresentava a visão do artista sobre a localidade. As obras carregam impressões pessoais do autor, a sua maneira artística, expressando uma visão de mundo de uma época. O criador é um indivíduo pertencente a uma época, um povo, ou seja, uma comunidade cultural. No caso de reproduções paisagísticas, representam a forma como o autor entende e percebe a paisagem. Interpretada pelo observador, a partir do entendimento do contexto em que fora

elaborada, cabe decifrar a carga de informações que a iconografia contém em sua linguagem.

Os mapas também demonstram um caráter artístico, como produtos culturais de apropriação do território. Muitos dos que foram elaborados no Brasil foram encomendados pelo governo das nações envolvidas na empreitada colonial. No caso dos Países Baixos, acresce a esse patrocínio, o da WIC. A intenção era conhecer os territórios conquistados, seus limites, recursos físicos, naturais e humanos. Além do motivo operacional, representavam um mecanismo de força política na sociedade através da informação.

“Os holandeses realizaram cartografia manuscrita e sigilosa no âmbito das conquistas efetuadas pelas Companhias das Índias Orientais e Ocidentais. No entanto, notabilizaram-se, sobretudo, pela cartografia de difusão, impressa, destinada à divulgação em larga escala, com vistas a estimular as possibilidades do comércio internacional ultramarino. É preciso distinguir um e outro gênero para

que possamos decodificar os desígnios em questão”.⁷¹

Assim como os ibéricos, também os holandeses, antes mesmo do século XVII, investiram na formação de engenheiros militares e agrimensores destinados a realizar cartografia minuciosa, oficial e sigilosa das terras conquistadas a leste e a oeste do globo terrestre, bem como a proceder à construção de fortalezas, cidades e obras públicas de infraestrutura urbana.⁷²

Os levantamentos terrestres apresentados nos mapas eram fundamentais para a administração local. Conhecer a geografia para fins de comércio, diplomacia e guerra era essencial para a sobrevivência da WIC no Brasil. Os mapas traziam preciosos dados sobre as tribos indígenas aliadas e inimigas, sobre a rede de caminhos, de comércio, sobre a localização dos engenhos de produção do açúcar, bem como sobre a fauna e a flora

⁷¹ BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. **A guerra de papel: confecção e disputa pelos mapas.** In: TOSTES, Vera Lúcia Bottrel, BENCHETRIT, Sarah Fassa, MAGALHÃES, Aline Montenegro (org.). *A Presença Holandesa no Brasil: memória e imaginário.* Livro do Seminário Internacional. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2005: 147.

⁷² BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. Op. cit., p. 151.

brasileira. O mapa a seguir, elaborado por Marcgrave, mostra a Capitania de Pernambuco, com seus caminhos, portos, lagoas, rios, com atenção para o São Francisco como limite de seu território, e cenas do cotidiano.



Figura 13: Praefectura de Pernambucae pars Meridionalis, George Marcgrave. Fonte: BARLÉU, Gaspar. *História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*, (1647). Rio de Janeiro: Instituto da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. CDrom.

Através da cartografia eram também apresentadas as intervenções urbanísticas realizadas pelos flamengos nas vilas brasileiras, incluindo Penedo.

Do ano da chegada dos holandeses em Pernambuco, 1637, um mapa de Penedo mostra o projeto para o Forte Maurício. Na imagem é destacada a sua configuração e implantação sobre a rocha. O forte está praticamente no centro da composição e desenhado com linhas bem definidas, diferente dos outros elementos, que parecem estar no tom de rascunho. De acordo com a representação, as casas possuíam quatro águas e, em sua maioria, localizavam-se na beira do rio e no caminho para o forte, seguindo a topografia. O rio está localizado no lado esquerdo, representado na cor e tonalidade da parte terrestre, sem destaque. Aparece uma pequena parte do rio na região portuária, no canto direito inferior com ar de inacabado, aparentemente sem muita importância. Diversas linhas, que possivelmente representam o relevo, topografia e os caminhos, aparecem contínuas e pontilhadas. Uma demarcação com

traço mais forte mostra a rocheira, aparentando uma barreira, que teria sido aproveitada como proteção. Podem ser vistos alguns indícios da ocupação da vila, com um adensamento de edificações próximo ao porto, na beira do rio, e outras, esparsas em direção ao forte, na parte alta do terreno. A fortificação localizada um pouco mais distante do São Francisco, no penedo, tem uma visão privilegiada do mesmo e da região.

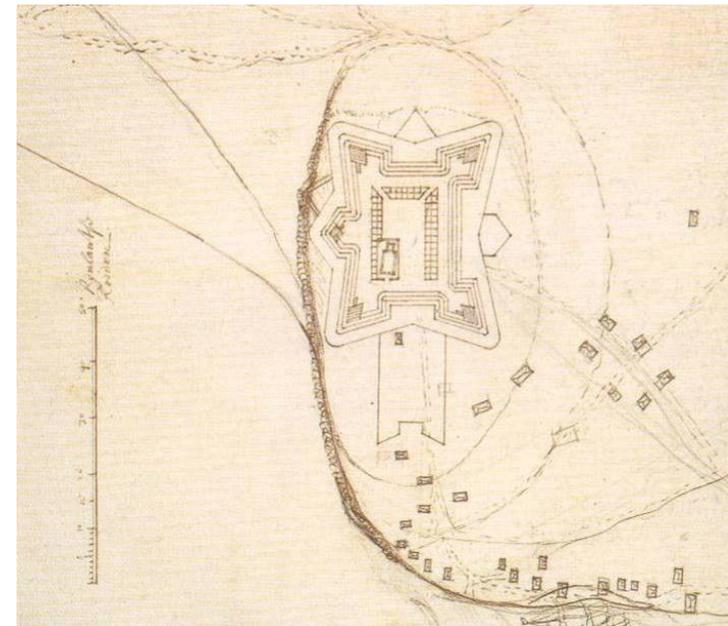


Figura 14: Sem título, 1637, Frans Post. Fonte: REIS, Nestor Goulart. *Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial*. São Paulo: FAPESP, 2000.

Em um segundo mapa, datado de 1647, aparece uma região maior que o anterior, inclusive com a outra margem do rio, onde existe um outro ponto fortificado. O São Francisco apresenta-se no centro e constituindo quase metade da composição. Nele estão representados os bancos de areia, seu nome e a rosa dos ventos. Na vila, os caminhos e o casario se apresentam mais definidos na margem e em direção ao forte. Estão presentes ainda algumas lagoas ou alagados e outros caminhos que se estendem de Penedo. Entre os elementos gráficos, a imagem contém ainda legenda e escala, no canto direito superior e inferior, respectivamente. A rocheira tem representação diferente das outras referências ao relevo. Mesmo seguindo as variações de tons de terra da imagem, a área delimitada da rocha em questão foi pintada em uma cor mais viva. Penedo não possui destaque na composição, apenas o forte com suas proporções imponentes. Na intenção de mostrar a região de fronteira entre as capitanias, com o São Francisco fazendo a ligação delas, a vila some na grande área representada.

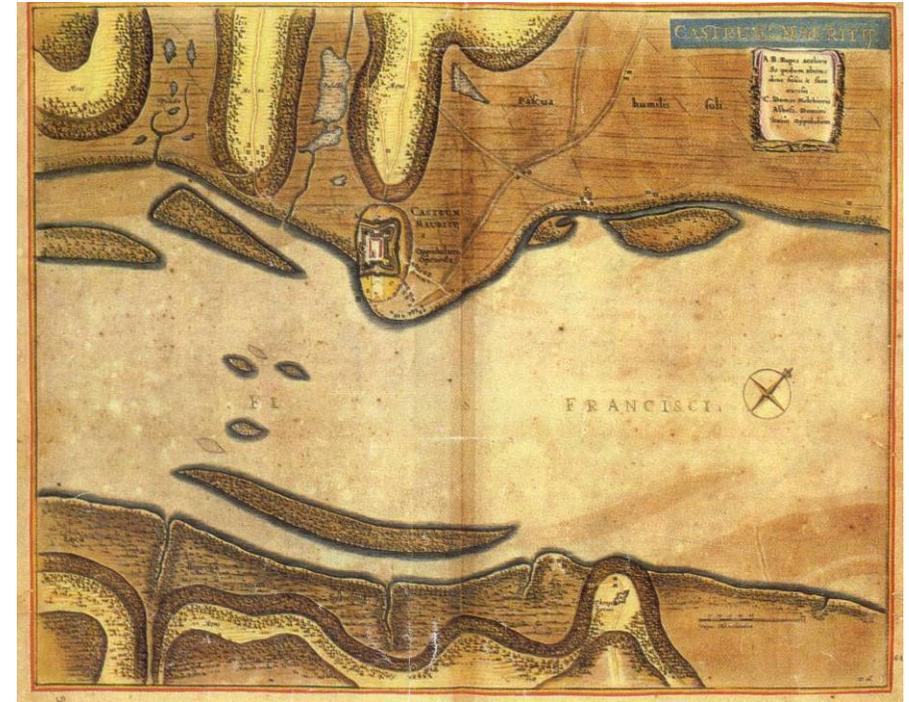


Figura 15: “Castrum Maurity ad Ripam Fluminis s. Francisci”, 1647, Frans Post. Fonte: HERKENHOFF, Paulo (Org.) O Brasil e os Holandeses: 1630-1654. Rio de Janeiro: Sextante Artes, 1999.

A terceira imagem é bastante similar a anterior, podendo ter sido feita baseada na outra, sendo uma composição de proporções bem semelhantes. O Rio São Francisco se apresenta nomeado e em destaque, também no centro da obra. Assim como o anterior apresenta um recorte

ampliado da região, dando, porém mais visibilidade a algumas ocupações distantes da vila. O nome do rio aparece bem mais destacado, se estendendo em quase toda a largura do mapa e a formação das ilhas também é um pouco diferente do anterior. A vila aparece um pouco mais, devido a presença de um maior número de edificações (mapa datado de 1666) e ao contraste de cores, mas ainda bastante tímida em relação à composição. As casas permanecem dispostas junto a algumas ruas e ladeiras que fazem a ligação com parte alta, em direção ao forte. Entre os elementos de representação gráfica, este também possui legenda, rosa dos ventos e escala.



Figura 16: “*kaart van het fort't welk graaf – maurits van nassaun ...*”, 1666, J. Vingboons, Fonte: REIS, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*. São /Paulo: FAPESP, 2000.

Além das funções militares, eram produzidas imagens de cunho mais artístico, onde eram retratados com destaque os elementos naturais como aspectos do sítio urbano, a fauna e a flora locais, além dos nativos em seu cotidiano. As vistas que serão apresentadas a seguir são dos três períodos dos mapas acima, dessa forma pode-se ter uma visão mais real e

abrangente da paisagem configurada nos primeiros momentos da formação de Penedo.

Frans Post foi o responsável na comitiva de Nassau pela representação da paisagem das vilas e cidades que foram ocupadas pelos holandeses, enquanto Albert Eckhout ficou com o registro da flora e da fauna, bem como os tipos humanos existentes nestas terras. “Da mesma forma que as cartas, as vistas eram também uma obra de arte, dirigida aos reis e aos financiadores dos empreendimentos marítimos, conciliando a precisão exigida pela ciência e a apreciação estética das terras conquistadas”.⁷³

Primeiro pintor e desenhista a viajar ao Novo Mundo, Frans Post tinha a incumbência de retratar a paisagem brasileira. Sua obra se encaixa perfeitamente no padrão da pintura holandesa de paisagem do século XVII, chamado “século de ouro” da arte holandesa. Tanto quanto os artistas que se dedicaram a representar os cenários de sua Holanda

⁷³ SILVA, Maria Angélica da. **Desenhos de territórios: revendo antigas vilas e cidades através das imagens**. In: COSTA, Maria Helena Braga e Vaz da, VALENÇA, Márcio Moraes (org.). *Espaço, cultura e representação*. Natal: EDUFRN - Editora da UFRN, 2005, p. 19.

nativa, Post contribuiu para o florescimento, a variedade e a popularidade da paisagística do norte da Holanda produzida durante o “Século de Ouro”.⁷⁴

Boogaart argumenta que Post pretendia construir uma análise pictórica da Colônia a partir de imagens documentais, assim como os outros estudos produzidos. O autor propõe que as pinturas e os estudos compartilham temas que surgiram através da vontade dos holandeses de construir um quadro de referência sobre a sociedade que eles queriam dominar. Ele sugere que as pinturas de Post no Brasil não foram obras separadas, individuais, mas parte de uma série que ganhou uma coerência temática devido à preocupação de se ter uma administração adequada da Colônia.⁷⁵

⁷⁴ DUPARC, Frits. **Frans Post na Pintura Holandesa do Século XVII**. In.: LAGO, Pedro e Bia Corrêa do. *Frans Post (1612 – 1680) Obra completa*. Editora Capivara, 2006.

⁷⁵ BOOGAART, Ernest van den. **Realismo pictórico e Nação: as pinturas brasileiras de Frans Post**. In: TOSTES, Vera Lúcia Bottrel, BENCHETRIT, Sarah Fassa, MAGALHÃES, Aline Montenegro (org.). Op. cit.

Em sua avaliação da obra de Post, o mesmo autor observa que o artista usou praticamente a mesma composição em todas suas pinturas brasileiras, semelhante à empregada nos Países Baixos. Nas pinturas brasileiras de Post, 60 a 70 por cento da superfície estão reservados para a representação do céu, normalmente coberto levemente por nuvens, e sem um sol visível. Abaixo do céu, no horizonte, pode-se perceber uma fina faixa contendo uma representação precisa de um elemento ou de um núcleo edificado. A parte ao centro frequentemente apresenta um panorama livre do horizonte. Um rio ou uma estrada guia o olhar do espectador à paisagem distante.⁷⁶

A primeira vista analisada de Penedo, pintada por Frans Post, retrata o lado norte do rio São Francisco, a partir da margem sul. No primeiro plano, veem-se em tom mais escuro cenas da fauna e da flora local. Ao fundo está o lado norte com a vila de São Francisco, atual Penedo, nela se encontra o Forte Maurício e uma vegetação com a predominância de plantas rasteiras. A vila aparece tímida, seus elementos edificados somem

⁷⁶ Ibid.

na estreita faixa de terra da paisagem representada. Do outro lado a rocheira se destaca muito, representada pela cor mais clara. O porto aparece com um navio atracado e o caminho que liga o rio a parte alta, na direção do forte está bem marcado. As águas do rio se mostram calmas e serenas, o céu constitui a maior parte da obra, conforme analisa Boogaart, e a dimensão do São Francisco fica evidente em proporção com os outros elementos da pintura.



Figura 17: “O Rio São Francisco”, 1638, Frans Post. Fonte: REIS, Nestor Goulart. Imagem de Vilas e Cidades do Brasil Colonial. São Paulo: FAPESP, 2000.

As gravuras que compõem a obra de Barléus são diferentes versões sobre os mesmos temas, onde o céu e a faixa no horizonte são praticamente idênticos. As variações ocorrem nos personagens, plantas e animais. Há divergências entre os autores quanto ao caráter decorativo das obras e seu grau de compromisso com a realidade. Alguns consideram a pintura como uma obra com a preocupação mais decorativa, enquanto que as gravuras teriam uma preocupação documental maior, havendo, por isso, a troca de alguns elementos naturais presentes nas pinturas por cenas históricas nas gravuras.⁷⁷

A segunda imagem é a gravura que ilustra o livro de Barléus, com a margem sul do Rio São Francisco no canto esquerdo e abaixo, em primeiro plano, com elementos da flora e Penedo na margem norte. Tem composição bem semelhante à pintura anterior. Ao fundo, aparece a vila de São Francisco com alguma vegetação não muito exuberante, sua parte edificada está mais destacada, sendo possível observar as casas e o Forte Maurício, além do porto com a presença de um navio atracado. Esta vista

além de documentar com legenda a posição do forte e o São Francisco, também registra a fuga dos portugueses quando na tomada da vila pelos holandeses. Devido a essa cena histórica as águas do rio aparentam estar mais agitadas.



Figura 18: “Castrum Maurity ad Ripan Flumini s. Francisci”, 1647, Frans Post. Fonte: O Brasil e os holandeses: 1630 – 1654. (Org.). HERKENHOFF, Paulo. Rio de Janeiro, Sextante Arte. 1999.

⁷⁷ DUPARC, Frits. Op. cit.

A Vista “O Rio São Francisco” não contém pessoas. O primeiro plano da pintura apresenta um rio de superfície calma e em sua margem está uma capivara, ao lado da vegetação. Na gravura, a capivara e a cana sumiram e em seu lugar são apresentadas tropas portuguesas atravessando o rio em fuga. Para Boogaart isso acontece por estar essa imagem atrelada à descrição de Barléus da conquista do sul de Pernambuco por Nassau. Em ambas as imagens, a faixa do horizonte e o céu são semelhantes, conforme o estilo do pintor já analisado.

Segundo Boogaart, Post não teve a intenção de reproduzir a colônia agrícola brasileira como o paraíso na terra. Sua visão não era utópica. Ele observou com seus próprios olhos a maioria do que ele retratou nas pinturas, gravuras e ilustrações, selecionou e organizou seus temas visando uma aproximação às normas políticas de seu padrão. Seu realismo pictórico de Post estaria a serviço de uma vontade política focada em combinar norma cultural com realidade social.⁷⁸

Nas representações de Penedo, Frans Post valorizou a paisagem natural, o rio e avistou a vila de longe. As edificações não são destacadas nas composições, inclusive o forte, mas são retratadas em detalhes quando aproximadas (ver figura 21).

Na terceira imagem, de Johannes Vingboons, em primeiro plano no canto inferior esquerdo está a margem sul do Rio São Francisco com uma vegetação rasteira. Uma batalha naval parece está sendo retratada no rio onde há uma intensa movimentação de navios. Nesse contexto, as águas do rio se mostram mais agitadas. Ao fundo, a vila de São Francisco sobre a rocheira, onde se podem observar o Forte Maurício e outras edificações, provavelmente residências. Nesta vista, os elementos construídos da vila estão mais visíveis, na faixa de terra também estreita, seguindo proporções semelhantes às imagens anteriores, onde o céu ocupa a maior parte da composição.

⁷⁸ BOOGAART, Ernest van den. Op. cit.



Figura 19: “Mauritius”, 1666, J. Vingboons. Fonte: REIS, Nestor Goulart. Imagem de Vilas e Cidades do Brasil Colonial. São Paulo: FAPESP, 2000.

A partir das imagens holandesas pode-se compreender um momento da história urbana de Penedo. Os mapas e as vistas mostram os elementos naturais e edificados da cidade e como eles se relacionam entre si a partir da percepção dos artistas flamengos. As imagens foram digitalizadas e trabalhadas através de softwares computacionais, destacando-se os aspectos importantes que determinaram a fundação e a ocupação da vila,

como os elementos norteadores do traçado urbano e sua configuração, as marcas naturais e edificadas, informações que levam a uma orientação da expansão urbana.

O primeiro fato observado foi que a vila seguiu uma proposta urbana que atenta para as características do sítio, confirmando o que foi verificado na literatura. O estudo das imagens holandesas reforça a assertiva de parte da literatura sobre a história do urbanismo colonial que afirma a sabedoria e o pragmatismo portugueses de conduzir-se pela leitura prévia do sítio, gerando uma implantação condicionada por ele. Dentre os elementos paisagísticos componentes do sítio escolhido para a implantação urbana, a massa de água e o terreno alto e plano parecem ter sido os mais influentes.

Nas três vistas o Rio São Francisco ocupa uma grande parte da composição. Na primeira aparece mais tranquilo, enquanto nas outras duas, com movimentação de pessoas os de barcos, levando a representação da água mais agitada. Em todas, porém, há a presença de

navios no porto, sinalizando a importância dessa atividade para o rio e para a vila, enquanto via de deslocamento por seu curso e de travessia.



Figura 20: Porto em recortes das figuras 16, 17 e 18.

A rocheira, como parte mais alta da região, possibilita uma visão ampla do território e do São Francisco, juntos, eles representavam uma defesa natural, assumindo o papel de empecilhos geográficos. (ver figuras 20 e 21) Esses aspectos foram considerados na implantação da vila, sendo encontrados os mesmos critérios em outras povoações que surgiram no mesmo período.

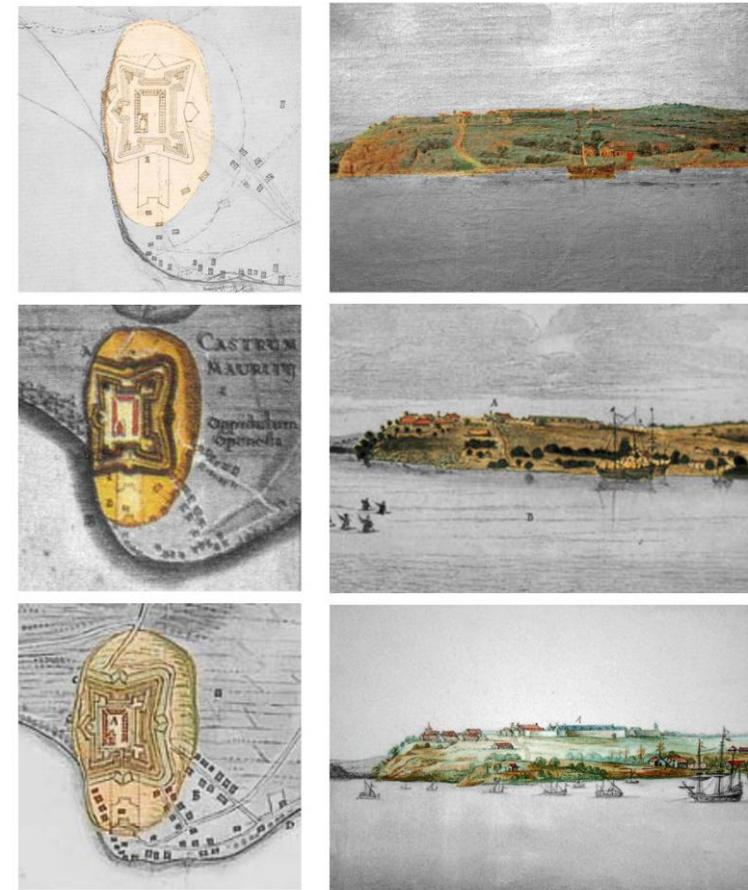


Figura 21: Rocheira em recortes das figuras 13, 14, 15 (mapas) e 16, 17 e 18 (vistas). Infográfico: Flávia Cerullo.

As edificações religiosas acompanharam os primeiros momentos da implantação dos antigos núcleos, consolidando as ruas e caminhos que privilegiavam os acessos às capelas, igrejas e conventos. Na área mais alta e extrema do sítio encontra-se a igreja matriz, símbolo da urbanização no contexto do século XVII. Em Penedo, era uma pequena capela consagrada a Santo Antônio de Pádua, antigo padroeiro da cidade, que Belchior Álvares construiu por volta de 1610 em um terreno próximo a atual Matriz. A capela foi arruinada na chegada dos holandeses. No ano de 1690, iniciou-se a construção de uma Matriz dedicada a Nossa Senhora do Rosário, em frente ao pelourinho da cidade. Esse templo ruiu por volta do ano de 1800, quando se começou a construir, num terreno um pouco à frente, o prédio atual.⁷⁹ Esse edifício servia de referência visual para a orientação no próprio núcleo habitado, podendo também, ser avistado do rio e possuindo uma ampla vista do mesmo.

Geralmente os conventos se localizavam mais afastados do centro urbano, enquanto que as demais igrejas espalhavam-se pela cidade ou

vila, mas guardando a característica de situarem-se nas extremidades da área urbanamente delimitada pelos colonizadores. Em Penedo, o Convento de Santa Maria dos Anjos, construído em 1660, ano da chegada dos franciscanos na vila, localizou-se um pouco afastado do porto, em uma altura intermediária no terreno, onde, nos pavimentos superiores, pode-se avistar o rio.

Antes da chegada dos holandeses a vila se compunha de um casario a beira do rio, próximo ao porto. Com a chegada dos holandeses, o Forte Maurício foi construído circundando a área onde se localizava a capela que viria a ser a matriz, no local mais alto do terreno. Com proporções imponentes, como mostra a iconografia, em um local ocupado por uma vila ainda incipiente como a de Penedo, mas que na verdade serviria de base militar para garantir a posse das terras à margem do rio São Francisco que eram muito férteis, como também para garantir o controle do acesso a Salvador.

⁷⁹ SALES, Francisco A. Op. cit., p. 158.

O forte passou então a ser a edificação mais importante da vila, sendo o ponto para onde convergiam os caminhos. A vila se desenvolvia, então, a beira do rio e deste para o forte Maurício, seguindo a topografia do sítio. Sua relação com o São Francisco é clara nas imagens, a partir de sua localização estratégica, com acesso ao rio e com uma ampla vista, além de se valer dele como complementar ao seu sistema de defesa.

Em todas as imagens o forte é representado em detalhes. É visível a falta de proporção entre o forte e a vila, porém sua localização objetivava o

controle do rio e da região, possibilitando estratégias de defesa para os inúmeros conflitos que aconteciam em suas proximidades.

Comparando as imagens e a vila em três décadas (ver figura 22) percebe-se a lógica de implantação e o desenvolvimento do traçado urbano, que foi pontilhado em vermelho. Na seqüência das plantas pode-se perceber a evolução dos caminhos direcionando o crescimento da cidade à margem do São Francisco, a partir do porto, e dele em direção ao forte, na parte alta do sítio. Foram destacadas as características do sítio que definiram a

fundação do povoado: o Rio São Francisco, em azul, e uma delimitação da rocheira em verde, sendo esses elementos naturais definidores de um traçado urbano.

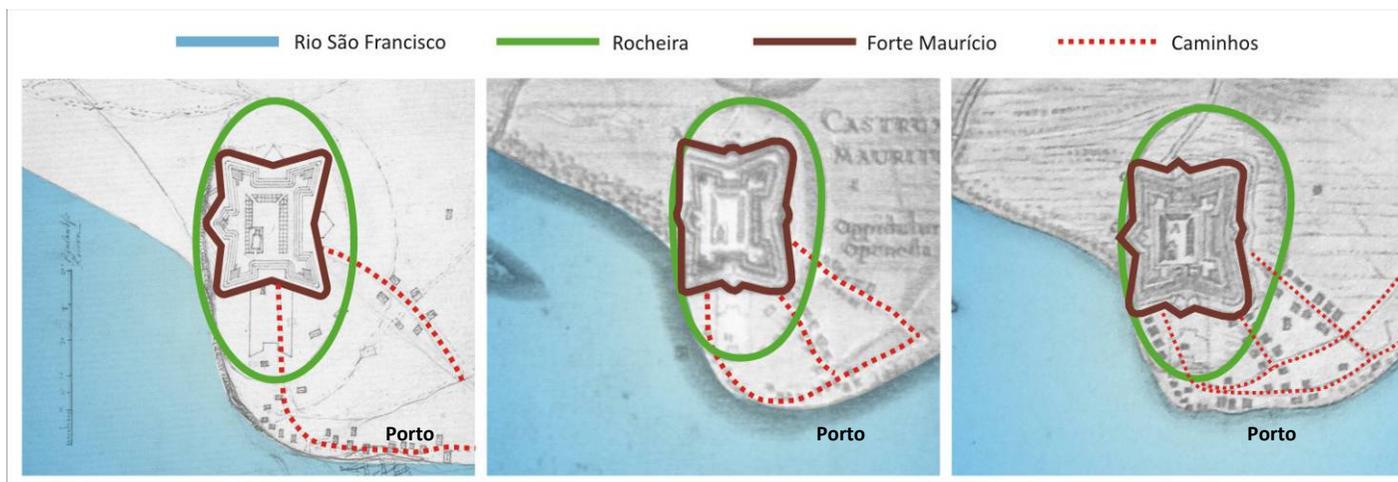


Figura 22: Traçado e elementos norteadores em recortes das figuras 13, 14 e 15. Infográfico: Flávia Cerullo.

Nas vistas, são perceptíveis as edificações na beira do rio, nas proximidades do porto e subindo, seguindo a topografia, em direção a parte mais alta ao longo de um caminho bem definido em direção ao forte, destacado em vermelho.

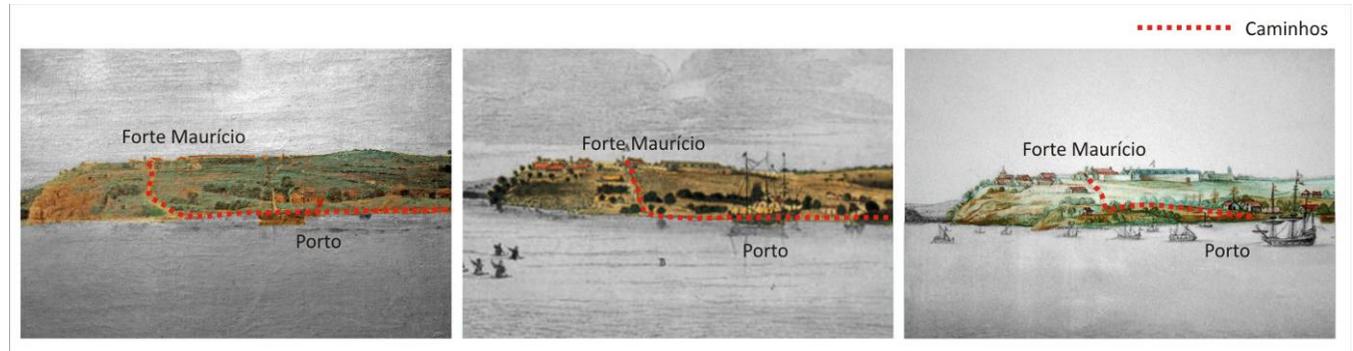


Figura 23: caminho do porto em direção ao forte em recortes das figuras 16, 17 e 18. Infográfico: Flávia Cerullo.

Entre os historiadores verifica-se a referência a construção da casa de câmara e cadeia na Praça da Igreja Matriz. A construção data de 1636, oficialmente o primeiro prédio do território que viria a ser Alagoas. Internamente tinha três celas: uma destinada aos homens, outra às mulheres e outra aos negros. A Casa de Câmara passou a funcionar no andar superior da Cadeia,⁸⁰ porém não foi encontrada referência na iconografia holandesa.

Os eixos de desenvolvimento do traçado estão presentes na cidade atual. Segundo a “teoria das permanências” de Aldo Rossi, a cidade permanece,

principalmente, em seu traçado. As permanências são sinais físicos de um passado que ainda é experimentado. Dos primeiros momentos de formação de Penedo, permanecem eixos do traçado urbano e o porto, ainda com a mesma função. Quanto ao forte, não existe nenhum vestígio material, porém está forte na memória coletiva. O Rio São Francisco ainda permanece em algumas de suas funções, como caminho e fronteira de territórios.⁸¹

⁸⁰ SALES, Francisco A. Op. cit., p. 160.

⁸¹ ROSSI, A. **A Arquitetura da Cidade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001, p. 52.

2.3 Desvendando as marcas da conquista

Ao produzir relatos e imagens, os holandeses tinham a intenção de registrar as suas conquistas, revelando as características das vilas e povoados. Por isso eram produzidos textos descritivos, principalmente quanto aos aspectos geográficos. Eles tentam informar aos que ficaram nos Países Baixos sobre os lugares conquistados, como estão tomando posse e controlando o território, e para isso dão referências principalmente quanto aos seus aspectos físicos, elementos naturais e edificadas. As informações repassadas representam a forma funcional e operativa com a qual eles viam os recursos oferecidos pelas terras brasílicas e sua intenção de aproveitá-los segundo os seus propósitos.

Nesse contexto, o Rio São Francisco é frequentemente citado pelos estrangeiros. Nos documentos escritos, sobretudo, são informados seus aspectos hídricos, como dimensões e força através de menção à correnteza e volume de água. O rio também é bastante utilizado enquanto referência de localização, mensurando distâncias, especialmente para o mar. Suas

características são também relacionadas ao entorno, às formações de suas margens e elementos edificadas. Nas representações imagéticas analisadas, sua dimensão se apresenta em proporções praticamente iguais em duas plantas e nas três vistas. Apenas a planta de 1637, que centraliza as informações no forte, não segue a mesma proporção.

Enquanto elemento construído em Penedo, o Forte Maurício é conectado às águas do Rio São Francisco, principalmente quanto à sua função protetora. A fortificação também recebe bastante destaque nesses relatos, com descrições detalhadas sobre seu esquema de segurança. Sua importância está clara no texto de Barléus, sendo qualificado como poderoso, presidindo a passagem do Rio São Francisco e dominando a planície circundante. Em todos os mapas ele está desenhado em detalhes se mostrando imponente mesmo quando o recorte da área está ampliado. Na planta de 1637, a fortificação é representada bem definida e detalhada no centro da composição. Apesar de estar presente em todas as vistas, ele não se destaca, assim como as outras edificações, devido ao

estilo das composições onde a parte terrestre é uma estreita faixa na obra.

Para cumprir o seu dever, como o mesmo escreve, Nassau procurava garantir a posse e proteger as terras conquistadas. Para o conde, o rio era limite e importante referência na busca em alcançar o seu objetivo de expulsar os inimigos, portanto tinha um papel estratégico para os flamengos. Tentando fazer-se entender, Nassau chega a comparar o lugar a Delft, buscando a compreensão da força e capacidade do rio. Para Verdonck, a questão referencial igualmente está relacionada ao limite territorial da Capitania de Pernambuco, definida a sul pelo Rio São Francisco. Nos dois mapas em que o rio está no centro das composições, essa função de fronteira entre dois lugares é clara. Nas vistas também se pode observar a linha limite que fortemente separa as duas margens. A função de referência enquanto localização também está presente nos discursos de Barléus e de Van Der Dussen. Ele aparece relacionado a Penedo, ao Forte Maurício e ao mar, com menções a distâncias.

Outro elemento que recebeu atenção flamenga foi a rocha sobre a qual está assentado o forte e a vila, e sua relação com o rio. Fica clara a função de defesa do rio em conjunto com a fortificação segundo o comportamento das águas fluviais. A rocheira também é destacada enquanto meio de proteção, sendo, segundo relatos de Van Der Dussen e Barléus, inacessível por um lado. Em todas as imagens analisadas a rocheira está apresentada em destaque com representações distintas dos outros elementos naturais da paisagem.

Van Der Dussen caracteriza o São Francisco como “grande rio”, “de muita água, extenso e largo”. Além dessas qualidades, traz informações sobre a foz, a formação do solo, ilhas e bancos de areia. Sobre a economia, tanto Van Der Dussen quanto Verdonck falam sobre a presença de gado, este último diz ser a terra melhor para isso. O mesmo também faz suposições quanto a nascente desconhecida de acordo com o comportamento das águas, como as cheias no verão.

Pela relevância atribuída pelos relatos holandeses vê-se que o rio São Francisco era um caminho estratégico na invasão. Entretanto, Penedo, mencionada como “cidadezinha” por Nassau e “vilazinha” por Barléus, tinha seu valor na localização, na margem do Rio São Francisco, em um lugar de travessia dos inimigos, abrigando por esse motivo o imponente Forte Maurício, que fez elevar a importância da vila para os flamengos. Barléus também fala da escolha de Penedo por Maurício de Nassau como lugar estratégico. Assim como a localização, sua geografia foi bastante comentada, conforme já discutido. A predominância do rio sobre a vila é percebida da mesma forma nas imagens. Essa constatação leva a reflexão de que a ligação entre as duas margens, principalmente em uma situação

de limite de território, pudesse ser mais importante que a própria vila de Penedo para o período em questão, quando a finalidade era estabelecer estratégias militares. Os mapas e vistas, porém, trazem mais informações das ruas, caminhos e porto, que surgem agregados a localização do rio.

Apesar de representar uma outra visão, o relato português apresenta os mesmos aspectos dos escritos holandeses. Sobre a vila destacou-se a sua situação, conveniência e a presença do forte, cujo nome demonstrou a eles a sua importância para os invasores. Sobre o São Francisco, comentaram o fato de ter dado nome à vila, adjetivando-o como “notável”. Forneceram ainda informações sobre o seu curso e foz, porto e presença do gado em suas margens.

Capítulo 3

Olhares de fascínio

Vindos para cumprir uma missão, um trabalho, em expedições científicas, artísticas, ou apenas para satisfazer sua curiosidade, muitos estrangeiros estiveram em Penedo e seguiram o curso do Rio São Francisco. Durante essas experiências, registraram suas percepções e, muitos deles publicaram essas impressões pessoais que se tornam aqui objetos de estudo.

A partir do século XIX, as expedições produziram um conhecimento sistemático sobre o território luso-americano, motivadas pelo novo contexto de abertura dos portos, influenciando na construção do Império do Brasil. Através da figura dos viajantes, organizados ou não a partir de expedições científicas, um mundo pitoresco é revelado aos europeus.⁸²

⁸² MEDEIROS LAHUERTA, F. *Viajantes e a construção de uma idéia de Brasil no ocaso da colonização (1808-1822)*. *Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2006, vol. X, núm. 218 (64). Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-218-64.htm>>, acesso em: 29 jan. 2008.

Diferentemente daqueles estrangeiros que vieram para o Brasil nos séculos XVI e XVII, os viajantes do século XIX tinham outras intenções. Nos primeiros séculos de ocupação, as viagens e seus registros, imagéticos e textuais, tinham o principal propósito de servir de apoio à conquista e exploração dos territórios, definindo estratégias militares, eram, segundo Belluzzo, representações das novas terras descobertas. A finalidade dos novos visitantes, no entanto, era totalmente diferente da dos portugueses e holandeses, nada tinha de militar, por isso resultaram em outros tipos de obras. Tanto as viagens como as impressões dos novos aventureiros são resultantes de um momento histórico particular, distinto daquele anterior de colonização. Os novos visitantes das terras brasileiras traziam uma visão intelectual e reflexiva desenvolvida por uma cultura artística e científica. Eles tinham o comportamento de analistas meticolosos observadores das particularidades do mundo, registrando suas impressões com a atenção focada no real e concreto.⁸³

⁸³ BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **The voyager's Brazil**. São Paulo: Metalivros; Salvador,

Segundo justificativa encontrada no processo de tombamento do sítio histórico de Penedo⁸⁴, o século XVIII consolidou a urbe enquanto pólo regional, e os testemunhos arquitetônicos daquele século, principalmente nas igrejas e diversos sobrados, além do traçado urbano, atestam seu enriquecimento e evolução constantes, embora não se registre qualquer aceleração ou potencialização de sua importância relativa. De toda forma houve sua elevação à sede da Comarca das Alagoas, ainda em 1711, condição essa que preserva por um longo período. Apesar dessa importância, não foram encontrados registros do século XVIII que auxiliassem na compreensão da problemática da dissertação, por isso haverá um salto para as representações do século seguinte.

O século XIX é considerado pelos penedenses como o “século das luzes”, quando sua área de influência atingia todo o baixo São Francisco e suas relações comerciais e culturais com Salvador tornaram-se intensas. Nesse

BA: Fundação Emílio Odebrecht, 1995.

⁸⁴ Os arquivos do processo de tombamento do conjunto histórico e paisagístico da cidade de Penedo foram acessados no Arquivo Noronha Santos, IPHAN, em 2007. Processo n. 1201-T-86, data: 30/10/1996.

período o porto de Penedo teve ampliado seu comércio direto com o exterior, incrementando ainda mais a vila, finalmente elevada à condição de cidade em 1842. Nesse mesmo momento, o Rio São Francisco já é reconhecido como um caminho fundamental para a integração do país ao ligar duas importantes regiões, o Nordeste e o Sudeste.

Nesse momento, o Brasil recebeu um grande número de estrangeiros que aqui aportaram com os mais diversos objetivos. Esses viajantes ao longo de sua estada e permanência no país, produziram uma vasta quantidade de relatórios configurados sob variadas formas e gêneros literários, que se constituíram em uma fonte documental chamada *Literatura de Viagem* que apresenta um Brasil observado, pensado e registrado pelo olhar do estrangeiro que aqui chega por diferentes motivos, com todas as concepções de sua formação.⁸⁵ Essa fonte vasta que é a *Literatura de viagem* se tornou bastante estudada em diversos aspectos. Este capítulo se utilizará desses documentos na busca de compreender as relações

⁸⁵ SARAT, Magda e SARAT, Lílian. Histórias de viajantes e suas missões civilizadoras. Disponível em: <<http://www.fef.unicamp.br/sipc/>>, acesso em: 29 jan. 2008.

entre o Rio São Francisco e a cidade de Penedo em mais um momento. Como esses novos aventureiros perceberam o rio? O que eles apreenderam da cidade? E de que forma conectaram os dois a partir do registro de suas impressões?⁸⁶

Analisar esse material envolve trabalhar com a percepção individual de cada um desses viajantes, considerando as cargas subjetivas impressas nos relatos. Muitas vezes generalizações são feitas por essa pessoa “de fora”, ou seja, que não é daquele lugar e não conhece o seu cotidiano.⁸⁷ Mas também, muitas vezes “aquele que não é do lugar, que acabou de chegar, é capaz de ver aquilo que os que lá estão não podem mais perceber. Ele resgata o significado que tinha aquela mitologia. Ele é capaz de olhar as coisas como se fosse pela primeira vez e de viver histórias

⁸⁶ Este capítulo, excepcionalmente, restringir-se-á às análises textuais, já que não foi encontrado material imagético relevante e diferencial para a questão discutida por este trabalho. As inúmeras missões artísticas que estiveram no Brasil, estabeleceram-se principalmente no sudeste do país, que teve as paisagens de suas cidades retratadas por seus integrantes, como Debret, Taunay, Thomas Ender, Rugendas.

⁸⁷ SARAT, Magda e SARAT, Lílian. Op. cit.

originais”.⁸⁸ São esses olhares que serão perseguidos e analisados para compreender as relações entre o Rio São Francisco e a cidade de Penedo.

Além de serem produzidos por intentos distintos, os relatos eram resultantes de personalidades variadas compostas de nacionalidades e formações diversas, ou seja, cada um trazia uma carga pessoal adquirida por seus costumes e tradições. Outro aspecto importante nessa variedade era a profissão que cada um exercia, uma vez que a vivência profissional levava a um tipo de envolvimento e observação diferentes, com interesses diversos. O caráter subjetivo impresso nos relatos será considerado na análise a seguir, que busca desvendar o que essas ricas fontes nos falam.

Ler seus relatos é viajar também, por épocas e culturas distintas. Muitos estiveram em Penedo, e até hoje passam por lá, muitos outros seguiram o curso do São Francisco. E através de suas percepções tentaremos

construir a paisagem da cidade segundo o olhar dos viajantes. Como eles viam a cidade e o rio? E o que muda na relação entre os dois?

Para responder essas perguntas foram analisados os textos encontrados de viajantes que estiveram em Penedo e registraram suas impressões com depoimentos que ajudam na construção desse olhar do século XIX sobre a paisagem da cidade. Esse material foi pesquisado em acervos da Biblioteca Nacional, do Arquivo Nacional e dos alagoanos: Arquivo Público, Biblioteca Pública, Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas e Fundação Casa do Penedo. Entre os relatos está o diário do imperador D. Pedro II, de 1859; o atlas e relatório do engenheiro Henrique Halfeld, publicado em 1860; os documentos de Robert Avé-lallemant, de 1859 e de George Gardner, entre 1836-1841.

⁸⁸ PEIXOTO, N. B. **O olhar estrangeiro**. In: O olhar. NOVAES, A, [et al.]. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 363.

3.1 O relatório Halfeld

Em 1851, o Império já havia percebido que o rio São Francisco era um caminho fundamental para a integração do país, pois ligava importantes regiões do Brasil: o Nordeste e o Sudeste. Contratou-se, então, Henrique Halfeld⁸⁹ para avaliar suas condições para a navegação. O engenheiro seguiu todo o curso do São Francisco e produziu um relatório descrevendo cada légua do rio. A viagem e a produção foram entre os anos de 1852, 1853 e 1854, enquanto que a publicação saiu em 1860. O documento, denominado Atlas e Relatório concernente a exploração de Rio de S. Francisco desde a Cachoeira da Pirapora até o Oceano Atlântico, traz uma descrição minuciosa do rio em toda sua extensão. O relatório

⁸⁹ Engenheiro alemão, nasceu em Klausthal, Honover, em 23 de fevereiro de 1797. Na qualidade de capitão, participou da batalha de Waterloo (18/06/1815), nas forças que combateram Napoleão Bonaparte. Adotou a nacionalidade brasileira e fixou-se no Brasil, por volta de 1835, como engenheiro-chefe da Província de Minas Gerais, tornando-se grande proprietário em Juiz de Fora. Foi contratado pelo Governo Imperial para estudar o Rio São Francisco, da Cachoeira de Pirapora até o seu desaguar no oceano. Percorreu e explorou o grande rio e seus afluentes e editou o Atlas e Relatório em 3 (três) volumes: o primeiro, o Relatório Descritivo, légua por légua; o seguinte, o Perfil Longitudinal e o terceiro, Cartas Topográficas, traçando minúcias do canal de navegação, o preferido pelas barcas que trafegam na região. Faleceu em Juiz de Fora (MG), em 22 de novembro de 1893.

apresenta o São Francisco em suas características físicas, hídricas e de composição do solo das margens, possibilitando o seu conhecimento profundo e capacidade para a navegação, informação que mais interessava ao império e que demandou a elaboração do documento. Além de descrições foram produzidos mapas e cortes que detalham outras informações do rio e gráficos com nível das águas.

Saber quais as circunstâncias para a navegação do São Francisco era o principal objetivo da expedição e do relatório, porém, ao seguir o curso, muitas vezes as léguas são referenciadas por cidades ou povoados que se localizam nas margens do rio. Da nascente à foz são inúmeras cidades e povoados e na região do baixo São Francisco Halfeld destaca Penedo, deixa um pouco de lado as informações sobre o rio para ressaltar sua importância histórica, seus aspectos urbanos e arquitetônicos.

“No começo desta légua está a Muito Leal e Valerosa cidade do Penedo, que começou a ser povoada em 1555, quando ahi aportou o Portuguez Duarte Coelho Pereira, primeiro Donatário de Pernambuco. Por uma lei provincial de 1842 ella foi agraciada com o

predicado de Muito Leal e Valerosa Cidade do Penedo”.⁹⁰

O engenheiro fala sobre o que ele considera o início de Penedo, quando aportou Duarte Coelho em 1555, e depois destaca sua importância no século XIX ao receber um título do império. Ele passou por todo o curso do São Francisco e perto do fim de sua expedição viu um lugar que merecia ser mais do que apenas mencionado como a maioria e então o fez: conheceu a cidade de Penedo e registrou em seu relatório essa visita. Sob o aspecto urbano, são feitas referências às casas que se localizam ao longo da praia e as que ficam na declividade da rocheira, sendo as primeiras que sofrem com as inundações provocadas pelas enchentes do rio. Além das residências, no total 1015 unidades, são também citadas e contabilizadas as edificações religiosas, além de outros edifícios públicos, como o hospital e a cadeia. As léguas que tratam de Penedo apresentam um panorama geral da cidade com inclusive a quantidade de habitantes no período.

⁹⁰ HALFELD, Henrique Guilherme Fernando. **Atlas e Relatório concernente a exploração do Rio São Francisco desde a Cachoeira da Pirapora até o Oceano Atlântico**. Rio de Janeiro, 1860, p. 51.

A descrição da cidade parte inicialmente de localizações e referências, principalmente a partir do rio. Sobre as casas há um indício da convivência com suas águas, a partir do momento em que sofrem com as inundações provocadas pelas enchentes, contrapondo com a outra parte, que ele diz ser a principal, das casas sobre a o morro. A rocha ele afirma ser composta de *grês* e diz constituir a calçada de algumas ruas e becos.

“Parte das casas achao-se edificadas ao longo da praia, e estas por vezes sofrerão pelas inundações das enchentes maiores do rio; porém a principal parte das casas está situada sobre a declividade de um espigão de morro, que começa no nível das águas do Rio e eleva-se, subindo em rumo de poente a nascente, até a igreja de S. Gonçalo de Amarante e monte Alegre, que fica pouco adiante daquela igreja”.⁹¹

A construção de edificações religiosas marcou o século XVIII, sendo essas também mencionadas por Halfeld, que não dá informações detalhadas, apenas destaca o convento franciscano:

“A cidade tem cinco igrejas, que são: a matriz, S. Gonçalo de Amarante, Nossa Senhora do

⁹¹ HALFELD, Henrique Guilherme Fernando. Op. cit., p. 51.

Rosário, Nossa Senhora da Corrente e S. Gonçalo Garcia, e mais quatro pequenas capellas, com a invocação de Nossa Senhora da Penha, duas de Santa Cruz, e uma do Santíssimo Sacramento; tem mais um convento de Franciscanos, edifício nobre e importante, de Santa Maria dos Anjos”.⁹²

Além das igrejas, o engenheiro visitou outras edificações públicas: o hospital de Misericórdia, a cadeia e casa de câmara, uma aula de latim, um pequeno teatro, um armazém para depósito de sal e uma casa de açougue. A partir de seu relato, percebe-se que ele viu em Penedo uma cidade que se destacou em relação às outras da região, autosuficiente, com toda a estrutura que precisaria nela mesma, sendo as outras vilas dependentes dela. Não por acaso havia se tornado a sede da comarca.

Como um panorama geral contabilizou: “1015 casas com cerca de 8500 a 9000 almas. Toda a freguezia da cidade do Penedo tem 7690 homens, e 7954 mulheres livres, 2213 escravos de ambos os sexos, e no mesmo

districto residem 17 estrangeiros, sendo um deste numero do sexo feminino: em total 17874 almas”.⁹³

O documento também trata das atividades econômicas que predominam na região do São Francisco. A criação de gado foi tão importante que o Rio chegou a ser conhecido como “rio dos currais”, ou seja, tornou-se uma região de referência nessa atividade em todo o Brasil. Na agricultura destaca-se principalmente o cultivo do arroz. Halfeld apresenta em seu relatório as atividades da comarca, da qual Penedo era sede:

“Em toda comarca a maior indústria é a de criação de gado grosso e miúdo, lavoura em tudo igual àquela em prática nas paragens ribeirinhas as Rio, e em primeiro lugar a mandioca, arroz, feijão, pouco milho, abóboras, melancias, melões, pepinos, cebolas, alhos, batatas doces, mamona, amendoim, hortaliça de toda qualidade, algodão, sendo delle a qualidade denominada Gulbradinho preferida no Maranhão somente por dar mais avultado producto, sendo o do Maranhão melhor em qualidade: finalmente,

⁹² Ibid., p. 51.

⁹³ HALFELD, Henrique Guilherme Fernando. Op. cit., p. 51.

a canna de assucar, e tratão em escala assaz grande da cortição de couros e pelles”.⁹⁴

Depois se detém na margem do rio, onde se pratica atividades que são possibilitadas pelo solo preparado pelas enchentes. Halfeld, no entanto, apenas informa sobre a existência das indústrias.

“Na beira do Rio a maior indústria é a dos cortumes, e a plantação de arroz, a qual não demanda rotação, visto que o terreno é preparado e fertilizado pelas enchentes. (...) Em grande extensão tem-se ultimamente começado o plantio da mamona, e já existem algumas fábricas de espremer o óleo de rícino”.⁹⁵

As enchentes sempre foram vistas como um problema para a cidade, inundando ruas e casas, modificando a cidade. Segundo relatório de patrimônio, “Com as variadas enchentes ocorridas no Rio São Francisco, o porto da Rocheira terminou por assorear, fazendo com que os barcos comesçassem a fundear junto a Rua da Praia, atual Rua do Comércio, para onde se transferiu também o comércio da cidade nos princípios do século

XIX”.⁹⁶ No entanto, Halfeld apresenta outros aspectos das enchentes, que favorecem aos fazendeiros da região, que, segundo ele, ficavam felizes quando o rio transbordava e enchia os seus terrenos, fertilizando o solo.

“De outro lado tenho ouvido a opinião de muitas pessoas de maior consideração, fazendeiros circumspecto e abastados, criadores práticos e de muito critério, que realmente dão-se por felizes quando o Rio transborda e enche com suas águas as lagoas dos seus terrenos, dando estes como razão que só desta maneira podem criar gado grosso e muido, porque só assim é que não lhes falta as águas, que indispensavelmente necessitam para bebedouros das suas criações pois que sendo por muitas vezes o Rio inacessível pela grande altura de seus barrancos, e o terreno em considerável extensão, fora do Rio, secco, areento e agreste, as águas de transbordamento logo se retirão ou evaporão, mas fertilisãm assim grande extensão de terrenos, que deixãm depois seccos e fecundos”.⁹⁷

⁹⁴ Ibid., p. 51.

⁹⁵ Ibid., p.51.

⁹⁶ Relatório de patrimônio realizado pela Prefeitura Municipal de Penedo durante o processo de elaboração do Plano Diretor em 2007.

⁹⁷ HALFELD, Henrique Guilherme Fernando. Op. cit., p. 51.

3.2 O diário do Imperador

Poucos anos depois, em 1859, a cidade recebeu sua Majestade D. Pedro II, o que mostra a importância da cidade na região. O Imperador, recebido com festa, relatou sua passagem pela cidade, em seu Diário da Viagem ao Norte do Brasil, onde escreve como foram os dias de sua viagem. Em Penedo, ele ficou hospedado em um sobrado à margem do rio São Francisco, que ainda permanece como Paço Imperial e Museu, sendo na época residência pertencente ao comendador Araújo.

Segundo o imperador:

“O local é muito bonito e creio que deveria estar aqui a capital da província”.⁹⁸

D. Pedro II desembarcou em Penedo no dia 14 de outubro e seu diário revela o encantamento com a beleza da cidade. Além dos elementos naturais, seu patrimônio urbano e arquitetônico, ruas, casas e igrejas também são descritos nos relatos. Visitas ao convento, a Igreja do Rosário

dos Pretos e da Corrente proporcionaram descrições detalhadas no diário, assim como passagens por fábricas de arroz e óleo de mamona. Salas de aula de latim, de meninos e de meninas, hospital e cadeia também foram pontos de parada durante a visita.

A cidade que o Imperador considerava que deveria ser a capital da província era, segundo ele, um lugar bonito com casas boas, destacando algumas de 3 andares, sendo muito maior que Valença. Não somente a beleza foi observada, D. Pedro viu outros elementos que poderiam elevar a cidade a essa importância local, como as edificações públicas, como a casa de câmara e a cadeia, e as indústrias que visitou que comportavam toda a estrutura da cidade. Porém, foi o visual que realmente encantou ao imperador e mesmo no cemitério ele observava a vista:

“(…) segui para o cemitério que tem uma vista muito bonita, precisando de muralha que o cerque, para a qual deu a Assembléia Provincial 4 contos, e já se tem gasto 2 com os materiais, não vendo a obra começada. Depois vi a casa da Câmara onde há dois retratos menos maus de meus pai e avô e um meu de quando criança. Esta casa, a que está

⁹⁸ D. Pedro II. *Diário da viagem ao norte do Brasil*. Livraria Progresso Editora, p. 101.

pegada à da cadeia, ameaça ruína por estar sôbre uma ribanceira apoiando-se em pedras soltas; projetaram um paredão, que ficou em princípio, apesar de dispendidos, segundo disseram, 16 contos, e ter alicerces fracos.”⁹⁹

Quanto à ribanceira mencionada: “A rocha, o penedo, é de Grês que serviu para as calçadas e edifício da cidade e pode ser utilizada noutras obras, tornando-se ramo de comércio”. Nesse trecho está explícito o pensamento do imperador que visa o crescimento da cidade.

Na Rua da Praia, onde “todos os gêneros da terra são muito baratos”, D. Pedro considera que: “O espetáculo mais curioso na feira é o dos barcos, que já descrevi, abicados à praia”. Do sobrado onde ficou hospedado, pôde ainda observar a vista do rio São Francisco:

“Atrás da casa onde moro, do comendador Araújo, há um terraço com bela vista para o rio, parte superior ao Penedo, e porto de desembarque, onde vejo as embarcações do rio, com a câmara coberta de cerrada pindoba à proa, observando até numa vigia dos lados para a entrada do mar”.¹⁰⁰

⁹⁹ D. Pedro II. Op. cit., p. 101.

¹⁰⁰ Ibid., p. 101.

D. Pedro II visitou ainda fábricas de óleo de mamona e de arroz e relatou essas visitas, explicando em seu diário características do maquinário e detalhando a produção.

3.3 Os relatos de médicos viajantes

Robert Ave-lallemant¹⁰¹ viajou pelo Brasil e também esteve em Penedo, contando sua excursão em “*Viagem pelo norte do Brasil no ano de 1859*”. Encantou-se com a paisagem natural, também percebida através da vista da casa onde ficou hospedado, composta pela rocheira e São Francisco, cujo conjunto considerou como um surpreendente e belo espetáculo:

“Quando acordei na manhã seguinte, desfrutei de surpreendente e belo espetáculo.

¹⁰¹ Robert Ch. B. Avé-Lallement nasceu em Lübeck, Alemanha, em 25 de julho de 1812. Faleceu nessa cidade, em 13 de outubro de 1884. Após estudos em Berlim, Heidelberg e Paris, formou-se em Kiel, em 1837. Veio para o Rio de Janeiro, tornando-se médico chefe de hospital. Atuou no combate à febre amarela. Retornou à Alemanha em 1855. Dois anos depois retornou ao Brasil, sendo nomeado médico do Hospital dos Estrangeiros. A seguir, realizou várias viagens ao sul e ao norte do Brasil. Ocupou-se também com questões da imigração ao país e retornou a Lübeck em 1859. Ver <<http://www.akademie-brasil-europa.org/Materiais-abe-78.htm>>, acesso em: 9 mar. 2009.

Penedo tirara seu nome de uma elevada camada de pedra lioz, de 50 ou 60 pés de altura, erguida à margem esquerda do S. Francisco. A casa onde me hospedei alteava-se, como um ninho de andorinha no tópo dêsse alcantil quase vertical de pedra lioz; olhando de minha janela, via o grande rio redemoinhando pelo longo vale”.¹⁰²

Nesse momento, quando os relatos já não são mais tão operativos e o tempo passou, Penedo já é citada como cidade “velha”, destacando suas igrejas e convento franciscano, e sua história, incluindo a disputa entre portugueses e holandeses, é conhecida e contada pelos estrangeiros. Pela história e arquitetura chega a ser comparada a Olinda por esse viajante, e, ao contrário do imperador D. Pedro II, considera que a cidade não progrediu e encontra-se em estado de lástima.

“Penedo, à margem do S. Francisco, é uma bonita cidade, já bastante velha, o que se pode ver pelas quatro ou cinco igrejas e convento de franciscanos, que estava destinada a grandes coisas e realmente exerceu maior importância do que hoje. Faz lembrar um pouco Olinda; portugueses e holandeses também se bateram por causa de

Penedo, até que, sob o domínio brasileiro, chegou a atual situação de lástima, sem ter feito progresso considerável”.¹⁰³ (grifo nosso)

O médico alemão descreve a cidade com mais detalhes, sua igreja matriz, as ruas, as casas e o bairro comercial. Ave-lallemant define a parte alta como a principal da cidade e não esquece de apreciar os elementos paisagísticos do lugar.

“A parte principal da cidade fica num alto, onde se eleva a matriz, um belo edifício com duas tôres, que se avistam de longe, de bonito efeito. Algumas ruas descem de lá para o rio, formando a ligação com o bairro comercial na Praia do Comércio. Onde se vêem muitas casas bonitas e até mesmo esplêndidas, em parte assobradadas, e muito boas lojas”.¹⁰⁴

Penedo sempre se destacou em relação aos outros núcleos urbanos da região, foi a primeira povoação a se estabelecer à margem do rio São Francisco e ponto estratégico durante o período holandês. Ave-lallemant percebeu e enfatizou a importância de Penedo ao compará-la à Vila Nova

¹⁰² AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagem pelo norte do Brasil no ano de 1859**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/ Ministério da Educação e Cultura, 1961, p. 302.

¹⁰³ Ibid., p. 302.

¹⁰⁴ AVÉ-LALLEMANT, Robert. Op. cit., p. 302.

¹⁰⁵. Explicitamente também revela o seu pensamento quanto ao papel do rio São Francisco para a cidade, principalmente por suas funções como comunicação e transporte.

“Penedo é realmente o entreposto de todo o baixo S. Francisco. Vila Nova, defronte na Província de Sergipe, nem de longe se pode comparar com a cidade da Província de Alagoas, por muito que deseje fazer-lhe concorrência. Por isto o rio é tudo para Penedo, tanto que não se conhece estrada da cidade para as localidades vizinhas, nem o menor interesse pelas terras adjacentes”.¹⁰⁶
(grifo nosso)

Até a cidade do Penedo chegavam vapores de grandes companhias como Lloyd, Lage e Pernambucana. Antes dos grandes vapores, porém, os barcos já marcavam a paisagem urbana, sendo observados pelos viajantes que sempre destacavam a navegação como uma importante atividade.

Para Ave-lallemant:

“Alguns brigues e escunas e numerosas canoas são significativas da atividade desse

trecho da margem em comunicação direta com o mar, do qual as embarcações só distam 6 léguas”.¹⁰⁷

O mesmo ainda observou alguns barcos diferentes das canoas comuns utilizados no São Francisco, esses foram inspirados nas “sumacas” holandesas, de fundo chato, herança do período de dominação dos flamengos.

“Logo no dia 27 de abril meu bom Tenente-Coronel arranjou-me uma canoa para viagem rio acima. São muito diferentes das canoas comuns. São barcos fluviais compridos, bem construídos, de fundo chato, cerca de 40 pés de comprimento, 6 de largura e 2 de fundo”.¹⁰⁸

Ele descreve minuciosamente o barco e considera que “não se pode pensar outro meio de viajar rio acima, senão a vela (...)”, sendo essas embarcações totalmente adaptadas às condições naturais do lugar, onde “Os navegantes fluviais contam com grande certeza com esses ventos, e aparelham seus barcos de conformidade”. E, enfim, observa o espetáculo:

¹⁰⁵ Vila Nova é atualmente conhecida como Neópolis, cidade sergipana localizada na margem oposta do Rio São Francisco, em frente à Penedo.

¹⁰⁶ Ibid., p. 303.

¹⁰⁷ Ibid., p. 302.

¹⁰⁸ AVÉ-LALLEMANT, Robert. Op. cit., p. 302.

“Diante da câmara, ergue-se um mastro alto, no qual são içadas, de cada lado, por meio dum mecanismo muito simples e com extraordinária facilidade, duas grandes velas triangulares. Com esse equilíbrio de velas, a canoa parece, no sentido literal da palavra, alada, um grande díptero fluvial. Quando se encontra um grupo de canoas, 10 ou 12, como acontece muitas vezes, singrando rio acima, uma ao lado da outra, aprecia-se um quadro realmente encantador.”¹⁰⁹

Avé-lallemant relata entre as atividades econômicas a agricultura predominante, reforça o papel do rio como comunicação, entre Maceió e Bahia e faz referência a situação de Penedo em relação ao Brasil, a qual ele considera duvidosa, principalmente quanto à escravidão.

“Há sempre alguma exportação de couros, algodão e caruá, de que falaremos mais adiante, arroz e feijão. Na parte mais baixa do rio, pratica-se mesmo alguma cultura de cana-de-açúcar. Embora não lhe falte a navegação fluvial, embora ultimamente a já mencionada linha de vapôres da Bahia ponha a cidade de Penedo em rápida comunicação com Maceió e Bahia e a supra mais do que suficientemente de artigos manufaturados na Europa, Penedo é um lugar bastante morto. Seus oito a dez mil habitantes se encontram na mesma situação duvidosa que todo o

Brasil; o número de braços escravos diminui e falta habilidade para organizar, formar ambiente, assegurar direitos e valorizar o trabalho livre”.¹¹⁰

Alguns viajantes trouxeram informações mais técnicas, por sua profissão ou intenção do relato. Outros, porém, incluem em seus escritos, além dessas informações funcionais, comentários que caracterizam o rio como elemento estético e paisagístico, como este trecho a seguir de Robert Ave-Lallemant que descreve o caminho do rio de Penedo até a foz.

“O S. Francisco estava um pouco cheio e o borbotar de suas águas cinzento-amareladas destacava-se vivamente no alegre verde das margens e das ilhas inteiramente rasas que seus vários braços contornavam. Por causa destas ilhas, não é fácil calcular a largura do rio. Mas há, logo abaixo de Penedo, um trecho, em que ele não forma ilha, onde mede pelo menos 1000 braças de largura. Onde, porém, ilhas interrompem o seu curso e o alargam, aí o S. Francisco parece muitas vezes um belo lago, e oferece magníficas perspectivas”.¹¹¹

¹⁰⁹ Ibid., p. 302.

¹¹⁰ AVÉ-LALLEMANT, Op. cit., p. 303.

¹¹¹ Ibid., p. 303.

Um outro médico, mas também botânico e zoólogo, visitou Penedo no correr do século XIX. George Gardner foi mais um estrangeiro a passar por pela cidade, publicando suas impressões em *“Viagens no Brasil, principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante nos anos de 1836-1841”*.¹¹² Em seu relato fala também dos aspectos urbanos e arquitetônicos, acrescentando novo caráter ao compor suas descrições com textura e cor ao tratar da rocheira, por exemplo, enquanto que os outros anteriores enfatizavam os seus aspectos físicos e morfológicos. Ao mesmo tempo em que traz uma

¹¹² George Gardner nasceu em 1812, em Glasgow e faleceu em 1849. Chegou ao Brasil, aos 24 anos, em 1836 e retornou à Inglaterra em 1841. Voltou para a Europa com um acervo grandioso de milhares de espécies vegetais, tornando-se diretor do Jardim Botânico, no Ceilão, onde faleceu. Em suas andanças, passou por Pernambuco, Bahia, Ceará, Piauí e Minas Gerais, entre outros estados. Viajou por Alagoas e pelo Rio São Francisco, descrevendo as aldeias da região, enfatizando a sua produção. Em suas excursões pelo Brasil colheu grande número de plantas tropicais, classificando-as com todo o rigor técnico e enviando-as para as coleções dos jardins de Kew e Glasgow. Publicada em 1846, 1849 e em 1973 (em inglês), sendo traduzida para o português apenas em 1942 e reeditada em 1975, sua obra faz uma descrição minuciosa do país, registrando seus aspectos físicos e as produções das regiões por onde passou. Tratou sobre a flora e fauna, das jazidas de minérios de ouro e ferro, sobre os transportes, sobre os homens e os costumes locais, sobre o caráter e as condições das diferentes raças. Seus interesses são quase exclusivamente botânicos e geológicos, embora não tenha deixado de observar e anotar aspectos da sociedade brasileira e de ter interagido com a mesma, na figura de médico, chegando mesmo a exercer sua habilidade profissional em algumas fazendas. Ver <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verbbgeorgegardner.htm>>. Acesso em 9 mar. 2009.

subjetividade, ele localiza com precisão os elementos a partir da referência dos pontos cardeais.

“A Vila do Penedo, que assim se chama porque está situada numa elevada ponta rochosa, à margem norte do rio, dista cerca de trinta milhas de sua foz. A rocha em que se ergue é de arenito de textura fina e cor amarelada, cujo leito se inclina de leste para oeste”.¹¹³

Assim como os outros viajantes, Gardner descreve as ruas, as casas, com as principais de dois andares, destacando a solidez e o material de construção dessas construções, assim como são as igrejas, novamente contabilizadas, cuja quantidade choca o estrangeiro. A quantidade de habitantes, da qual considera ser a maioria pobre, é divergente quanto ao relatório Halfeld.

“As ruas são irregulares, mas as casas muito sólidas, sendo as principais delas de dois andares e na sua maioria construídas na mesma qualidade de pedra da em que a cidade se funda. Conta cerca de 4000

¹¹³ GARDNER, George. **Viagens no Brasil, principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante nos anos de 1836-1841**. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1942, p. 95.

habitantes, em maioria gente muito pobre. Há nada menos de seis grandes igrejas solidamente construídas, a uma das quais está ligado um convento de frades franciscanos, chamado Nossa Senhora da Corrente. Contém apenas três irmãos”.¹¹⁴

George Gardner reforça o papel do rio na agricultura e criação de gado, que sofrem influência do movimento das águas do rio, podendo contribuir ou não para essas atividades. Assim como os outros viajantes, destaca as principais culturas e a criação de gado no interior.

“Na comarca ou distrito de Penedo as principais culturas são de açúcar e algodão e a maior parte das plantações é feita na margem do rio, abaixo da cidade. Colhem-se mandioca, feijão e arroz em quantidade apreciável, mas só para consumo interno. Antigamente também se criava algum gado no interior do distrito; mas esta fonte de renda cessou em consequência das secas às vezes excessivas e também por causa do carrapato, praga não raro tão grande, que um criador perde todo seu gado em uma só estação”.¹¹⁵

¹¹⁴ Ibid., p. 95.

¹¹⁵ Ibid., p. 95.

3.4 Contemplando a paisagem em palavras

Com visão e linguagem próprias, cada viajante expressou o que para ele se destacou em Penedo. Quanto as suas características físicas, os relatos se detinham bastante no relevo e topografia. Entre os elementos naturais a rocheira continuou a chamar a atenção dos estrangeiros. Em todos os relatos analisados há descrições do morro que se eleva a margem do rio e sobre o qual se assenta a cidade, eles falam sobre sua formação geológica, dimensionam altura, destacam sua inclinação e relação com o rio. Além de informações técnicas, estão presentes observações mais subjetivas como a de Gardner, que diz ser a rocha formada de arenito de textura fina e cor amarelada.

Entre os elementos construídos, as edificações religiosas têm destaque pela quantidade e qualidade das obras. As Igrejas são contabilizadas e mencionadas por seus nomes. Halfeld contabiliza não somente as igrejas, mas também as capelas e menciona o convento franciscano. D. Pedro II traz descrições detalhadas do convento e das igrejas do Rosário dos

Pretos e das Correntes. Ao mencionar seu patrimônio religioso, Ave-lallemant compara Penedo a Olinda, também considerando sua história de guerras entre portugueses e holandeses. Gardner destaca a solidez e a quantidade das igrejas e fala sobre uma ligação entre o Convento Nossa Senhora dos Anjos e a Igreja das Correntes.

O conjunto urbano composto pelas residências também era bastante significativo para os viajantes, destacando-se os sobrados. Quanto às ruas, Gardner descreve como irregulares com casas sólidas, com as principais de dois andares. Halfeld contabiliza 1015 casas e enfatiza as localizadas ao longo da praia, que sofrem com as enchentes do rio. D. Pedro II considera o lugar bonito com casas boas, principalmente algumas de três andares, comparando a Valença. Ave-lallemant descreve as ruas que descem para o rio, formando a ligação com o bairro comercial na Praia do Comércio, onde se veem, segundo ele, muitas casas bonitas e até mesmo esplêndidas, em parte assobradadas, e muito boas lojas.

Todos visitaram outros lugares e citaram em seus relatos idas ao hospital, casa de câmara, cadeia, teatro, cemitério e fábricas. Halfeld, então, constatou que Penedo tinha toda a estrutura que precisava e por isso teria se tornado sede da comarca.

Outras características de Penedo podem ser observadas ao analisar a forma como os viajantes se referem à cidade em seus discursos. Halfeld, em meio a sua longa viagem, atribui importância ao destacar o seu título de Muito Leal e Valerosa cidade do Penedo. Para D. Pedro II, o local é muito bonito e ele expressou acreditar que lá deveria estar a capital da província. Para Ave-lallemant é uma bonita cidade, porém já bastante velha, tanto ele quanto Gardner fazem alusão à toponímia de Penedo, explicando que seu nome foi tirado de uma formação rochosa que se eleva às margens do Rio São Francisco, localizando-a próxima a foz.

É perceptível nos discursos a situação de domínio de Penedo em relação às outras cidades vizinhas, sendo citada por Ave-lallemant como o entreposto de todo o baixo S. Francisco, e comparando à Vila Nova, na

margem sergipana, nem de longe se assemelha à cidade da Província de Alagoas, por muito que deseje fazer-lhe concorrência. O alemão, no entanto, considera Penedo um lugar bastante morto, em relação à economia e situação de seus moradores.

Além das fábricas de arroz e óleo de mamona, já citadas, outras atividades econômicas movimentavam a cidade. Para Halfeld a maior indústria da comarca era a criação de gado, e entre as lavouras, mandioca, feijão e arroz, enquanto na beira do rio era a indústria dos cortumes e a plantação de arroz, este para o qual o terreno é fertilizado pelas enchentes do rio. Ave-lallemant fala sobre a exportação de couros, algodão, caruá, arroz e feijão. Ambos mencionam também a plantação de cana de açúcar. Para Gardner as principais culturas são de açúcar e algodão, com plantações na margem do rio, abaixo da cidade, além da colheita de mandioca, feijão e arroz, para o consumo interno e da criação de gado.

A navegação enquanto importante atividade econômica foi pouco falada nos relatos do século XIX. O engenheiro Halfeld estava seguindo o curso do rio com o intuito de sua capacidade para esse fim, porém não se prende a esse aspecto na descrição das léguas referentes à Penedo e às cidades vizinhas. Avé-lallemant, é o único que se detém em elementos relacionados à atividade com descrições dos barcos e canoas, além de menção aos vapores que colocavam a cidade em comunicação com Maceió e Bahia. Como caminho, o São Francisco é bem definido pelo alemão que diz ser o rio tudo para Penedo, tanto que não se conhecia estrada da cidade para as localidades vizinhas, nem o menor interesse pelas terras adjacentes.

Na orla do rio as embarcações eram elementos paisagísticos que recebiam atenção dos estrangeiros, compondo com a vista do Rio São Francisco, que era contemplada de todos os lugares possíveis por onde os viajantes passavam, sempre admirando e descrevendo a sua beleza.

As informações objetivas, descritivas do lugar muitas vezes se confundem com os relatos da percepção individual, de sensações. D. Pedro II admira a vista do rio do sobrado onde ficara hospedado. Para o imperador “O espetáculo mais curioso na feira é o dos barcos, abicados à praia”. Avé-lallemant não cansa de contemplar descrevendo a vista da cidade como “surpreendente e belo espetáculo” e um grupo de canoas no rio como “um quadro realmente encantador”. Para o alemão, a vista de longe da cidade causa um bonito efeito produzido pela parte principal no alto,

onde se eleva a matriz com suas duas torres. E o Rio São Francisco oferece magníficas perspectivas, com suas águas cinzento-amareladas que se destacam no alegre verde das margens e ilhas.

Algumas funções permeiam séculos e permaneceram ativas entre o São Francisco e Penedo, além de novos significados que foram atribuídos em novos momentos, na construção dessa íntima relação entre o rio e a cidade.

Capítulo 4

Olhares de nostalgia

O século XX é de transformações às margens do Rio São Francisco. Entre as suas diversas fases, as movimentações das atividades econômicas se sobressaem. Na primeira metade há um surto de progresso que vem com o desenvolvimento da navegação. Cada barco a vapor era capaz de transportar até vinte toneladas, o que levou a atividade a firmar-se em todo curso médio do São Francisco no início do século.¹¹⁶ Na segunda metade, a promessa de desenvolvimento para a região foi através da geração de energia elétrica no rio. A produção de energia elétrica iniciou-se a partir da construção da represa piloto de Paulo Afonso, em 1949, enquanto que a Companhia Hidrelétrica do São Francisco - CHESF foi inaugurada em 1954. O resultado seria a implantação de novas tecnologias para a indústria e agricultura da região sanfranciscana. Essas

¹¹⁶ CARVALHO, Murilo. In **Oparapitinga: rio São Francisco**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.



ações econômicas teriam reflexos diretos no curso hídrico, cujo potencial estava sendo cada vez mais consolidado no território brasileiro e nas cidades à sua margem.

Penedo, em termos econômicos, acompanha os movimentos do São Francisco. O século XX se inicia com a inauguração de seu cais em 1905, acompanhada pela implantação da travessia por balsas em 1925. A cidade viveria seu momento de esplendor em meados desse século. Um momento de apogeu econômico traz transformações na paisagem urbana, inovações arquitetônicas e mudanças no cotidiano da cidade. Contudo, após esse ápice, Penedo viveria períodos de decadência, com o declínio da navegação fluvial e desenvolvimento do transporte rodoviário, estimulado pela construção da ponte ligando Porto Real do Colégio, em Alagoas, a Propriá, em Sergipe, na década de 1970.

No aspecto histórico, Penedo sempre se destacou no Estado e na região do Baixo São Francisco. Porém o século XX projetou a cidade para todo o país através do reconhecimento de seus monumentos pelo Instituto do

Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Em 1941 foi tombado o conjunto do Convento e Igreja Santa Maria dos Anjos, em 1964, as Igrejas de São Gonçalo Garcia e Nossa Senhora da Corrente e em 1996, o conjunto arquitetônico, paisagístico e urbanístico da cidade. O tombamento do sítio histórico foi justificado por esse conservar um notável conjunto de arquitetura civil e religiosa, um dos mais significativos do Estado de Alagoas, cuja preservação segundo o documento, foi auxiliada pela estagnação econômica.

Este capítulo irá tratar de um “olhar local”, tentando entender como esses aspectos e seus reflexos na paisagem urbana estão presentes na memória alagoana. Pretende-se perceber como esses acontecimentos interferiram na relação da cidade Penedo com o Rio São Francisco a partir, principalmente, da análise de documentos do acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, nos textos e nas fotografias.

O Instituto foi fundado em 2 de dezembro de 1869 destinando-se a estudos e pesquisas nos campos da História, Geografia em geral, Ciências

Sociais, especialmente em relação a Alagoas. Entre outras finalidades, propunha-se a realizar a publicação de revistas, para a divulgação de seus documentos e trabalhos notáveis, além de fatos da vida do instituto, como reuniões e conferências. As revistas e as fotografias do acervo do IHGAL foram o material base de análise do capítulo, complementado por textos relacionados e fotografias do Arquivo Cristina Sanchez (pertencente ao IPHAN de Alagoas). Também foi acessado o acervo fotográfico da Fundação Casa do Penedo, porém, a instituição não permite qualquer tipo de reprodução para pesquisa, como também está indisponível o acesso ao material pertencente ao Arquivo Público de Alagoas.

4.1 Escritos alagoanos

As revistas do IHGAL circularam de 1872 a 1999. Esses exemplares foram microfilmados pela Biblioteca Nacional e disponibilizados para pesquisa em dois CDs. No total são mais de 50 revistas em cerca de 10 mil páginas.

Todo esse material foi examinado em busca de referências a Penedo e ao Rio São Francisco, sendo selecionados para análise apenas os textos que discorrem sobre algum dos temas, excluindo-se os trechos em que apenas são mencionados.

Em conferência realizada em 1916 no Instituto, Moreno Brandão discursa sobre a história de Alagoas, principalmente sobre o desenvolvimento do Estado a partir de sua situação político-administrativa. Em sua fala destaca as antigas vilas mais importantes na formação do território alagoano e, segundo o historiador, “Parece mais ou menos averiguado que a primeira povoação erigida em Alagoas foi Penedo, que presidiu ao desenvolvimento histórico das povoações ribeirinhas ao baixo S. Francisco.”¹¹⁷ No artigo, apresenta a divergência entre os autores com relação à data de fundação da povoação, exemplificando com as opiniões de Espindola e Diegues Junior. Entre os fatos históricos, a invasão holandesa, sua expulsão e o início do reinado de D. Pedro II estão

¹¹⁷ Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano. Volume VIII, número 1. Maceió, 1916, p. 49.

destacados no texto, assim como a elevação a comarca de Alagoas e sua emancipação. Sobre Penedo, descrita como uma das principais localidades, relata-se a inauguração da navegação pelo São Francisco da cidade até Piranhas e de sua alfândega. Entre outros acontecimentos históricos e culturais, são citadas as fundações do Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano e Liceu de Artes e Ofícios.¹¹⁸

Em seu livro: *O Baixo S. Francisco: o rio e o valle*¹¹⁹, único sobre o tema em Alagoas, Moreno Brandão caracteriza Penedo como a “princesa do São Francisco”, mostrando uma certa preferência em relação às outras cidades próximas, que dela dependiam. Neste texto, o autor retoma a narrativa dos fatos de sua história, como a sua fundação e presença holandesa no século XVII. No aspecto urbano, destaca os principais edifícios públicos e fábricas, resultantes do progresso da cidade. A relação com o Rio São Francisco é ligada ao seu “bonito” aspecto topográfico e ao

seu caráter de fronteira. No cais do porto, menciona as canoas e navios que, em grande quantidade, navegam pelo São Francisco.

“Collegio, Tibiry, S. Braz e villarejos que por alli jazem são despídos de importância e humildes feudatarios da princesa do S. Francisco – Penedo. Data de 1560 a fundação da hoje cidade de Penedo, cujo inicio se deve a Duarte Coelho de Albuquerque. Fica Penedo a 7 leguas da foz do S. Francisco e é a única das terras do S. Francisco que foi teatro de acontecimentos de importância histórica. Em Março de 1637 occuparam os holandezes aquela então villa, construíram um forte de que ainda sobrevivem escombros, vestigiando a sua existência de outr’ora. Só em 19 de Setembro de 1645 foram os holandezes expulsos, sendo restaurado o domínio portuguez. De então para cá tem o Penedo progredido consideravelmente. Muitos templos catholicos, cadeia, lyceu, teatro, mercado, etc, são os principaes edificios desta cidade, da qual dependem todas as outras do Baixo S. Francisco. Conta numerosas fabricas, importantes bairros como Barro-Vermelho, Cajueiro Grande, etc. É bonito o seu aspecto topographico, parecendo a quem a divisa do S. Francisco imponente presépio. Seu porto orlado de um caes é constantemente visitado por numero extraordinário de canoas grandes, e visitado frequentemente por navios de diversas companhias, que d’alli

¹¹⁸ Ibid., p. 57.

¹¹⁹ BRANDÃO, Moreno. Op. cit., p. 42.

retrocedem sem subirem o S. Francisco”.¹²⁰
(grifo nosso)

Moreno Brandão se detém na navegação, falando da abertura dos portos a todas as nações, das embarcações, como as canoas, as sumacas herdadas dos holandeses e dos navios a vapor e as companhias que fazem o transporte pelo Rio São Francisco.

“Immediato abaixo do porto da cidade do Penedo se constroem canoas grandes, barcos e sumacas, de soffríveis dimensões, porem as madeiras são buscadas fora da comarca. O rio de S. Francisco foi aberto á navegação dos navios mercantes de todas as nacionalidades pelos decretos ns. 3749 de 7 de Dezembro de 1866 e 3920 de 31 de Julho de 1867, por iniciativa de nosso glorioso compatriota dr. Carvalho Moreira, Barão de Penedo. Até a cidade do Penedo chegam vapores das companhias Lloyd, Lage, Pernambucana, etc. D’ahi para diante é impossível a navegação para os navios de grande callado”.¹²¹

No século XX, percebe-se um olhar mais estético sobre o rio e a cidade, um olhar de quem contempla a paisagem. Diferente das visões anteriores, as medidas e distâncias já não são mais tão importantes.

¹²⁰ Ibid., p. 42.

¹²¹ BRANDÃO, Moreno. Op. cit., p. 48, 49.

De volta às revistas do IHGAL, Manuel Diegues Júnior publicou o seu discurso de recepção em 1942 com o tema: “*Variações sobre temas regionais, sobre o S. Francisco e a geografia do Brasil*”. Em sua fala expõe sua impressão ao se deparar com o rio:

“Numa tarde de dezembro, quando o sol, tudo incendiado, parecia querer matar a sua sede devorando as águas do rio, meus olhos, pela primeira vez, - e, graças a Deus, não foi a última - se encandearam diante do espetáculo que lhes era oferecido. Vivas, fortes, cinzentas, as águas do S. Francisco brilhavam faiscando ao resplendor do sol.”¹²²
(grifo nosso)

O mesmo encantamento teve o autor ao encontrar a foz do São Francisco:

“Do alto o meu olhar devorou, numa emoção que se não descreve, toda aquela dissipação de águas, que se alastrava da foz, no choque amigo com o verde-azul do oceano, até além de Piassabussú e um pouco abaixo de Penedo. A vista não era apenas admirável; era estonteante”.¹²³

¹²² Revista do Instituto Histórico de Alagoas. Volume XXII. Maceió, 1942, p. 42.

¹²³ Ibid., p. 43.

Diegues Júnior enfatiza a importância do curso hídrico para o Brasil e questiona outros autores, como Euclides da Cunha, que se referem ao São Francisco como o “rio sem história”, conforme ficou conhecido no século XX.

“Aqueles águas poderiam contar toda uma história – a própria história do Brasil. A história da terra que elas viram nascer, da terra que embalaram nos primeiros vagidos, da terra a que tudo deram num esforço de construção que fez do São Francisco o centro do povoamento nordestino, o núcleo de onde partiu a civilização interior”.¹²⁴ (grifo nosso)

Em comemoração ao centenário da primeira publicação exclusivamente sobre a geografia de Alagoas, Abelardo Duarte escreve entre 1945 e 1946 “*A primeira geografia alagoana*”.¹²⁵ Nesse artigo o autor faz uma seleção das principais obras até momento que tratam do assunto, entre elas a de Moreno Brandão sobre o baixo São Francisco, tratado anteriormente. Em 1947, o instituto publica “*Os primórdios do povoamento das Alagoas*”

¹²⁴ Ibid., p. 42.

¹²⁵ Revista do Instituto Histórico de Alagoas. Volume XXIV. Maceió, 1945/ 1946.

¹²⁶do mesmo autor, com textos sobre Penedo, Porto Calvo e antiga cidade das Alagoas. Recorrendo a fontes como o “Livro que dá Razão ao Estado do Brasil”, de Diogo de Campos Moreno, e “Tratado Descritivo do Brasil”, de Gabriel Soares de Souza, Duarte trata da história do início da colonização brasileira e do início do povoamento de Alagoas, onde o Rio São Francisco é considerado como um dos primeiros pontos assinalados na cartografia antiga. Entre fatos, dúvidas e hipóteses são abordadas as questões das missões de Duarte Coelho, a penetração no São Francisco e fundação de Penedo, apresentando as divergências entre os autores alagoanos.

José Próspero da Silva Caratá publica em vários anos a “*Chronica do Penedo*”. Em 1972 e em 1985 novamente, a crônica tem como tema a história de Penedo, narrando a fundação do povoado por Duarte Coelho, sua elevação à vila e depois à cidade. Entre outros fatos históricos, relata a ocupação holandesa e a extinção do Quilombo dos Palmares. O texto também menciona alguns juizes dos séculos XVIII e XIX. Em 1985, outra

¹²⁶ Revista do Instituto Histórico de Alagoas. Volume XXV. Maceió, 1947.

crônica aborda os efeitos da revolução de 1817 e emancipação política de Alagoas, trazendo ainda menção a alguns dos atos da câmara de Penedo e pessoas importantes da cidade, ou, como são chamadas, “*filhos distintos*”.

Também em 1985, Carotá revela as “*Ruas, templos e edifícios públicos*”¹²⁷, contando suas histórias. Entre as ruas, a mais antiga seria a Rua do Sol, onde teriam sido edificadas as primeiras casas por ordem de Duarte Coelho. A sua frente o rio tinha bastante profundidade, onde ancoravam as embarcações, que depois começaram a fundear junto a Rua da Praia. Essa que era então a Rua do Comercio, se estendia pela margem do rio com grande número de sobrados era a mais bela da cidade, tinha na frente uma praça espaçosa, onde foi proibida a edificação ao lado rio, por ser o terreno necessário para a feira e, principalmente, para o embarque e desembarque de embarcações. Contando a história da cidade, fala sobre a abertura e mudança de nome de ruas, demolição de casas e outras construções. Sobre os templos, apresenta trechos da história e construção do Convento e Igreja Santa Maria dos Anjos e das Igrejas da

¹²⁷ Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Volume 40. Maceió, 1985.

Matriz, Nossa Senhora da Corrente, Nossa Senhora do Rosário, São Gonçalo Garcia e São Gonçalo de Amarante. A cadeia, Casa da Câmara e Aposentadoria Nova são os exemplos de edifícios públicos abordados.

Ernani Mero levou para as revistas a religiosidade de Penedo. Em 1989, publica o artigo: “*Os franciscanos em Penedo: ação religiosa, sócio-cultural e artística*”¹²⁸. O texto trata inicialmente da evangelização do baixo São Francisco por jesuítas e franciscanos e da fundação do Penedo. Depois se detém no Convento Santa Maria dos Anjos, sua história, construção, descrição dos espaços e, principalmente sua importância religiosa e cultural para Penedo e toda a região vizinha, através da preparação dos jovens pelos frades que transmitiam seu vasto conhecimento. O historiador destaca a obra arquitetônica enquanto patrimônio artístico, com descrição de detalhes da edificação.

Em outro artigo, publicado entre 1988 e 1990, Méro escreve sobre D. Jonas Batinga, bispo diocese do Penedo. Além da biografia do religioso, o

¹²⁸ Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Volume 1, número 1. Maceió, 1872.

texto relata a importância de Penedo enquanto uma das primeiras povoações de Alagoas, fazendo também menção à chegada dos franciscanos, à invasão holandesa, sua expulsão e recebimento do título de “mui nobre e sempre leal”. No trecho a seguir, destaca a arquitetura barroca dos imponentes templos e do Teatro Sete de Setembro:

“Nessa cidade que se tornou um centro de cultura e como bem diz o eminente Mestre Prof. Luiz Medeiros Neto o – “berço de nossa alagoanidade” medrou uma sociedade aberta aos segmentos culturais da época, marcada pela imponência de seus templos de uma Gramática Barroca, do Teatro “Sete de Setembro”, de linha neoclássica, o mais antigo do Estado, sendo inaugurado em 7 de setembro de 1884.”¹²⁹

Saindo da esfera alagoana para um estudo mais abrangente das margens do Rio São Francisco, vemos a situação de Penedo em relação a suas cidades circunvizinhas. Segundo Alceu Maynard Araújo¹³⁰, a cidade

¹²⁹ Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Volume 1, número 1. Maceió, 1872.

¹³⁰ Paulista de Piracicaba, Alceu Maynard Araújo nasceu aos 21 de dezembro de 1913. Gradou-se professor pela Escola Normal Oficial do Estado e depois ingressou na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Com sólido preparo etnológico, especializou-se em pesquisas de comunidades rurais. Na Escola de Sociologia e Política, Maynard Araújo iniciou o aprendizado etnográfico e sociológico que o transformaria em um dos mais

dominava o comércio de uma vasta região que ia além do baixo São Francisco.

“(…) com o aparecimento do telégrafo, para se estabelecer mais rápido contato com Penedo – nessa época dominadora de todo comércio de uma vasta área, quer do baixo, quer do médio São Francisco, atingindo mesmo Minas e Piauí – estabeleceu-se no Pontal da Barra uma estação telegráfica”.¹³¹ (grifo nosso)

A história de um povoado em Piaçabussu ilustra o discurso de Araújo:

“O Povoado de Marituba foi construído no município de Piaçabuçu, com a finalidade de fugir do domínio do sindicato de Penedo. Como no Brasil, a sindicalização tem base municipal, os construtores da atual fábrica venderam as que possuíam em Penedo, construindo esta moderna. Além da fábrica,

importantes especialistas em folclore da história das ciências sociais no Brasil, com trabalhos reconhecidos pela comunidade acadêmica internacional. Foi chefe de pesquisas sociológicas no rio São Francisco, trabalho que lhe rendeu o livro *Populações Ribeirinhas do Baixo São Francisco* (1961). Na Escola, terminada a graduação fez o Curso de Relações Internacionais e concluiu o doutorado em Antropologia Social. Além da Escola de Sociologia e Política, Maynard Araújo foi professor, entre outras instituições, da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo e da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Em 1964, foi eleito para a Academia Paulista de Letras. Alceu Maynard Araújo faleceu em 1974. Ver <<http://www2.uol.com.br/alceumaynardaraujo/bio.htm>>, acesso em: 9 mar. 2009.

¹³¹ ARAÚJO, Alceu Maynard. **Populações ribeirinhas do baixo São Francisco**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura. Serviço de Informação Agrícola, 1961.

construíram a estrada que faz a ligação com Penedo. Seus antigos empregados de Penedo é que residem nas 100 casas. Não há praticamente ligação com a “cidade” de Piaçabuçu nem com os seus moradores. É um povoado voltado para Penedo”.¹³²

Essa situação se reflete na cidade edificada e no modo de vida da população de Penedo, que difere das outras cidades do baixo São Francisco:

“(…) o gênero da vida nas margens (sergipana ou alagoana) no baixo São Francisco se assemelha muito, com exceção de Própria (SE) e Penedo (AL), porque são cidades com indústrias, fábricas, grande centro comercial, onde, portanto, há maior diversificação”.¹³³

Ao contrário do que acontecia nos primeiros momentos de Penedo, quando as atenções estavam voltadas para o São Francisco, nos textos e nas imagens, com o passar do tempo, a cidade vai se sobrepondo e o rio vai sumindo dos relatos, principalmente quanto às funções que desempenha, ficando mais evidente o caráter estético enquanto elemento da paisagem.

¹³² ARAÚJO, Alceu Maynard. Op. cit.

¹³³ Ibid.

4.2 Fotografias

A paisagem urbana de Penedo no século XX pode ser vista também a partir da tecnologia recém chegada no Brasil: a fotografia. O novo recurso imagético traz inovações na forma de representação do mundo, mas a intenção artística se assemelha a dos pintores dos períodos anteriores. “Em ambas as situações – antes e após o advento da fotografia – o homem buscou destacar do mundo visível um fragmento deste, cuja imagem, tal como se formava na camera obscura, se destinava a ser materializada sobre um dado suporte, seja na forma de um desenho, seja na forma de uma fotografia.”¹³⁴

No contexto de seu surgimento, a fotografia teria como papel fundamental a possibilidade inovadora de registro imagético com maior carga de fidelidade ao mundo real. Enquanto expressão artística, poderia exteriorizar a cultura dos povos através de seus costumes, habitação, monumentos, eventos históricos, que passaram a ser gradativamente

¹³⁴ KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 36.

documentados pela câmera. O registro das paisagens urbana e rural, a arquitetura das cidades, as obras de implantação das estradas de ferro, os conflitos armados e as expedições científicas, além dos convencionais retratos de estúdio, são alguns dos temas solicitados aos fotógrafos do passado.¹³⁵

Segundo Vasquez, a difusão da fotografia de paisagens foi facilitada pelo alto custo das pinturas e pelo caráter ainda incipiente da produção de estampas e gravuras no momento em que se iniciava a ligação regular por navios a vapor com a Europa, na década de 1860, aumentando a demanda por esse tipo de imagens por parte dos visitantes estrangeiros. Nesse período se consolidava também o processo de cópias sobre papel albuminado¹³⁶, de modo que se tornou mais fácil o oferecimento aos

¹³⁵ KOSSOY, Boris. Op. cit., p. 26.

¹³⁶ As cópias eram realizadas primeiro a partir de negativos de colódio úmido preparados pelo próprio fotógrafo e depois a partir das placas secas já industrializadas.

visitantes de outros países ou de outras províncias de vistas avulsas e álbuns.¹³⁷

No Brasil, a fotografia se difundiu primeiro na Corte. Durante as décadas de 1840 e 1850, a produção fotográfica carioca concentrou-se em torno do retrato, por razões estritamente comerciais, até que, na segunda metade dos anos 50, dois fotógrafos, o alemão Revert Henrique Klumb e o francês Victor Frond, começaram a documentar a cidade de forma mais sistemática. Klumb, pioneiro no Brasil, foi responsável por uma ampla documentação que incluiu mais de 300 vistas dos principais monumentos e logradouros públicos da época no Rio de Janeiro, trabalho com que mereceu o título de “fotógrafo da Casa Imperial” em 1861.¹³⁸

Segundo Vasquez, além da Corte, a fotografia só veio a conhecer um crescimento expressivo nas cidades do Recife, Salvador e Belém, e no interior, em São Paulo e Campinas. Em viagem como acompanhante do genro do Imperador, o alemão Augusto Riedel teria passado em Alagoas e

¹³⁷ VASQUEZ, Pedro. **A fotografia no Império**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

¹³⁸ Ibid., p. 14.

nas províncias de Minas Gerais, Bahia e Sergipe. Como resultado da viagem foi produzido o álbum: “*Viagem de S.S. A.A. reaes duque de Saxe e seu augusto irmão Luiz Philipe ao interior do Brazil*”. Imagens de Riedel são localizadas atualmente nos arquivos da Biblioteca Nacional e do Instituto Moreira Sales, porém não foi encontrado qualquer registro de Penedo.

Entre as intenções do fotógrafo está a obtenção de uma representação visual de um fragmento, um recorte, pois “Toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época.”¹³⁹ Porém, trata-se de uma representação que surge do olhar de um indivíduo, que seleciona esse fragmento, que estabelece um enquadramento a partir de uma eleição de elementos que compõem o real, a partir dos recursos oferecidos pela tecnologia. Para Kossoy, fatores como esses influirão decisivamente no resultado final e configuram a atuação do fotógrafo enquanto “*filtro cultural*”. Esse filtro funcionaria em

¹³⁹ KOSSOY, Boris. Op. cit., p. 36.

função de um tratamento estético, que seria uma preocupação na organização visual dos detalhes que compõem a cena.¹⁴⁰

Dessa forma, enquanto documento histórico, a fotografia é portadora de múltiplas significações. Sua interpretação leva ao entendimento de que é produto de uma visão individual de mundo que congrega valores sociais e culturais coletivos. As Imagens fotográficas realizam a história visual de uma sociedade, ao registrar situações, estilos de vida, gestos, atores sociais e rituais, e aprofundar a compreensão da cultura e suas transformações ao longo do tempo.¹⁴¹ Esse suporte será tratado neste trabalho enquanto fonte científica para a análise da paisagem urbana de Penedo e ajudando a perceber a forma como essa se liga ao Rio São Francisco.

Para avançar no entendimento dessa questão, foram reunidas e estudadas essencialmente as fotografias que compõem o acervo do

¹⁴⁰ Ibid., p. 42.

¹⁴¹ BITTENCOURT, Luciana Aguiar. **Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica**. In: FELDMAN-BIANCO, Bela e LEITE, Miriam L. Moreira (orgs.). Op. cit.

Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Complementando a documentação foram inseridas fotografias do arquivo Cristina Sanchez, do IPHAN em Alagoas.¹⁴² As imagens foram reunidas em categorias, segundo uma temática articulada ao cotidiano, arquitetura e expressão genérica do urbano, o que resultou nos seguintes grupos: ruas e avenidas, embarcações, enchentes, arquitetura e panorâmicas.

4.2.1 Ruas e Avenidas

A Avenida Floriano Peixoto é uma das principais da cidade. Larga, desenvolve-se paralela à orla do Rio São Francisco. Nela estão localizados importantes edifícios urbanos como a Igreja de São Gonçalo Garcia do século XVIII, Mercado Municipal e Teatro Sete de Setembro, ambos do final do século XIX. A igreja chama a atenção pela imponência e por fazer o fechamento da avenida em um dos lados. O casario que a compõe

¹⁴² O material reunido contém 42 fotografias do arquivo do IHGAL, acessado em 2007, e 112 do arquivo do IPHAN, coletado em 2009. As imagens do arquivo Cristina Sanchez não estão datadas, por isso foram utilizadas apenas como um complemento a análise.

também merece destaque, principalmente os sobrados. As fotografias focalizam trechos opostos da avenida, a figura 25 apresenta a igreja em reforma, enquanto que na figura 26 já se encontra finalizada. As figuras 27 e 28 representam o trecho que segue em direção à rocheira, com a última mais aproximada com ênfase nos prédios do mercado e do teatro. Em todas as imagens pode-se observar certa movimentação de pessoas no cotidiano da cidade no início do século e na atualidade, na figura 29, em uma área de densa importância urbana no Penedo associada ao escoamento da produção no Rio São Francisco.

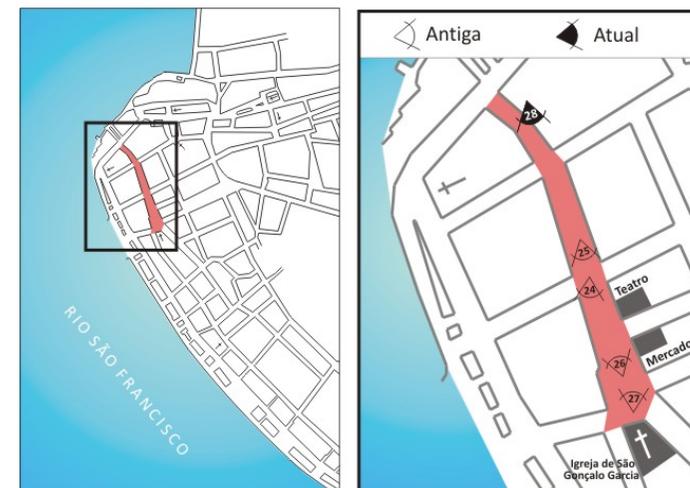


Figura 24: Mapa de localização das fotografias. Infográfico: Flávia Cerullo.



Figura 25: Avenida Floriano Peixoto, 1907. Fonte: Acervo IHGAL.



Figura 27: Avenida Floriano Peixoto, 1912. Fonte: Acervo IHGAL.



Figura 26: Avenida Floriano Peixoto, 1920. Fonte: Acervo IHGAL.



Figura 28: Avenida Floriano Peixoto, 1918. Fonte: Acervo IHGAL.



Figura 29: Avenida Floriano Peixoto, 2007. Fonte: Flávia Cerullo.

A Rua Dâmaso do Monte parte da rocheira em direção ao Rio São Francisco. Conhecida antigamente por Rua da Corrente, pois termina com a igreja de mesmo nome a sua esquerda. Na fotografia (figuras 31 e 32), a edificação religiosa, construída no século XVIII em frente ao rio, destaca-se através de sua torre; no lado direito encontra-se um sobrado de três andares que chama a atenção em um plano mais aproximado. Ao fundo e no centro da imagem, vê-se o São Francisco e sua margem oposta.

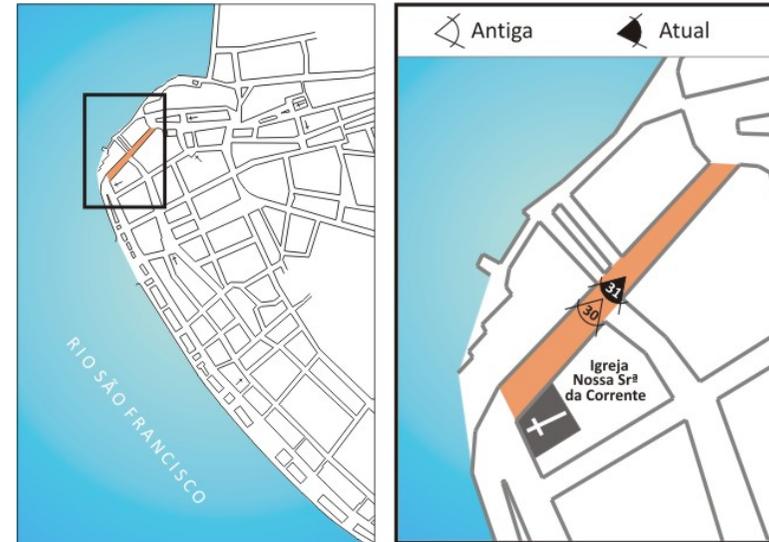


Figura 30: Mapa de localização das fotografias. Infográfico: Flávia Cerullo.



Figura 31: Rua Dâmaso do Monte, 1920. Fonte: Acervo IHGAL.



Figura 32: Rua Damaso do Monte, 2007. Fonte: Flávia Cerullo.

A Avenida Duque de Caxias já foi conhecida como Rua da Praia e Rua do Comércio. Apesar de ser a beira do São Francisco, apenas na primeira imagem o rio aparece, ainda que bastante tímido. Entretanto, mesmo que houvesse a intenção do fotógrafo de captá-lo, a distância entre o alinhamento da rua para a margem fluvial e a existência de diversos edifícios urbanos localizados entre eles dificultaria o enquadramento. A

figura 34 mostra o cotidiano da cidade em dia de feira. Nas imagens seguintes (figuras 35 a 38) está retratado o casario com seus sobrados, como também a circulação de pessoas pela avenida, intensificada em dia de feira. O uso comercial sempre foi predominante, pois a avenida possui acesso natural ao rio, necessário para embarque e desembarque de mercadorias, o que fica evidenciado na comparação das fotografias antigas com as atuais.



Figura 33: Mapa de localização das fotografias. Infográfico: Flávia Cerullo.



Figura 34: Avenida Duque de Caxias, 1912. Fonte: Acervo IHGAL.



Figura 36 Avenida Duque de Caxias, 1915. Fonte: Acervo IHGAL.



Figura 35: Avenida Duque de Caxias, 1915. Fonte: Acervo IHGAL.



Figura 37: Avenida Duque de Caxias, 2007. Fonte: Flávia Cerullo.



Figura 38: Sobrados da Avenida Duque de Caxias ao fundo, 2007. Fonte: Flávia Cerullo.

A Avenida Beira-Rio é diretamente associada ao Cais do Porto. A primeira fotografia (figura 40) foi tirada da cidade para o rio, onde podem ser observados vários tipos de embarcações atracadas no cais, onde há uma movimentação de pessoas e automóveis, provavelmente uma vista do cotidiano da época. Ao fundo está a vista da outra margem do Rio São

Francisco. Em ângulo semelhante, porém na atualidade, está a figura 42, mostrando a permanência da função do cais. A figura 41 traz a vista do rio para a cidade em dia incomum, quando da visita da Força Tarefa da Marinha. Podem ser observados barco, carro e muita gente no cais e na avenida. A cidade ao fundo é realçada pelas torres da Igreja de São Gonçalo Garcia, no centro da foto. Fazendo um contraponto, a figura 43 mostra o mesmo local no cotidiano atual.

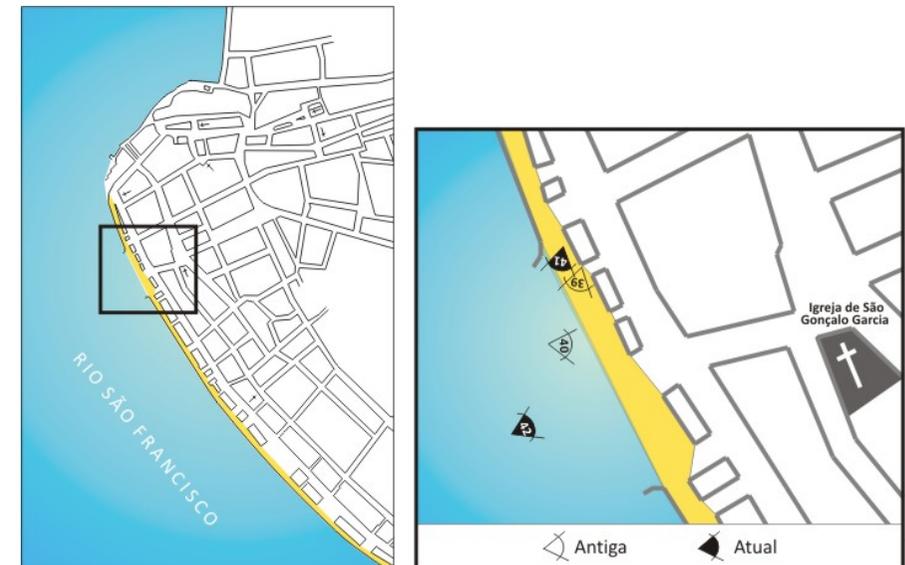


Figura 39: Mapa de localização das fotografias. Infográfico: Flávia Cerullo.



Figura 40: Cais, 1950. Fonte: Acervo IHGAL.



Figura 42: Cais, 2007. Fonte: Flávia Cerullo.



Figura 41: Cais em visita da força tarefa da marinha, 1960. Fonte: Acervo IHGAL.



Figura 43: Cais, 2007. Fonte: Flávia Cerullo.

4.2.2 Embarcações

Nas figuras de 44 a 48 estão representados os diversos tipos de embarcações que navegavam pelo São Francisco: barcos a vela, canoas e barcos a vapor, atracados no cais ou navegando pelas águas do rio. Alguns barcos utilizados para navegação, de fundo chato, são derivados das sumacas holandesas, descritos por Ave-lallemant em seu relato. Na figura 49 está o navio patrulha da Marinha Brasileira que esteve em Penedo na comemoração dos 100 anos da primeira penetração da Armada Brasileira ao São Francisco, em 1960. A função do rio enquanto caminho, diretamente ligado à cidade pelo porto, é uma dos seus principais papéis, permanecendo até hoje em Penedo, ou seja, as mudanças não retiraram um dos principais papéis do rio, demonstrado nas figuras de 50 a 52.

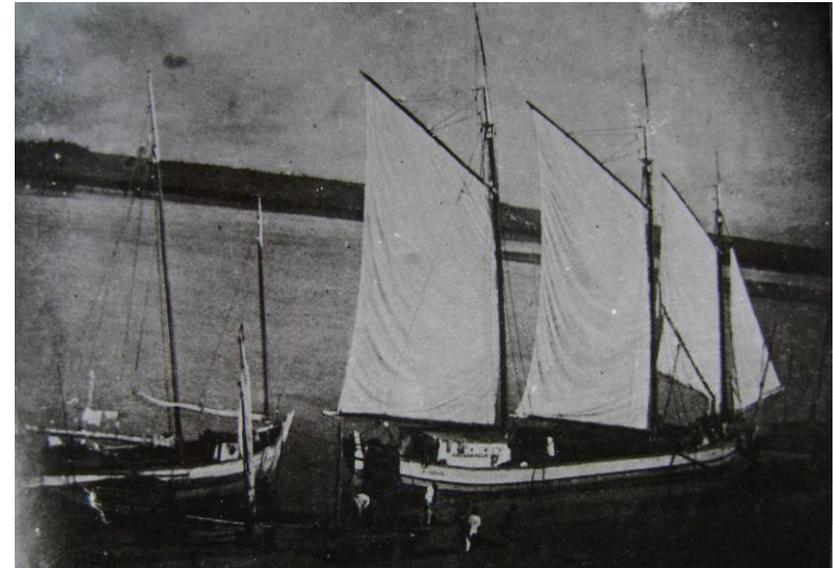


Figura 44: Embarcações no cais de Penedo, 1920. Fonte: Acervo IHGAL.



Figura 45: Embarcações no cais de Penedo, 1920. Fonte: Acervo IHGAL.

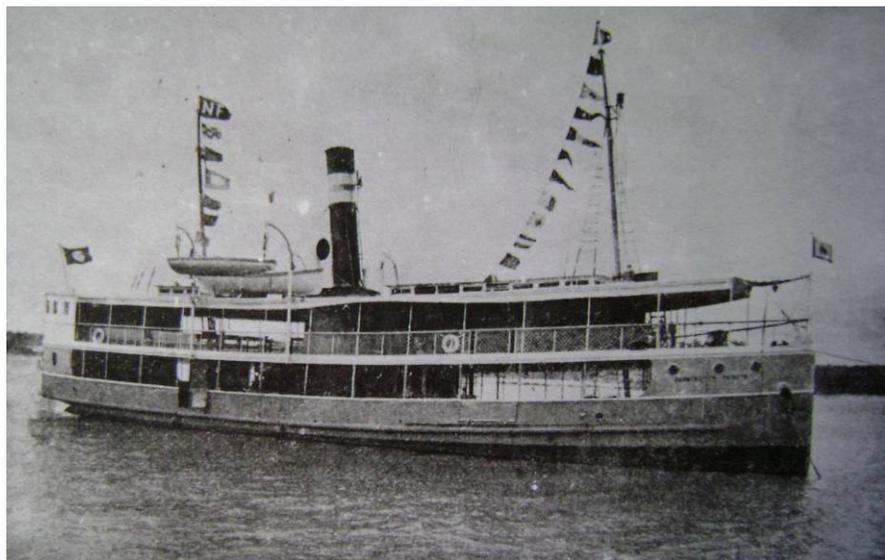


Figura 46: Embarcação no Rio São Francisco, 1920. Fonte: Acervo IHGAL.

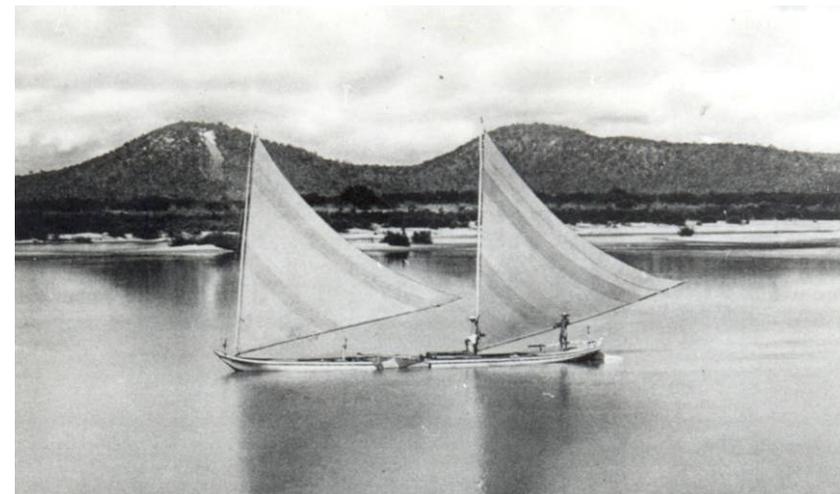


Figura 48: Embarcação no Rio São Francisco, sem data. Fonte: Arquivo Cristina Sanchez.

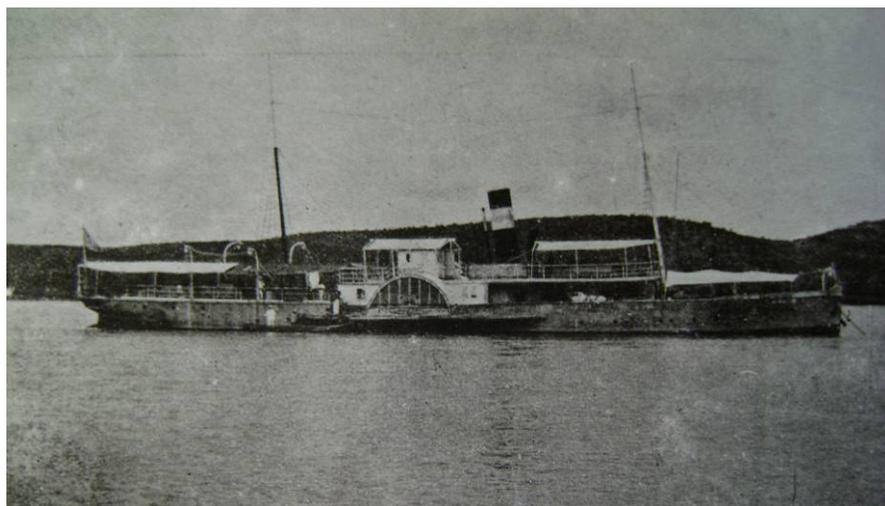


Figura 47: Embarcação no Rio São Francisco, 1918. Fonte: Acervo IHGAL.



Figura 49: Embarcações no Rio São Francisco, sem data. Fonte: Arquivo Cristina Sanchez.



Figura 50: Barcos atracados, 2007. Fonte: Flávia Cerullo.



Figura 52: Balsa fazendo a travessia entre Penedo e Neópolis, 2007. Fonte: Flávia Cerullo.



Figura 51: Barcos no cais de Penedo, 2007. Fonte: Flávia Cerullo.

4.2.3 Enchentes

Nos capítulos anteriores foi visto que as inundações causadas por enchentes do Rio São Francisco eram freqüentes em Penedo. Em fotografias podem ser vistos alguns dos efeitos dessas enchentes, com áreas alagadas no centro e nas áreas periféricas. A figura 54 é uma vista do alto, onde o nível da água prejudica a visualização do limite da margem. Nas seguintes (54 e 55), estão algumas ruas alagadas, a Avenida

Floriano Peixoto e a tentativa de conter as águas na antiga Rua da Corrente. Na figura 57 demonstra o alagado que se formou junto a Igreja de São Gonçalo Garcia e na seguinte (figura 58), consta a água na área do antigo Hotel dos viajantes.

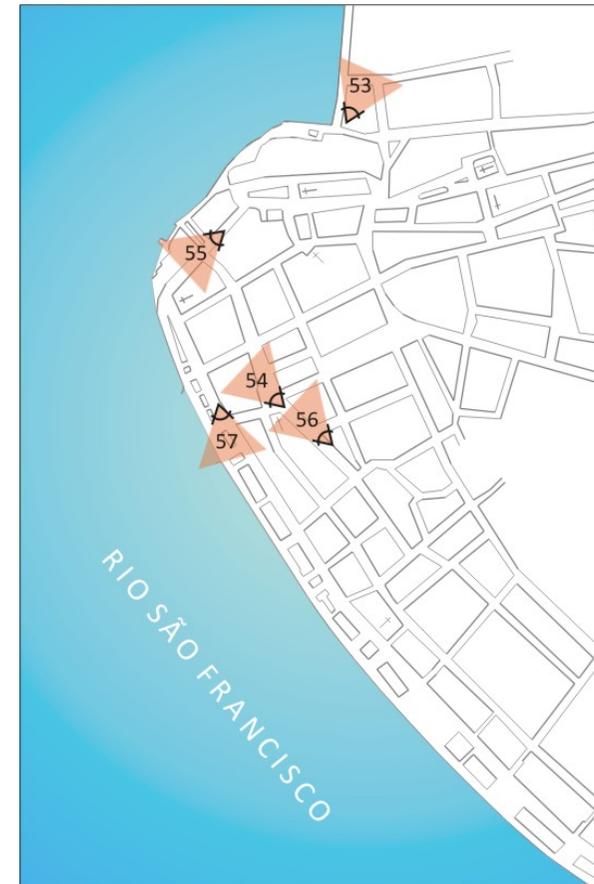


Figura 53: Mapa de localização das fotografias. Infográfico: Flávia Cerullo.



Figura 54: Inundação, 1905. Fonte: Acervo IHGAL.



Figura 56: Rua Dâmaso do Monte, 1905. Fonte: Acervo IHGAL.



Figura 55: Avenida Floriano Peixoto, 1906. Fonte: Acervo IHGAL.



Figura 57: Igreja de São Gonçalo Garcia, sem data. Fonte: Arquivo Cristina Sanchez.



Figura 58: Hotel dos viajantes, sem data. Fonte: Arquivo Cristina Sanchez.

4.2.4 Arquitetura

Até 1950, a arquitetura eclética começa a aparecer em Penedo, principalmente na Avenida Getúlio Vargas, sinal que nesse período a cidade foi crescendo se distanciando do rio. Na segunda metade do século XX, foram difundidos alguns exemplares da arquitetura moderna. Como maior representante está o Hotel São Francisco, inaugurado na década de

1960. Hotel luxuoso, foi idealizado como suporte e razão de implementação dos negócios turísticos. Para a sua construção foi necessária a demolição de dois sobrados, sendo um de mais de três pavimentos, outro de fachada larga e duas casas. Um beco estreito e sinuoso, Beco das Flores, também foi extinto e ruas foram abertas para facilitar as obras. O hotel era visto como expressão do progresso em uma época de ascensão da cidade, no momento não existia construção de tal porte em Alagoas na época. Em termos de projeto era uma solução arrojada, principalmente no dimensionamento estrutural. Possuía um cinema, que foi inaugurado antes do Hotel, cujo pesado maquinário foi importado, assim como o acabamento de alto luxo do prédio.¹⁴³ Nas fotografias estão representados alguns exemplos da arquitetura do século XX de Penedo (Associação Comercial na figura 60 e Hotel São Francisco na figura 61), edifícios altos, com vista privilegiada do Rio São Francisco.

¹⁴³ SILVA, Maria Angélica da. **Arquitetura Moderna: A atitude alagoana**. Maceió: SERGASA, 1991: 169.

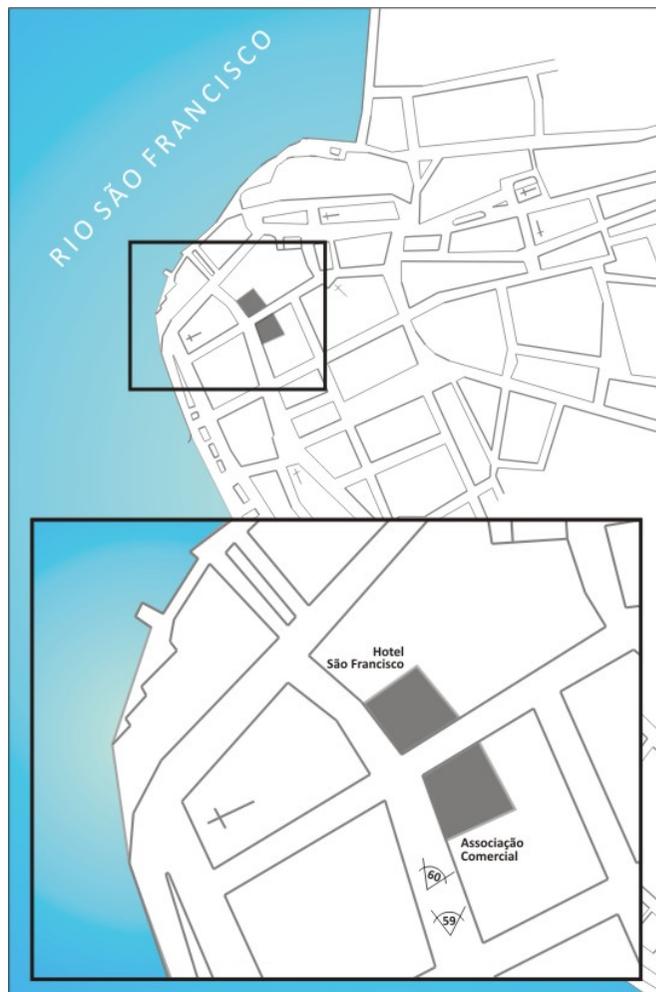


Figura 59: Mapa de localização das fotografias. Infográfico: Flávia Cerullo.

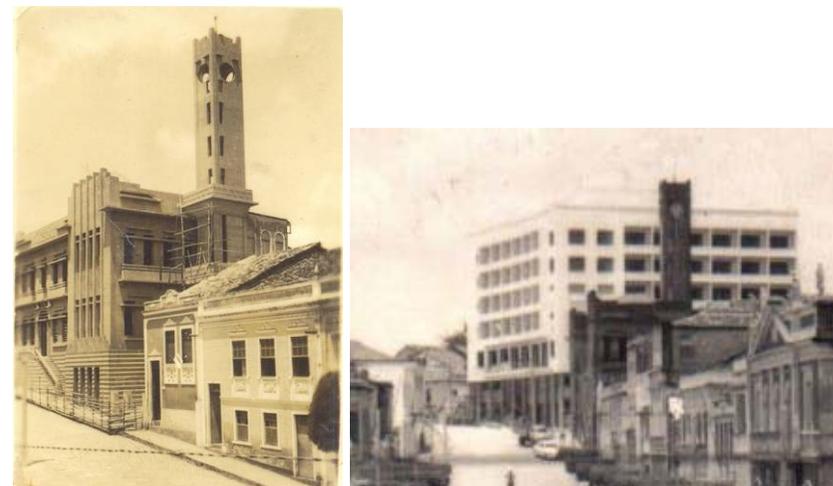


Figura 60: Associação Comercial, sem data. Fonte: Arquivo Cristina Sanchez.

Figura 61: Hotel São Francisco, sem data. Fonte: Arquivo Cristina Sanchez.

4.2.5 Panorâmicas

A vista da parte principal de Penedo, do Rio São Francisco para a cidade, possui dois momentos no século XX: antes e depois da inserção do Hotel São Francisco na paisagem. No início do século, as torres das igrejas se destacavam na paisagem colonial. Depois da construção moderna, houve uma modificação na escala urbana. Além de destacar-se no perfil por possuir um estilo arquitetônico diferenciado, principalmente no centro,

onde está inserido, suas dimensões impressionam em meio à cidade. Em altura, o hotel ultrapassa as torres da Igreja Matriz, localizada na cota mais alta do terreno. As fotografias (figura 62) apresentam a vista de Penedo antes e após o Hotel São Francisco, com as porções de rio e céu variando um pouco entre elas e a faixa de terra praticamente no centro das imagens. A justificativa no processo de tombamento do sítio histórico lamenta a construção do hotel que, segundo o parecer, *“pela sua grande volumetria e traços arquitetônicos fere profundamente a ambiência, descaracterizando grosseiramente a paisagem”*.¹⁴⁴

¹⁴⁴ Os arquivos do processo de tombamento do conjunto histórico e paisagístico da cidade de Penedo foram acessados no Arquivo Noronha Santos, IPHAN.



Figura 62: Vistas panorâmicas de Penedo. A primeira antes de 1960, a segunda em 1960 e a terceira em 2007. Fonte: Acervo IHGAL (antigas) e Flávia Cerullo (atual).

Ao mudar o ponto de observação, aparecem novas vistas da cidade de Penedo a partir do Rio São Francisco. A figura 64 leva o observador para a esquerda para avistar a rocheira, onde suas partes alta e baixa apresentam-se bem definidas e separadas. No local mais alto está a Igreja Matriz. A fotografia seguinte (figura 65) se desloca para a direita, onde está representada a periferia da cidade e ao fundo podem ser vistas as torres da Igreja de São Gonçalo Garcia.

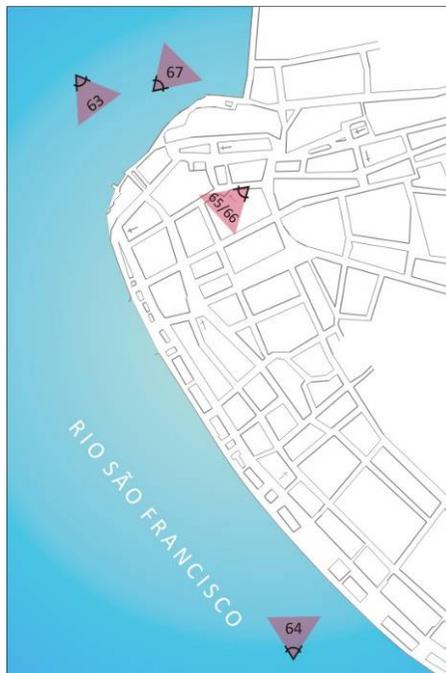


Figura 63: Mapa de localização das fotografias. Infográfico: Flávia Cerullo.

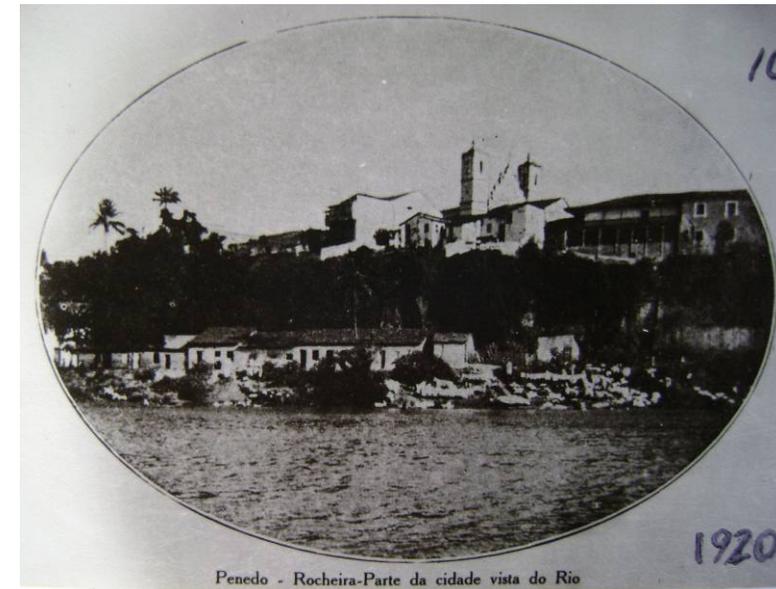


Figura 64: Vista de Penedo, Rocheira, 1920. Fonte: Acervo IHGAL.



Figura 65: Vista de Penedo, periferia, 1910. Fonte: Acervo IHGAL.

Outra possibilidade de observar essa relação entre o São Francisco e Penedo é inverter o ângulo de observação. A vista abaixo apresenta o rio em direção a sua foz, visto da cidade. A figura 66 parece ter sido tirada de dentro do convento franciscano de Santa Maria dos Anjos, pela visão que se tem do local e pela vegetação que corresponderia ao quintal. No centro da composição se destaca a Igreja de São Gonçalo Garcia e ao fundo pode-se avistar a margem oposta do rio. Comparando com a vista atual na figura 67, vê-se que houve pouca modificação na paisagem.



Figura 66: Vista do Convento Santa Maria dos Anjos, 1920. Fonte: Acervo IHGAL.



Figura 67: Vista do Convento Santa Maria dos Anjos, 2009. Fonte: Alice Jardim.

Outras vistas da cidade revelam novos lugares diferentes do centro histórico. Na figura 68 está representada a periferia de Penedo e seu cotidiano, através da lavagem de roupa no São Francisco.

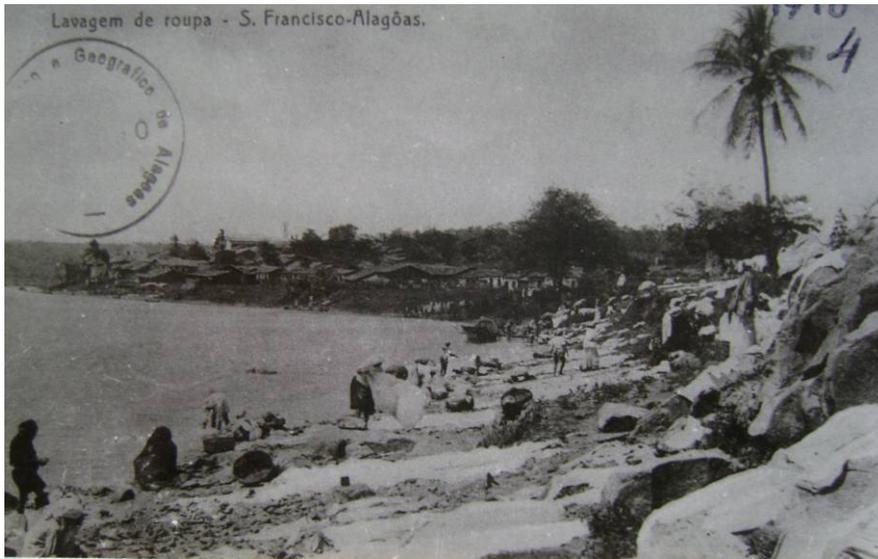


Figura 68: Vista de Penedo, periferia, 1918. Fonte: Acervo IHGAL.

4.3 Resgatando as camadas do tempo em Penedo

No século XX o rio e a cidade foram mais apreciados esteticamente, conforme foi observado nos textos e nas fotografias. No estudo completo Também foi perceptível a sobreposição dos tempos em Penedo, as permanências de monumentos e funções urbanas. Assim como afirma

Aldo Rossi: “existem muitos tempos na forma da cidade”¹⁴⁵. Os tempos expostos na paisagem de Penedo foram representados no material produzido nesse século.

Os textos que estudamos, em sua grande maioria, tratam da cidade de Penedo valorizando sua história. Muitas vezes a cidade aparece inserida no contexto alagoano, demonstrando sua importância para o estado. Abelardo Duarte, por exemplo, vai desde o início da colonização brasileira e do povoamento de Alagoas para chegar à história de Penedo, assinalando o Rio São Francisco como um dos primeiros pontos marcados na cartografia antiga. José Próspero da Silva Caroatá também começa pela história do início dos núcleos urbanos em Alagoas, sendo um deles Penedo, e chega à emancipação política do estado.

Além de Brandão e Duarte, Méro e Caroatá também discutem a história da fundação do povoado às margens do São Francisco. Brandão e Duarte apresentam as divergências sobre essa questão, principalmente no que se

¹⁴⁵ ROSSI, A. **A Arquitetura da Cidade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

refere às datas, onde o segundo cita diversos autores alagoanos e suas hipóteses, também quanto à penetração inicial no curso hídrico. Nos discursos dos dois autores, Penedo aparece associada às outras duas povoações alagoanas do mesmo período, Porto Calvo e Alagoa do Sul. A invasão holandesa é alvo dos escritos de Brandão, Méro e Carotá, que leva o relato da história de Penedo até sua elevação à vila e, posteriormente, à cidade.

Moreno Brandão apelida a cidade de “princesa do São Francisco”, e assim como Alceu Maynard Araújo fala sobre a sua posição de domínio em relação às outras cidades da região. Brandão destaca o seu “bonito aspecto topográfico”, a situação de progresso que vive Penedo na época e, como resultado desse momento, os principais edifícios públicos e fábricas. Carotá também conta a história de edifícios públicos, como também de ruas e templos, além de outros assuntos, como pessoas importantes, juízes e atos da câmara.

Ernani Méro trata das questões religiosas a partir da presença franciscana em Penedo e suas ações religiosa, sócio-cultural e artística. O autor relembra o recebimento do título de “mui nobre e sempre leal” e considera a cidade um centro de cultura, pelos ensinamentos que os franciscanos promovem aos jovens e, citando o prof. Luiz Medeiros Net, diz ser ela o “berço de nossa alagoanidade”, marcada pela imponência de seus templos barrocos e do Teatro “Sete de Setembro”, um dos mais antigos do Estado, de linha neoclássica.

Outros temas relacionados diretamente ao Rio São Francisco foram abordados por dois autores. Brandão se detém na questão navegação, com a inauguração do trecho de Penedo a Piranhas e menção a companhias que exerciam essa atividade de transporte. O historiador cita a função do rio como fronteira e a movimentação do porto por grande quantidade de embarcações. Diegues Júnior se preocupa em valorizar a história do São Francisco e sua importância para o Brasil, porém o que chama a atenção no seu relato é a percepção que ele tem do rio, seu

encantamento ao se deparar com suas águas “Vivas, fortes, cinzentas (...) que brilhavam faiscando ao resplendor do sol”. Para o autor a vista da foz era estonteante com “toda aquela dissipação de águas, que se alastrava da foz, no choque amigável com o verde-azul do oceano”.

A promessa de progresso e desenvolvimento do início do século XX ficou em algumas das representações. Nas fotografias das ruas é a arquitetura do século passado que está mais presente; apenas algumas imagens estão apresentadas da arquitetura desse século.

As embarcações levam as pessoas da cidade para navegar às águas do rio e, nas fotografias, transformam-se em objetos artísticos, revelando o tempo, passado ainda presente nas canoas e barcos a vela e o progresso a vapor.

Trata-se de um século de transformações visíveis na paisagem urbana. Nos panoramas da cidade esses momentos podem ser observados, o direcionamento das ruas, o conjunto de edificações, destacadas as mais

importantes ou imponentes. As igrejas e suas torres que, em quantidade e aparência, dominavam a paisagem no início do século, foram desafiadas e intimidadas pela construção moderna do Hotel São Francisco. Essa foi a transformação mais marcante do século para quem observa a paisagem da cidade a partir do rio. Saindo, porém, da fachada ribeirinha podem ser vistos retratos de outros momentos do mesmo século em Penedo.

O São Francisco também causou transformações na cidade através das enchentes. A invasão das águas do rio nas ruas da cidade é o momento mais intenso da relação entre os dois. São também momentos controversos, da mesma forma que destrói, é considerado por muitos como o movimento habitual e necessário da natureza.



Conclusão

“O São Francisco! O “rio-sem-história”! Este tem sido o destino dos nossos rios. Cadê a história do Tietê, levando os paulistas para o bandeirismo? Cadê a história do Parnaíba, que, dividindo o Maranhão do Piauí, contribuiu para que, pelas dificuldades de comunicação, o extremo norte constituísse, no período colonial, um Estado independente do resto do Brasil? Cadê a história do Capibaribe, cujas águas enchem o Recife de paisagem lírica e romântica? Cadê a história do Paraná, assistindo impassível à destruição das missões jesuíticas? E a história do Tocantins oferecendo passagem ao comércio de Goiás, através de suas águas por onde a varejão, a remo, a sirga, a gancho, os arqueiros levam, em longa odisséia, as mercadorias produzidas? Enfim, cadê a história do nosso Mundaú, cujo vale rico e fértil produziu o nascimento de Maceió? Como o S. Francisco, são todos rios sem história, rios que ainda não tiveram quem contasse a vida de suas águas.” (Manuel Diegues Júnior em discurso no Instituto Histórico de Alagoas, em 1942)

Passeando por alguns momentos da história foi possível contar um pouco da trajetória do São Francisco, ligando-o a um dos mais antigos núcleos urbanos à sua margem. A partir de alguns olhares foi observada essa íntima relação entre o rio e a cidade, uma relação mutante, assim como a paisagem que se forma e se transforma.

Nesta dissertação, a paisagem urbana de Penedo, banhada pelas águas do São Francisco, foi reconstruída ao longo de séculos por olhos atentos em busca de conhecimento, encantamento e história. Olhares estrangeiros, locais, enfim, olhares de descoberta, de conquista, de fascínio, de nostalgia.

Olhos que não somente observaram, mas registraram suas percepções. Impressões projetadas em papel ou tela, por tintas ou lentes, que trazem informações acerca da convivência entre o rio e a cidade, cuja interpretação nos leva a compreender um pouco mais sobre essa relação em alguns momentos de sua história.

Em síntese, os primeiros olhares nos reportaram aos relatórios, diários e mapas com experiências colonizadoras na nova terra. Relatos espontâneos ou encomendados, os escritos e desenhos continham informações sobre situação econômica, estratégias de povoamento, eventos do cotidiano e também costumes locais. O material fazia parte de uma ação política portuguesa na colônia e era uma forma de conhecer e controlar os novos territórios conquistados. Na área da cartografia, os portugueses já estavam bastante avançados, sendo essa mais uma forma de divulgação de suas ações.

Essa literatura mais antiga se detém a falar do Rio São Francisco, pois, no século XVI e início do XVII, possivelmente existia em Penedo apenas o início de uma povoação. Nos mapas, o São Francisco também é bastante referenciado, mesmo na escala macro representada ele se destaca entre os outros cursos d'água, por extensão e largura e a foz no oceano.

O segundo momento histórico traz parte de um trabalho feito pela comitiva de Nassau no nordeste, que tratou de investigar e registrar as

características da nova terra, fauna e flora desconhecidas, os costumes dos nativos, como também os feitos do conde. Entre as obras estavam relatórios para a WIC e relatos com impressões pessoais, que continham informações sobre economia, guerra, cotidiano das tropas e dos habitantes e descrições das paisagens encontradas. Nos mapas e vistas produzidos pelos artistas flamengos, com intenções militares e de reconhecimento, os elementos naturais eram retratados com destaque, como aspectos do sítio urbano, a fauna e a flora locais, além dos nativos na sua vida cotidiana.

Ao produzir relatos e imagens, os holandeses tinham a intenção de expor as suas conquistas, revelando as características das vilas e povoados. Por isso eram produzidos textos descritivos, assim como as imagens possuem um caráter de fidelidade ao mundo visto, com precisão e detalhamento que possibilita o acesso aos aspectos urbanos coloniais.

Nesse contexto, o Rio São Francisco aparece nos documentos escritos, principalmente quanto aos seus aspectos hídricos e referência de

localização. Nas imagens apresenta-se dominante na paisagem. Suas características são também relacionadas ao entorno, às formações de suas margens e elementos edificados. Enquanto elemento construído em Penedo, o Forte Maurício é tratado com mais importância e sua conexão com as águas do Rio São Francisco se dá, primordialmente, quanto à sua função protetora.

No século XIX, os novos visitantes estrangeiros e sua visão intelectual e postura observadora das particularidades do mundo registraram suas impressões e produziram uma vasta quantidade de obras variadas. Nessa *“Literatura de Viagem”*, elaborada em expedições científicas ou artísticas, muitos estrangeiros que estiveram em Penedo e seguiram o curso do Rio São Francisco registraram suas percepções e impressões pessoais que se tornaram aqui objetos de estudo. O olhar desses estrangeiros se mostrou fascinado pelos elementos naturais e construídos da paisagem. Entre os naturais, o Rio São Francisco e a rocheira foram os mais citados e descritos. Enquanto que todo o conjunto urbano de Penedo, com

destaque para as edificações religiosas e os sobrados, mereceu elogios nas narrações.

No contexto alagoano, o Instituto Histórico e Geográfico teve grande importância na divulgação dos temas relevantes do Estado através da publicação de suas revistas. Hoje guarda esse material em seu acervo, juntamente com as fotografias estudadas. Os textos, em sua grande maioria, tratam da cidade de Penedo através do seu passado, valorizando sua história. Em um século de muitas transformações, a implantação do Hotel São Francisco foi a que mais modificou a paisagem da cidade vista do rio. A edificação de dimensões imponentes e caráter modernista se impôs na vista panorâmica de Penedo.

Sobre os aspectos que as fontes trataram, através das várias representações analisadas, alguns foram mais contemplados que outros, sendo privilegiados em determinado tipo de material ou período. Dentre eles, os elementos naturais e construídos da paisagem foram tratados de formas específicas em cada momento histórico.

Entre os aspectos naturais, o sítio de Penedo, através de seu relevo e topografia, é de alguma forma referenciado em todos os períodos estudados. A sua formação rochosa, a “rocheira”, é sempre destacada. Inicialmente como motivo da escolha do local para a povoação, pela proteção e visibilidade que proporciona. Seus aspectos geográficos são bastante descritos, pois eram importantes para definir estratégias de conquista, assim como para segurança. Os holandeses praticamente só tratam dos aspectos naturais em seus relatos. Já no século XIX, muitas vezes as informações técnicas são deixadas de lado para dar lugar a narrações mais subjetivas. Nesse e no século seguinte, as descrições mais detalhadas se detêm mais nos elementos construídos, enquanto que a natureza é com admiração, com observações mais particulares e adjetivadas, principalmente sobre a rocheira, que nas fotografias é bem visível nas panorâmicas.

Os elementos construídos presentes na paisagem foram sendo construídos ao longo dos séculos e assim foram também sendo retratados

nas fontes. Nenhuma edificação aparece nas fontes primárias tratadas no primeiro período. Já nas fontes escritas holandesas é destacado o Forte Maurício, com descrições detalhadas. Nas imagens, além da fortificação, são representadas a capela dentro dela e algumas casas. Nos séculos XIX e XX, entre os elementos construídos, as edificações religiosas são enfatizadas pela quantidade e qualidade das obras. O conjunto urbano composto pelas residências também era bastante significativo para os viajantes, destacando-se os sobrados. São mencionados também o hospital, casa de câmara, cadeia, teatro, cemitério e fábricas. Nas fotografias também são representadas algumas dessas edificações, além do Hotel São Francisco que modifica totalmente o perfil da cidade visto através das panorâmicas.

O Rio São Francisco é tratado de maneiras diferentes em cada momento. Nos primeiros séculos de colonização, tanto no primeiro como no segundo capítulos, são enfatizados seus aspectos funcionais e operativos. Para cumprir sua função de caminho, informações como dimensões, força

das águas e capacidade para navegação eram as mais importantes, além de comunicar sobre a cachoeira que bloqueia o curso, afluentes e bancos de areia. Enquanto referências de localização, a foz é bastante referenciada e a situação de fronteira de territórios também é mencionada pelos estrangeiros. Outros aspectos presentes são: a formação do solo e o comportamento das águas, que levavam às cheias no verão. Nos dois últimos capítulos o rio é valorizado como elemento paisagístico. No século XX há também a valorização da história do São Francisco e sua importância para o Brasil nesse período é bastante destacada. Porém, o que chama a atenção é a percepção que se tem do rio, há registros de encantamento ao se deparar com o rio e suas águas, as embarcações se tornam objetos artísticos. Existem várias visões e várias vistas do rio, de Penedo, para Penedo, sob diversos ângulos, caminhando para a foz, vindo da foz, das cidades ao longe na margem oposta. Outras cidades que viveram os mesmos períodos históricos, mas, talvez, de outra forma se ligaram e conviveram com o São Francisco.

Sob diversos olhares, foram descobertas relações entre o Rio São Francisco e a cidade de Penedo. Não só a partir de sua dimensão física e espacial, mas também social, ou seja, considerando suas simbologias e representações. Trabalhando com o conceito de Cosgrove, de paisagem como uma construção cultural, onde o ser humano transforma o ambiente natural, transmitindo significação à paisagem, foram observadas as modificações em Penedo ao longo dos séculos.

Olhos estrangeiros e brasileiros perceberam as intervenções humanas na natureza. Modificações que atribuem significado à paisagem, transformando-as em cultura, sendo produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo ser humano.

Nesse caminho, de uma cidade construída no tempo, vestígios dos seus vários tempos expostos na paisagem são conservados. Assim como acredita Rossi, não apenas a estrutura material da cidade, mas a idéia de cidade como síntese de uma série de valores. Na paisagem de Penedo, há permanências visíveis e invisíveis, relacionadas a seus monumentos e

traçado urbano. Da mesma forma que há um rio “real”, presente nas funções cotidianas da cidade; e um rio “imaginário”, das histórias e lendas das pessoas, dos viajantes e dos que vivem às suas margens.

Assim como a paisagem, a relação de convívio entre o rio e a cidade foi se modificando com o passar dos séculos. Em alguns usos, a função do rio permanece, ainda que de forma diferente, enquanto outros foram aos poucos sumindo. Novas formas de ver o rio foram surgindo, ou ainda ressurgindo, no entanto, o rio sempre foi vivo, a cada momento percebido de uma maneira. Sob vários suportes e expressões artísticas essa vitalidade do São Francisco, em sua íntima relação com Penedo, foi registrada pelo olhares que observaram essa ligação.

No presente, há momentos em que essa relação se intensifica, como em dia de feira, durante a travessia de balsa ou de barco, ou mesmo enquanto os passageiros esperam pelo transporte, e, em ocasião anual, é realizada a procissão fluvial de Bom Jesus dos Navegantes, evento de extrema importância simbólica para os moradores da região. Hoje, as

vistas do rio ainda são privilegiadas na cidade, nos sobrados, no Hotel São Francisco e no mirante da rocheira, por exemplo.

Apesar das dificuldades, esta dissertação conseguiu reunir uma grande quantidade de material. A bibliografia é restrita e há grande dificuldade em acessar os arquivos do estado de Alagoas. Confrontar textos e imagens ajudou a ter uma visão mais abrangente e ver as possibilidades de vários tipos de representação da paisagem, suas modificações e interpretações de Penedo e do Rio São Francisco.

Com a crescente preocupação com a valorização do patrimônio, Penedo está cada vez mais em evidência, por suas características coloniais. Os

olhos alagoanos estão se voltando para lá novamente. Assim como para o Rio São Francisco, cujas discussões são levadas para diversos âmbitos. As gradativas mudanças e as transformações drásticas em seu curso levam a refletir sobre o reflexo dessas interferências nas cidades a sua margem. Compreender esse processo é essencial para obter bons resultados a partir dessas intervenções. A perspectiva é de dar continuidade aos estudos dos rios urbanos vista a necessidade de conhecer como eles se relaciona com as cidades as suas margens e como essas intervenções irão influenciar nesse convívio mutante resultado da indissociável relação entre os rios e as cidades.

BIBLIOGRAFIA

ANTROP, Marc. (2005) **Why landscapes of the past are important for the future**, Landscape and Urban Planning, 70, pp. 21-34.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Populações ribeirinhas do baixo São Francisco**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura. Serviço de Informação Agrícola, 1961.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagem pelo norte do Brasil no ano de 1859**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/ Ministério da Educação e Cultura, 1961.

AZEVEDO, Aroldo. **Vilas e cidades do Brasil colonial. Ensaio de uma geografia urbana – retrospectiva**. São Paulo: USP, 1956.

BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BANDEIRA, Julio e LAGO, Pedro Corrêa do. **Debret e o Brasil: obra completa 1816 – 1831**. Rio de Janeiro: Capivara Editora, 2008.

BARLÉU, Gaspar. **História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil (1584-1648)**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **The voyager's Brazil**. São Paulo: Metalivros; Salvador, BA: Fundação Emílio Odebrecht, 1995.

BOOGAART, Ernest van den. **Realismo pictórico e Nação: as pinturas brasileiras de Frans Post**. In: TOSTES, Vera Lúcia Bottrel, BENCHETRIT, Sarah Fassa, MAGALHÃES, Aline Montenegro (org.). A Presença Holandesa

no Brasil: memória e imaginário. Livro do Seminário Internacional. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2005.

BRANDÃO, Moreno. **Monographia do Município de Penedo**. Maceió: Lit. Typographia Menezes, 1936.

BRANDÃO, Moreno. **O Baixo S. Francisco: o rio e o valle**. 1905.

BRASIL, Vanessa Maria. **Margens e veredas do São Francisco: As vozes do rio**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de História Social, Departamento de História – IFCS, 1999.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. **A guerra de papel: confecção e disputa pelos mapas**. In: TOSTES, Vera Lúcia Bottrel, BENCHETRIT, Sarah Fassa, MAGALHÃES, Aline Montenegro (org.). *A Presença Holandesa no Brasil: memória e imaginário*. Livro do Seminário Internacional. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2005.

_____. **Desenho e desígnio: O Brasil dos engenheiros militares (1500-1822)**. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2003. (Tese de Doutorado).

CALADO, Frei Manuel. **O Valoroso Lucideno e o triunfo da liberdade (1648)**. Recife: FUNDARPE, 1985.

CALDAS, José e CARVALHO, Murilo. **Baixo São Francisco – The Lower São Francisco River**. Rio de Janeiro: DDesenho, 1993.

CARDIM, Fernão. **Tratados da terra e gente do Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980.

CARDOSO, Sérgio. **O olhar dos viajantes**. In: NOVAES, Adauto. *O olhar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

CARNEIRO, A. R. S. **Métodos de análise dos bens materiais naturais e culturais visando à conservação**. In: ZANCHETI, S. M. (org). *Gestão do Patrimônio Cultural Integrado*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2002.

CARNEIRO, A. R. S. e MILET, V. **Método de análise dos bens imateriais e método de leitura da imagem de uma área urbana para sua reabilitação**. In: ZANCHETI, S. M. (org). *Gestão do Patrimônio Cultural Integrado*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2002.

CAROATÁ, José Próspero S. **Crônica do Penedo**. Maceió, Ed. Do Departamento Estadual de Cultura, 1962.

CARVALHO, Orlando. **O rio da unidade nacional. O São Francisco**. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1937.

CARVALHO, Orlando Magalhães. **O rio da unidade nacional: o São Francisco (reportagem ilustrada)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

CARVALHO, Murilo. **Oparapitinga: rio São Francisco**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

CASAL, Pe. Manuel Aires. **A Corografia Brazilica, ou Relação Histórico-Geografica do Reino do Brazil, composta e dedicada a Sua Magestade Fidelíssima por hum presbítero secular do Gram Priorado do Crato**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1976.

CORBIN, Alain. **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

COSGROVE, D. **A geografia está em toda parte: cultura e simbolismos nas paisagens humanas**. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (org). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2004.

COSTA, L. M. **Águas urbanas: os rios e a construção da paisagem**. In: VI ENEPEA - Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura, 2003, Recife. VI ENEPEA - Construção da Paisagem Brasileira. Recife : Universidade Federal de Pernambuco, CD-ROM, 2003.

COSTA, L. M. e MONTEIRO, P. M. In: DEL RIO, V.; DUARTE, C.R. e RHEINGANTZ, P.A. (org) **Projeto do Lugar: colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002, pp. 291-298.

COSTA, Maria Helena Braga e Vaz da, VALENÇA, Márcio Moraes (org.). **Espaço, cultura e representação**. Natal: EDUFERN - Editora da UFRN, 2005.

DANTAS, Eustódio Wanderley Correia. **Mar à vista: Estudo da maritimidade em Fortaleza**. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

D. Pedro II. **Diário da viagem ao norte do Brasil**. Livraria Progresso Editora.

DUARTE, Cristóvão F. **“Belém, cidade das águas grandes”**. In Costa, L.M.S.A (org) Rios e Paisagem Urbana em Cidades Brasileiras. Rio de Janeiro: Viana & Mosley Editora / Editora PROURB, 2006.

ECO, U. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

Enciclopédia Municípios de Alagoas. Instituto Arnon de Mello. 2006.

FELDMAN-BIANCO, Bela e LEITE, Miriam L. Moreira (orgs.). **Os desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

FONTENELLE, E. R. H. **Os rios urbanos e a dinâmica da paisagem: a inserção do Rio Carioca na Cidade do Rio de Janeiro**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

FREIRE, Francisco de Brito. **Nova Lusitânia – história das guerras brasileiras**. São Paulo: Beca Editora, 2004. (cd-rom)

GALINDO, Marcos. **“O Brasil e o Sonho”**. In: Eu, Maurício – Os espelhos de Nassau. Catálogo da exposição. Recife: Instituto Cultural Bandepe, 2004.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. **Tratado da terra e história do Brasil (1576)**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1995.

GARDNER, George. **Viagens no Brasil, principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante nos anos de 1836-1841**. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1942.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia das letras, 1989.

GRANDE, José. **O rio São Francisco, o maior rio genuinamente brasileiro**. Recife: s/ed., 1949.

GUERRA, Flávio. **Os caminhos do São Francisco**. Recife: Secretaria do Estado e Cultura, 1974.

HALFELD, Henrique Guilherme Fernando. **Atlas e Relatório concernente a exploração do Rio São Francisco desde a Cachoeira da Pirapora até o Oceano Atlântico**. Rio de Janeiro, 1860.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 18. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1984.

_____. **Visão do Paraíso**. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000.

JODELET, D. In: DEL RIO, V.; DUARTE, C.R. e RHEINGANTZ, P.A. (org). **Projeto do Lugar: colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002.

KAHTOUNI, Saide. **Cidade das águas**. São Paulo: RiMa, 2004.

KAISER, Gloria e WAGNER, Robert. **Thomas Ender: Expedição ao Brasil 1817**. Áustria, 1994.

KIDDER, Daniel P. **Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil (Províncias do Norte)**. São Paulo: Livraria Martins Editora S. A.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LACERDA, Carlos. **Desafio e Promessa: o rio São Francisco**. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1964.

LAET, Joan. **Historia ou anais dos feitos da Companhia privilegiada das Índias Ocidentais, desde o começo até o fim dos anos de 1636, por Joan de Laet (Diretor da Companhia)**. In: FREIRE, Francisco Brito. **Nova Lusitânia – história das guerras brasílicas**. São Paulo: Beca Editora, 2004. (cd-rom)

LAGO, Pedro Corrêa do. **Taunay e o Brasil: obra completa 1816 – 1821**. Rio de Janeiro: Capivara Editora, 2008.

LAGO, Pedro e Bia Corrêa do. **Frans Post (1612 – 1680) Obra completa**. Editora Capivara, 2006.

LIMA, Nestor dos Santos, Embaixador. **Águas do São Francisco**. Rio de Janeiro: Sunamam, 1983.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **La buena forma de la ciudad**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S. A., 1985.

MANN, R.. **Rivers in the City**. Nova Iorque: Praeger Publishers, 1973.

Mapeamento Cultural dos Municípios do Vale do Rio São Francisco no Estado de Alagoas. Ministério da Cultura, Prefeitura Municipal de Pão de Açúcar – AL. Alagoas, 2000.

MARX, Murillo. **Cidade no Brasil terra de quem?** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

MELO, Vera Mayrinck. **Um recorte da paisagem do rio Capibaribe: seus significados e representações**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2003.

MELLO, José Antônio Gonçalves de. **Fontes para o Brasil Holandês – a economia açucareira**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1981.

_____. **A cartografia holandesa do Recife**. Recife: Massangana, 1987.

MENEZES, José Luís da Mota. **Atlas histórico e cartográfico do Recife**. Recife: Massangana, 1988.

MÉRO, Ernani. **História do Penedo**. Arapiraca: Gráfica Maciel/Publicação da Prefeitura Municipal de Penedo, 1974.

MORENO, Diogo de Campos. **Livro que dá razão ao estado do Brasil, 1616**. Lisboa: Edições João Sa da Costa, 1999.

MUMFORD, L. **A cidade na história**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NASSAU, João Maurício de. **Cartas Nassovianas. Correspondência do conde João Maurício de Nassau. Governador do Brasil Holandês, com os estados dos Geraes (1637 – 1646)**. In: RODRIGUES, José Honório. Índice Anotado da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Pernambucano. Recife, 1961. pp.23-52.

NETO, Pe. Medeiros. **História do São Francisco**. Maceió: Casa Ramalho Editora, 1941.

OLIVEIRA, João Gualberto de. **O Rio São Francisco**. São Paulo: s. n., 1967, 3p.; 23 cm.

OLIVEIRA, Roseline. **Paisagem em palavras: a urbe pernambucana na visão dos viajantes nos séculos XVI e XVII**. In: 3 Seminário de Paisagismo Sul-Americano Paisagens Culturais múltiplos espaços, temporalidades e cotidianos, 2008, Rio de Janeiro.

PANOFSKY, Ervin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **O olhar do estrangeiro**. In: NOVAES, Adauto. O olhar. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens urbanas**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

PUDSEY, Cuthbert. **Diário de uma estada do Brasil, 1640**. Petrópolis: Editora Index, 2000.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Contribuição ao Estudo da Evolução Urbana do Brasil (1500/1720)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1968.

_____. **Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Fapesp, 2000.

ROSSI, A. **A Arquitetura da Cidade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

SACRAMENTO, Antenor A. **As margens do São Francisco**. Rio de Janeiro, São Paulo: Livraria Freitas Bastos S.A., 1965.

SALES, Apolônio. **O Rio São Francisco**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1942.

SALES, Francisco A. **Arruando para o Forte**. Recife: Bagaço, 2003.

SAMPAIO, Theodoro. **O Rio de S. Francisco e a Chapada Diamantina**. Bahia: Editora Cruzeiro, 1938.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos. **Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. 3ª edição. São Paulo: Projeto, 1985.

SANTOS, Paulo F. **Formação de Cidades no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

SAUER, C. O. **A morfologia da paisagem**. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (org). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2004.

SILVA, Maria Angélica da. **Desenhos de territórios: revendo antigas vilas e cidades através das imagens**. In: COSTA, Maria Helena Braga e Vaz da, VALENÇA, Márcio Moraes (org.). Espaço, cultura e representação. Natal: EDUFRN - Editora da UFRN, 2005.

_____. **Arquitetura Moderna: A atitude alagoana**. Maceió: SERGASA, 1991.

SILVA, Wilson Dias de. **O Velho Chico: sua vida, suas lendas e sua história**. Brasília: 1985.

SOUZA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. Comentários de Francisco Adolpho de Varnhagem. 3ª. Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

TEIXEIRA, Sávia Diniz Drumond. **ABC do São Francisco**. Brasília: Ministério da Cultura, 1990.

TOSTES, Vera Lúcia Bottrel, BENCHETRIT, Sarah Fassa, MAGALHÃES, Aline Montenegro (org.). **A Presença Holandesa no Brasil: memória e imaginário**. Livro do Seminário Internacional. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2005.

VALENTE, Aminadab. **Penedo sua história**. Maceió, s.ed. 1957.

VAN DER DUSSEN, Adriaen; J. Maurice Conte de Nassau, M. Van Ceullen. **Breve discurso sobre o estado das quatro capitanias conquistadas, de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande, situadas na parte setentrional do Brasil (1638)**. In: MELLO, José Antônio Gonçalves de. Fontes para o Brasil Holandês – a economia açucareira. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1981, pp. 77-139.

VAN DER DUSSEN, Adrian. **Relatório sobre as capitanias conquistadas no Brasil pelos holandeses - suas condições econômicas e sociais (1639)**. Rio de Janeiro: Edições Instituto do Açúcar e do Alcool, 1947.

VASQUEZ, Pedro. **A fotografia no Império**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

VERDONCK, Adriano. **Memória oferecida ao Senhor presidente e mais Senhores do Concelho desta cidade de Pernambuco sobre a situação, lugares aldeias e comércio da mesma cidade, bem como de Itamaracá, Paraíba e Rio Grande segundo o que eu, Adriaen Verdonck, posso me recordar. Escrita em 20 de maio de 1630**. In: MELLO, José Antônio Gonçalves de. Fontes para o Brasil Holandês – a economia açucareira. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1981. (pp. 35-46)

SALVADOR, Frei Vicente do. **História do Brasil 1500-1627**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1982, p. 113.

VIEIRA, F. D. **Águas Ocultas: o Rio Sanhauá e a cidade de João Pessoa**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/ PROURB, 2001.

WALBEECK, Johannes van e MOUCHERON, Henrique de. **RELATÓRIO sobre o Estado das Alagoas em outubro de 1643; apresentado pelo assessor Johannes van Walbeek e por Henrique de Moucheron, director do mesmo districto e dos districtos vizinhos, em desempenho do encargo que lhes foi dado por S. Excª e pelos nobres membros do Supremo Concelho**. In: RODRIGUES, José Honório. Índice Anotado da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Pernambucano. Recife, 1961. (153-164)